FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.102 | SEGUNDA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 2022 | R$ 5,00

Vaughn Ridley/AFP

A tenista durante a partida

BNDES paga R$ 108 mil em média a servidor por lucro

Valor, referente a 2021, é o maior nas estatais; não há irregularidade, diz banco

O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social) distribuiu um benefício médio de R$ 108,1 mil a seus empregados por meio do programa de participação nos lucros referente ao exercício de 2021. Trata-se do maior valor pago por uma estatal federal, de acordo com os dados oficiais.

A cifra corresponde a mais de quatro vezes o que pagaram no período o Banco do Brasil (R$ 27 mil) e a Caixa Econômica Federal (R$ 24,3 mil), dois bancos federais que competem entre si e com instituições privadas.

O BNDES, que é um banco de desenvolvimento, atua na prática sem concorrência.

Nem todos os funcionários da instituição federal recebem o mesmo valor por participação nos resultados, calculado com base na remuneração e em metas de desempenho. O valor mínimo ficou em R$ 13,8 mil, e o máximo, em R$ 257,3 mil. Em geral, os benefícios equivalem a três meses de salário.

O BNDES, que teve lucro de R$ 34,1 bilhões em 2021, procura retardar a devolução de R$ 103,2 bilhões que recebeu do Tesouro de forma irregular durante as administrações petistas.

Procurado, relatou que distribui participação nos lucros desde 2019, em procedimento regular. Mercado A13

ENTREVISTA DA 2ª

Gustavo Franco e Fabio Giambiagi

Maldade e angústia do Brasil cresceram

Coautores de "Antologia da Maldade 2: Epígrafes para um país estressado" dizem que a reedição da parceria iniciada em 2015, com a primeira antologia, impôs um desafio. Os grandes pensadores da humanidade continuam, mas onde havia Dilma Rousseff (PT), como comédia, agora há Jair Bolsonaro (PL), como tragédia. A12

Padrão de cuidado da saúde mental no país se altera

BRASIL NO DIVÃ

Apesar dos desafios no acesso a tratamentos de saúde mental, o país conseguiu mudar em duas décadas o paradigma deste tipo de cuidado, colocando o paciente no centro das políticas públicas. Ao mesmo tempo, ergueu polos de pesquisa e ensino da psiquiatria. Cotidiano B6

brasil sob bolsonaro

Rafaela Araújo/Folhapress

INFLAÇÃO CORRÓI 'EFEITO-AUXÍLIO' EM ELEIÇÃO MARCADA POR ESCALADA DA POBREZA

No povoado de Alagoinha (BA), família de Josefa Maria da Cruz, 62, evangélica que declara voto em Lula e reclama da alta do preço dos alimentos Política A4

PM que matou Lo estava cercado por 6, afirma defesa

Cotidiano B2

Gari usa tampinhas para fazer arte no RJ

VIDA PÚBLICA

Resíduos urbanos se transformaram em peças artísticas que compõem uma exposição de obras feitas pelo gari Oseias da Matta Santos, 50. Cotidiano B4

O coletor produziu 17 quadros e esculturas expostos no Galpão das Artes Urbanas, no Rio de Janeiro. Eduardo Anizelli/Folhapress

Bolsonaro aposta em Michelle e auxílio no início da campanha

O presidente começará a campanha com sua equipe otimista pela expectativa do impacto eleitoral com o pagamento de benefícios sociais. A estratégia inclui ampliar o papel da primeira-dama e as agendas no Sudeste. Política A8

Celso Rocha de Barros

Com setores de peso, carta elevou o preço do golpe

Política A7

Desmate avançou rumo a bolsões no atual governo

PLANETA EM TRANSE

O desmatamento nos anos Bolsonaro não só aumentou em área, na comparação com os quatro anos anteriores ao seu governo, como atingiu locais até então pouco ou nada desmatados. Ampliou a fronteira de expansão agrícola para além do arco do desmatamento e penetrou mais na floresta. Cotidiano B1

Lula pretende centrar discurso em fome e pobreza

A campanha do ex-presidente traça estratégias para conter a recuperação bolsonarista no Rio de Janeiro e em São Paulo, além dos impactos do auxílio concedido pelo governo federal. A ideia é que o petista reprise o discurso adotado até agora, com foco em temas relacionados à economia, como a fome e a pobreza. Política A8

EDITORIAIS A2

Ajuste sem reforma
Acerca de contração do gasto federal com servidor.

Cela trancada
Sobre projeto que barra saída temporária de presos.

ATMOSFERA

São Paulo hoje

	Hoje	Amanhã
Rio	14° 30°	15° 32°
Brasília	14° 29°	15° 30°
Ribeirão	15° 33°	15° 34°

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723

9 771414 572025 34102

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

João Montanaro

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Ajuste sem reforma

Necessária, queda acentuada do gasto federal com servidores foi obtida por meios precários

As três maiores despesas do governo federal —Previdência Social, encargos da dívida pública e funcionalismo— foram alvo de estratégias de ajuste muito diferentes sob Jair Bolsonaro (PL).

A mais virtuosa delas, sem dúvida, se deu com o sistema de aposentadorias e pensões por morte. Após um debate amadurecido ao longo de mais de duas décadas, uma reforma pactuada entre Legislativo e Executivo estabeleceu normas mais sustentáveis para a concessão dos benefícios, contendo o gasto a longo prazo.

A conta dos juros da dívida não está sob influência direta do governo, dado que as taxas dependem dos imperativos do controle da inflação. O que se pode fazer é manter a credibilidade da política econômica, de modo a evitar que a insegurança de investidores se transforme em custo adicional.

Nesse caso houve claro retrocesso. Em desespero eleitoral, Bolsonaro patrocinou a violação das normas de controle da despesa e deu impulso à alta dos juros —já pressionados pela escalada inflacionária global decorrente dos impactos da pandemia e da guerra na Ucrânia.

Por fim, a folha de pessoal passou por contração acentuada, que o ministro Paulo Guedes, da Economia, destacou em apresentação ao mercado financeiro, conforme noticiou a **Folha**. A despesa com servidores ativos e inativos, que em anos anteriores rondava 4,2% do Produto Interno Bruto, aproxima-se dos 3,4% na projeção oficial.

Não resta dúvida de que tal ajuste foi necessário e ajudou a evitar uma deterioração fiscal ainda pior na recessão pandêmica e neste ano eleitoral. Entretanto ele se ampara em bases precárias, tanto do ponto de vista da gestão pública como da realidade política.

O gasto com pessoal caiu principalmente devido ao represamento de reajustes salariais, num contexto de inflação acelerada —que eleva o valor do PIB e a arrecadação tributária. O governo acrescenta que reduziu o número de funcionários, o que pode ser meritório mas tem efeito imediato menor.

A economia assim conseguida tende a ser efêmera, porque cedo ou tarde o funcionalismo conseguirá elevar seus vencimentos. Recorde-se que, em 2014, o gasto com pessoal caíra a 3,8% do PIB; em apenas três anos, após reposições concedidas por Michel Temer (MDB), a cifra subiu a 4,3%.

Seja qual for o vencedor das eleições, a próxima administração enfrentará pressões dos três Poderes por reajustes, razoáveis ou não. O Supremo Tribunal Federal já se precipitou ao apresentar uma proposta de aumento de 18% para o já caríssimo Judiciário brasileiro.

Por afinidades corporativistas, Bolsonaro abandonou a reforma administrativa, que poderia propiciar uma racionalização duradoura do gasto com servidores.

Providências como revisão de salários iniciais exagerados, contratações temporárias e possibilidade de redução de jornadas de trabalho ajudariam a tornar o serviço público mais barato e eficiente.

Cela trancada

Projeto que barra liberação provisória de presos contraria evidências do quadro brasileiro

A Câmara dos Deputados abraçou uma espécie de populismo penal ao aprovar projeto que barra de forma drástica a saída temporária de detentos nas superlotadas penitenciárias brasileiras.

O texto, que voltará ao Senado, põe fim à liberação provisória de presos em regime semiaberto, amplia a competência do juiz da execução penal sobre o uso de tornozeleira eletrônica e inclui exame criminológico como uma das condições para a progressão da pena.

O período eleitoral parece dar impulso a mais uma medida que, embora aparente impor mais rigor na segurança pública, contraria os estudos acerca da realidade prisional do país. O governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), candidato à reeleição, já se manifestou contra a "saidinha".

A saída temporária, para visita à família ou estudos, está prevista na lei e serve à ressocialização das pessoas privadas de liberdade.

Manter todos os condenados em instalações insalubres é, além de desumano, ineficaz —para nem falar de dúvidas constitucionais em debate no Supremo Tribunal Federal. Facções criminosas que dominam os presídios terão mais mão de obra a seu dispor.

A saída não é realizada sem critério, tampouco representa grave ameaça à ordem pública. Só tem direito a ela o preso do regime semiaberto que já cumpriu ao menos um sexto da pena, se primário, ou um quarto, se reincidente. Outro requisito é bom comportamento.

A defesa da proibição se ampara em temores compreensíveis, de quando em quando reforçados por episódios de crimes cometidos por detentos beneficiados. Cumpre, porém, considerar um quadro mais amplo.

Embora não desprezível, a proporção de presos que não retornam da saída temporária é relativamente baixa. Em São Paulo, por exemplo, cerca de 95% dos favorecidos no Natal de 2020 voltaram à prisão. Condenados por crime hediondo com morte não têm direito ao benefício desde 2019.

Políticas públicas sempre podem ser aperfeiçoadas, mas com atenção a evidências e resultados esperados —não ao apelo popular imediato das medidas.

Liberdade esfaqueada

Lygia Maria

Na última sexta-feira, um escritor foi esfaqueado apenas por ter publicado um livro considerado ofensivo por líderes de uma religião. Chega a ser surreal que isso aconteça em pleno século 21. Salman Rushdie foi vítima da fatwa, decreto que o aiatolá Khomeini, líder supremo do Irã, emitiu contra o autor de "Versos Satânicos". Tradutores da obra também foram atacados nos anos 90, e impossível não lembrar do massacre perpetrado por radicais islâmicos contra cartunistas do jornal francês Charlie Ebô em 2015.

Perseguir artistas e pensadores não é exclusividade da religião islâmica. Na Idade Média, a Inquisição católica torturou e matou quem discordava dos dogmas da Igreja. O cientista Giordano Bruno, por exemplo, foi parar na fogueira, e o Índex listava livros proibidos. A lógica da Inquisição é a mesma da fatwa, a diferença é que o catolicismo passou por um longo processo de laicização, ou seja, perdeu espaço como poder de Estado.

Já países islâmicos como o Irã estão sob regimes teocráticos, nos quais a religião comanda todos os aspectos da vida dos cidadãos. Até quem está fora do regime pode sofrer ataques, como demonstram os atentados contra Rushdie e Charlie Hebdo.

Atacar a liberdade de expressão também não é exclusividade da religião. Já vimos que uma política de Estado baseada no ateísmo pode promover massacres. Como esquecer os artistas e pensadores torturados e mortos em gulags na URSS? O fundamentalismo político também não aceita o livre pensar.

Ou seja, o problema é o Estado se meter em assuntos que não devem ser da sua seara, como a expressão intelectual, artística, religiosa e política. A filosofia liberal, desde Espinosa —que, por sinal, estava no Índex católico—, passando por John Stuart Mill até hoje, alerta para a necessidade de restringir a área de atuação do poder de polícia do Estado. Sem a defesa intransigente dessa restrição, ataques bárbaros como o sofrido por Salman Rushdie continuarão a estampar os noticiários.

À espera de um milagre

Ana Cristina Rosa

As eleições gerais de 2022 ainda não ocorreram e já conseguiram produzir simultaneamente dois fenômenos distintos. Em uma frente, conectaram elite (econômica e cultural) e oposição, que vieram a público demonstrar sintonia nos atos em defesa da democracia, do Estado de Direito e da lisura do processo eletrônico de votação. Na outra, o povo —que passa fome— começou a dar sinais de encantamento com o pacote de benesses efêmeras lançado recentemente pelo governo, numa clara comprovação de que estômago vazio pode causar dor de cabeça.

Como sonhar não custa nada, a partir desta terça (16), com o início da campanha eleitoral, o desejável é que todos os candidatos se limitem aos fatos e não se deixem levar pela tentação de mascarar a realidade para obter vantagem pessoal. Sobretudo se as mentiras atentarem contra o sistema democrático.

Mas isso é muito pouco provável, quase um "milagre". Por mais que seja um desejo contido também na mobilização dos milhares de menores de 18 anos que, mesmo sem a obrigação, fizeram questão de expressar confiança no sistema eletrônico de votação e se habilitaram para participar da "festa da democracia", marcada para 2 de outubro. Além dos maiores de 70 anos que também pretendem votar.

Pelos registros do TSE, é recorde o número de pessoas aptas a participar do pleito deste ano: são mais de 156 milhões, um crescimento superior a 6% em relação a 2018. É muito, sobretudo considerando que boa parte irá às urnas por opção.

E o que toda essa gente merece são propostas perenes para enfrentar as graves mazelas nacionais relacionadas a saúde, educação, desemprego, saneamento básico, habitação, desigualdade racial, ambiente...

Uma nação na qual a fome voltou a fazer parte do cardápio não pode se dar ao desplante de ceder espaço para disseminação de bravatas e mentiras, e tem obrigação de fazer o possível para impedir que o povo seja ludibriado com benefícios fugazes. A democracia agradece.

Mickey caindo na vida

Ruy Castro

Há anos, um garoto brasileiro em visita à Disney desgarrou-se do grupo, sentiu-se perdido e pediu ajuda a um Mickey nas proximidades. Não era o Mickey verdadeiro, claro —haverá um?—, mas um funcionário legalmente fantasiado de Mickey. Para o brasileirinho, quem melhor para socorrê-lo do que Mickey, o algoz dos Irmãos Metralha? Mas o Mickey de araque ignorou-o. O garoto insistiu, e o Mickey mandou-o passear. Indignado, nosso pequeno herói deu-lhe um bico na canela que fez o pseudo-rato guinchar num pé só. Resultado: o menino foi parar na delegacia da Disney, acusado de provocar distúrbio.

A partir de 2024, isso não será mais possível. Nesse ano, Mickey não poderá mais mandar e desmandar na Disney —porque cairá em domínio público. De acordo com a lei de propriedade intelectual dos EUA, personagens fictícios deixam de ser exclusividade de seus criadores depois de 95 anos de sua criação. Donde o Mickey de pernas finas que estreou no desenho "Steamboat Willie", de 1928, cairá na praça. E, dois ou três anos depois, o Mickey mais baixinho e compacto que conhecemos, com as orelhas em diagonal e a luva de quatro dedos, desenhado por Ub Iwerks, também será do mundo.

Ub Iwerks? Como assim? Não era Walt Disney quem desenhava Mickey? Não, nunca foi. Walt também nunca desenhou Donald, criação imortal de Carl Barks, nem nenhum dos outros personagens. Durante muito tempo, isso foi segredo, porque Walt nunca lhes deu o crédito nos filmes e gibis —o que só começou a fazer quando os desenhistas foram à Justiça em busca de seus direitos.

É possível que muito do universo Disney tenha mesmo brotado da cabeça de Walt. E sabe-se que, enquanto ele viveu (1901-66), nada saiu de seu estúdio sem a sua aprovação.

Mas Walt acreditava sinceramente em Branca de Neve. Foi preciso que ele morresse para que a Disney se tornasse a corporação fria e mamute que é hoje.

Venezualização

Marcus André Melo
Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

O fantasma da venezuelização reemergiu no debate público; desta vez com o sinal trocado. Daron Acemoglu, em entrevista recente, fez paralelo entre a reeleição de Jair Bolsonaro e o fenômeno Hugo Chávez. Em 2018, a referência era ao PT. Em ambos os casos, o paralelo com aquele país é descabido.

A ciência política já identificou robustos preditores de democracia. Destaco três. A experiência com democracia ou regimes semicompetitivos, ex. França no século 19 (Dahl); renda per capita (Svolik); recursos naturais (ex. petróleo/gás) (Ross); aqui o timing é crucial: se descobertos sob democracia (Noruega), o efeito é virtuoso; do contrário, uma maldição.

Vejamos o caso da Venezuela.

A política no país foi dominada por quatro séculos (1901-1935) por Juan Vicente Gómez ("el bagre"), o arquetípico tirano caudilhesco. Chefe militar e vice-presidente após a guerra civil, ele ascende ao poder num golpe (1908). O regime é sultanístico —o irmão e o filho foram nomeados vice-presidentes— e sobreviveu até 1941.

Após curtíssimo interregno democrático (1945-48), juntas e generais governaram o país por uma década. A democracia é estabelecida pelo Pacto de Punto Fijo (1948): um arranjo de partilha de poder entre os partidos rivais, no qual cargos públicos e ministérios eram alocados por cotas.

A estabilidade democrática durou duas décadas. Sim, a renda era elevada, mas artificial, turbinada pelo boom do petróleo nos anos 70. Em repúdio à partidocracia e ao conluio das elites, Chávez funda, em 1982, o Movimento Bolivariano Revolucionário. O declínio das rendas petrolíferas produziu, em 1989, o Caracazo, que teve 2.000 vítimas. Três anos depois, dois golpes fracassados, e Chávez é preso. Carlos Andrés Perez sofre impeachment. A partidocracia ruiu.

Por trás desta dinâmica está a maldição de recursos naturais. O petróleo foi descoberto em 1914, sob Gómez. Concessões corruptas a Standard Oil e Shell fizeram dele o homem mais rico da América Latina. O "tirano que vendeu a pátria" e o bloqueio naval teuto-britânico a Caracas, por default da dívida externa (1903), forjaram o nacionalismo mais virulento da região.

O distributivismo rentista tinha como pré-requisito as rendas petrolíferas.

Uma economia inteiramente dependente do petróleo significa que o sistema político é vertebrado pelo estado e orientado para a captura daquelas rendas. Empresariado e a sociedade civil são débeis.

O espectro de venezualização é mero produto da polarização atual. No lugar de Gómez, tínhamos Epitácio Pessoa (um juiz do STF); de 1825 a 1964, nosso parlamento foi fechado por apenas sete anos (sob Vargas); sim, o pré-sal distorceu incentivos, mas não é a bacia do Orinoco.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Não somos vermes, somos sementes

Urge um debate maduro sobre o uso de drogas, sem preconceitos e achismos

Gabriella Arima e Roberto Luiz Corcioli Filho

Advogada e ativista, é diretora da Rede Jurídica pela Reforma da Política de Drogas (Rede Reforma), coordenadora do Núcleo de Política sobre Drogas e Saúde Mental da Comissão de Direitos Humanos da OAB-SP e integrante da Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas

Juiz de direito, é mestre em criminologia pela USP, membro da Associação Juízes para a Democracia (AJD) e do coletivo de promotores, juízes e defensores Repensando a Guerra às Drogas

Quem defende a legalização das drogas é verme que merece morrer, declarou recentemente o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga. A fala exemplifica nitidamente como a narrativa e a discussão no país acerca das drogas está pouco embasada na ciência e muito em preconceitos ultrapassados.

Se o objetivo é a proteção da saúde de usuários e da sociedade quanto às consequências do uso abusivo, é inequívoco o absoluto fracasso do proibicionismo —política eficaz, por outro lado, em exacerbar nossos graves problemas sociais, como o racismo, conforme mostra o livro "Na Fissura", do jornalista Johann Hari.

As consequências da guerra às drogas têm se mostrado terríveis, especialmente para pessoas negras e marginalizadas. O Brasil ocupa o terceiro lugar entre as maiores populações carcerárias do mundo, sendo a maior parte pessoas presas por crimes relacionados à Lei de Drogas e que não possuem qualquer destaque no chamado crime organizado. No geral, são jovens pobres presos com quantidades pequenas e que não agiam com violência ou ameaça.

O fracasso na promoção da saúde, na redução de danos e o incremento de graves problemas sociais já bastariam para retirar qualquer legitimidade do atual modelo proibicionista brasileiro.

Indo além, no entanto, não se pode deixar de reconhecer também a ilegitimidade da vedação do Estado sobre o que os seus cidadãos adultos decidem consumir sem danos a terceiros —inclusive porque a imensa maioria do uso de drogas, mesmo das mais demonizadas, dá-se de maneira não problemática, e não apenas ao próprio usuário, mas também à sociedade, conforme demonstra o professor Carl Hart (Columbia University) nos livros "Um Preço Muito Alto: A jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre as drogas" e "Drogas Para Adultos".

Cabe, sim, aos Estados, disseminar informações embasadas a respeito do uso consciente e dos riscos envolvidos, promovendo o adequado acolhimento das demandas de saúde e sociais —muito distante de políticas violentas, como vemos nas operações junto à chamada cracolândia, convenientemente e falaciosamente reduzida a um problema de determinada droga.

Já retirar o direito individual à autodeterminação, lançando à ilegalidade aqueles que desejam usufruir de efeitos e experiências pessoais que julguem positivas (inclusive sob o prisma terapêutico, como mostrado na série "Como Mudar sua Mente", da Netflix), longe está do papel esperado por parte de Estados democráticos e pluralistas.

São tais fundamentos que vêm amparando a legalização e a discussão sobre diversas drogas em inúmeros países, possibilitando que, em razão da regulamentação, sejam criadas políticas de prevenção eficazes e se evite danos a terceiros e a usuários, expostos, na ilegalidade, a substâncias adulteradas ou com grau de pureza incerto —a favorecer overdoses evitáveis, por exemplo.

É inaceitável que os defensores do antiproibicionismo, baseados em vasta literatura e considerando inúmeras evidências científicas e sociais, sejam chamados de vermes.

Não nos surpreende, no entanto, a infeliz declaração vir do primeiro escalão do atual governo federal, que se orgulha do pouco caso que faz de uma mínima racionalidade e menospreza o debate público, colocando-se do lado oposto dos que cultivam valores democráticos.

Precisamos fazer um debate maduro sobre o uso adulto de drogas. Sem preconceitos e achismos pessoais. Com respeito à saúde (em seu conceito amplo, que não diz respeito somente à ausência de doenças) e aos direitos individuais. Como mostra o professor Hart, o problema não está nas drogas —afinal, a humanidade caminha com elas há milênios—, mas sim nos contextos sociais e econômicos problemáticos em que as pessoas estão inseridas. Não é demonizando-as que a sociedade brasileira conseguirá jogar para debaixo do tapete graves problemas decorrentes da desigualdade social e do racismo.

Em resposta à tal declaração: nós não somos vermes, ministro, somos sementes que carregam a esperança de implementar políticas públicas de drogas legítimas, racionais e humanizadas. A esperança de um futuro em que estejam garantidos os direitos humanos coletivos e individuais. E não somos poucos. Germinamos, crescemos e nos espalhamos mais a cada dia.

[...]

Nós não somos vermes, ministro, somos sementes que carregam a esperança de implementar políticas públicas de drogas legítimas, racionais e humanizadas. A esperança de um futuro em que estejam garantidos os direitos humanos coletivos e individuais. E não somos poucos

O jornal e sua importância na escola

Bem informado, estudante se sente inserido e parte ativa da sociedade

Jaqueline De Grandi

Pedagoga e jornalista, é coordenadora pedagógica no jornal Joca, publicação para crianças e adolescentes

"Vocês foram até o Sol para saber como ele é e escrever uma notícia?"

Fui recebida com esta pergunta pelos alunos do 4º ano de uma escola municipal de Boa Vista, Roraima. A autora da questão se referia à matéria que tinha lido sobre o Sol, publicada em um jornal especializado em levar notícias para o público infantojuvenil. Vários outros questionamentos vieram depois desse. Os estudantes queriam saber como se faz um jornal, como é impresso e onde os jornalistas buscam as informações, além de comentarem sobre as seções que mais gostavam e as notícias que tinham lido em casa com suas famílias.

Esse bate-papo com os alunos aconteceu durante a visita que fiz à capital de Roraima para realizar uma formação de professores da rede municipal de ensino. O assunto foi sobre como potencializar o uso do jornal na escola.

Mas qual é a importância de se trabalhar com o jornal na sala de aula?

Por ser um portador de texto que traz informações sobre as atualidades por meio de diferentes gêneros da esfera jornalística, podemos considerar o jornal como janelas, sejam elas de papel ou virtuais. Através delas o leitor pode ultrapassar os muros da escola e entrar em contato com o que está acontecendo no Brasil e no mundo.

E o jornalismo voltado para o público infantojuvenil, ao utilizar linguagem adequada para essa faixa etária, traz grande contribuição, pois garante o entendimento e o contexto do que está acontecendo, levando o jovem leitor a compreender a sociedade ao seu redor. Os estudantes de Boa Vista, por exemplo, por meio de notícias sobre a atual realidade da Venezuela e dos refugiados e migrantes, ganham a oportunidade de compreender melhor a vida de colegas que podem estar na mesma turma que eles.

Quando tem a chance de se informar por meio de um veículo de imprensa adequado, a criança se sente inserida na situação, percebe que as notícias também são produzidas para ela —o que, por consequência, proporciona que se veja como parte integrante e ativa da sociedade. É o que os educadores promovem ao realizar frequentemente rodas de leitura e comentários sobre as matérias com linguagem adequada ao público infantojuvenil ou quando elaboram a produção do jornal da turma tendo como referência as leituras jornalísticas realizadas.

De acordo com a pesquisadora Délia Lerner, precisamos ensinar os alunos a ler e a escrever os gêneros textuais reais da mesma forma como fazem os leitores e escritores adultos ou do mundo fora da escola. Além disso, saber que estão produzindo um texto que não ficará esquecido dentre as páginas de um caderno e que poderá ser lido por muitas pessoas, e não apenas pelo professor, torna o trabalho muito mais significativo e envolvente. É a realidade trazida pela leitura de notícias, na ponte que o jornal cria entre a escola e a mundo.

[...]

O jornalismo voltado para o público infantojuvenil, ao utilizar linguagem adequada para essa faixa etária, traz grande contribuição, pois garante o entendimento e o contexto do que está acontecendo, levando o jovem leitor a compreender a sociedade ao seu redor

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Painel instalado em edifício residencial de Porto Alegre
Helder Martins/Ohidrone

Painel?

É absolutamente ridículo que uma agência de publicidade se preste a esse papel ("Painel gigante para 7 de Setembro em Porto Alegre associa esquerda a bandido e PCC", Política, 13/8). Mais ridículo é o síndico do prédio ter autorizado a veiculação. De todo jeito, ainda que o painel seja retirado, o objetivo do autor foi alcançado: a mensagem está nos computadores do Brasil inteiro.
Danilo Meira (Ribeirão Pires, SP)

*

Não há mentira nesse painel.
Felipe Teixeira (São Paulo, SP)

*

A faixa é toda errada. É a favor da vida, mas celebra a morte. É a favor da polícia, mas autoriza o PCC a comprar armas de forma legal e barata. O PCC nem precisa mais traficar arma, basta comprar na loja. É a favor da ordem, mas já teve escândalo de narcotráfico na Espanha em avião presidencial. É a favor da liberdade, mas adora censurar, mandando jornalista calar a boca.
Lucie Spark (Bauru, SP)

Carta, atos e Zé Pequeno

É engraçado ver o raciocínio bolsonarista ("Bolsonaro compara ato pró-democracia a carta contra drogas assinada por Zé Pequeno", Política). Se dizem democratas e querem o fim do STF. Dizem defender a democracia, mas, se não ganharem as eleições, não aceitarão. Se declaram democratas, mas pedem a extinção de partidos opositores e prisão de rivais. Falam de democracia, mas clamam por governo militar e fechamento do Congresso. Seria cômico, se não fosse trágico.
André Ribeiro dos Santos (Barra Mansa, RJ)

*

Em país de 220 milhões de habitantes, querer impor ao povo a ideia de que um panfleto redigido por velhos gagás, assinado por pouco menos de 1 milhão de pessoas (boa parte nem sabe do que se trata), representa o pensamento de uma maioria é chamar os brasileiros de idiotas. Ademais, parem com esse negócio de Estado Democrático de Direito, parece mais slogan de Casas Bahia.
Paulo Roberto A. Lima (Belo Horizonte, MG)

*

Quando os deuses querem destruir alguém eles começam por tirar a sanidade. Bolsonaro está à beira de um ataque de nervos, desesperado.
Soraya T. Colmenarez (Caxias do Sul, RS)

*

Se Bolsonaro se dá ao trabalho de comentar, é porque teme seu efeito.
Renata de Souza Carvalho (São Paulo, SP)

*

Como ex-aluno da Faculdade de Direito da USP e ex-acadêmico do 11 de Agosto, endosso "ipsis litteris" as manifestações nas arcadas. Não há dúvida que objetivaram a defesa da democracia. Nasci na ditadura Vargas, vivi na pretensa liberdade entre 1945 e 1964, sempre com manifestações golpistas, até em 1961 com a renúncia de Jânio Quadros, quando eu servia a pátria no Exército, e sei que os detentores do poder pretendem ignorar a Constituição.
Carlos Gonçalves de Faria (São Paulo, SP)

Escritor esfaqueado

Na falta de educação (mais ampla possível!), sobra fanatismo religioso ("Salman Rushdie deve perder olho e teve braço e fígado atingidos, diz agente", Ilustrada, 13/8)!
Antonio Alencar (Brasília, DF)

*

É impossível viver sempre numa bolha de segurança. Nesse evento ela estava claramente relaxada. O assassino, inclusive, se anunciava pelo nome: Hadi Matar.
José Cardoso (Rio de Janeiro, RJ)

Saneamento básico

Se ilude quem crê no Estado mínimo, essa figuração só serve para países ricos e pequenos ("PPPs de saneamento devem bater recorde em 2022, dois anos após novo marco legal", Mercado, 13/8). O Brasil ainda precisa da intervenção forte do Estado, destinar grandes recursos nas áreas da saúde e educação. Não será a iniciativa privada que irá eliminar a desigualdade e prover o desenvolvimento social! O privado pensa no lucro no capital, e o Estado no social, no cidadão. PPP nos moldes desse modelo do ministro Guedes só aumenta desigualdades e pobreza.
Moises Gama (São Paulo, SP)

*

Incrível, a **Folha** divulgando boa ação do atual governo! E sem a adversativa "mas" no meio da notícia.
Daniel Poço (São Paulo, SP)

A dor de uma refugiada

Nem imagino a sensação de vazio e despertencimento dessa moça em um país de cultura, idioma e costumes diferentes do seu, além da imensa saudade que deve sentir de sua família ("Decidi me matar se o Talibã me sequestrasse, diz fotógrafa afegã refugiada em SP", Mundo, 13/8). Mas, por outro lado, que bom ter tido acolhimento no Brasil, pode ser que consiga ressignificar e refazer sua vida e projetos.
Geísa Chagas (Fortaleza, CE)

*

Os religiosos costumam execrar os suicidas. Quaisquer sofrimentos no suposto mundo espiritual não devem ser piores do que a situação de uma mulher ficar sob os talibãs.
Vanderlei V. Ribeiro (Rio de Janeiro, RJ)

A varíola e a ira

A violência cometida contra os macacos de forma atroz, através de apedrejamento e envenenamento, devido à associação do nome de varíola dos macacos com a doença, como ocorreu em 2019 com o surto de febre amarela no RJ, necessita de ação conjunta da imprensa, para ajudar a divulgar informação correta e ajudar a proteger esses animais. A sociedade está muito violenta e a agressão aos animais nada mais é do que expressão dessa violência, usando como justificativa medo da doença a partir de desinformação.
Tatiana Tavares da Silva (Rio de Janeiro, RJ)

A Mulher da Casa Abandonada

Se o Queiroz, que aparecia toda hora em churrascos e encontros, não foi encontrado, imagine essa mulher que morava escondida ("Justiça brasileira investigou Margarida Bonetti por 5 anos, mas nunca a encontrou", Cotidiano, 13/8).
Fernando Coli (Americana, SP)

*

O crime está prescrito, e o sensacionalismo da mídia corre solto. Provocar ódio popular contra alguém que nesse momento nada deve a ninguém ou a Justiça (repito, o crime está prescrito) espelha um lamentável uso do jornalismo para fins sensacionalistas. Deixem a idosa com os problemas dela.
Caio Milani (Holambra, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

ILUSTRADA (13.AGO, PÁG. C6) Diferentemente do que foi afirmado na coluna 'É Hoje em Casa', o debate dos candidatos a governador de São Paulo a ser transmitido pela TV Cultura acontecerá em 13 de setembro, e não em 13 de agosto.

política

PAINEL | **Fábio Zanini**

painel@grupofolha.com.br

Chá de sumiço

O ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos) não menciona Jair Bolsonaro (PL), seu padrinho político, no programa de governo da candidatura ao Governo de SP. Seja pelo nome ou pelo cargo, o presidente não é citado em nenhuma das 43 páginas do texto. Reportagem da **Folha** mostrou que Tarcísio tem sido chamado de traidor por aliados de Bolsonaro, que afirmam que ele esconde o presidente na campanha. Lula (PT) aparece cinco vezes no programa de Fernando Haddad (PT).

ESTRATÉGIAS O petista associa seu nome ao do ex-presidente de diferentes formas no texto: "com Lula e Haddad", "a parceria de Haddad com Lula". O governador Rodrigo Garcia (PSDB) também não menciona João Doria (PSDB), de quem tenta se dissociar há meses.

ESQUECE ISSO Tarcísio também optou por se afastar da retórica bolsonarista no programa e passou longe de temas de ampla ressonância nas alas mais radicais, como armas e aborto.

UNHA E CARNE Em nota, a assessoria do ex-ministro afirma que usar a ausência de menção ao presidente no programa é tentativa partidária e desonesta de dissociá-los e que a presença já constante de Bolsonaro será ainda maior durante a campanha.

COLCHÃO O programa de governo que Simone Tebet (MDB) entregará ao TSE nesta segunda (15) prevê a criação da Poupança Seguro Família, que seria abastecida pelo poder público e poderia ser utilizada pelos empregados sem carteira assinada em momentos de queda na renda. "É uma espécie de FGTS do trabalhador informal", diz a presidenciável.

QUEM FOI Paulo Skaf registrou boletim de ocorrência e quer uma investigação sobre a inclusão de seu nome na lista de apoiadores da Carta aos Brasileiros, que foi lida na Faculdade de Direito da USP na quinta-feira (11) e que conta com mais de 1 milhão de adesões.

FAKE Como revelou o Painel, o ex-presidente da Fiesp diz que usaram seus dados de maneira fraudulenta e que não assinou a carta da USP nem a da Fiesp.

DEVOLVER AO... O abaixo-assinado online pedindo que o ministro Paulo Guedes seja indicado ao prêmio Nobel de Economia por enquanto passou despercebido pelas autoridades que concedem a honraria, na Suécia. A petição reunia até domingo (14) quase 25 mil assinaturas e foi compartilhada por Flávio e Eduardo Bolsonaro, ambos do PL.

...REMETENTE O documento é endereçado a duas assessoras de imprensa, que dizem ao Painel que não têm poder decisório em relação ao prêmio. "É um trabalho independente, feito pelas instituições que concedem o prêmio", afirma Rebecka Oxelstrom, por email.

ROLETA O ministro do STF Alexandre de Moraes foi o sorteado para relatar a ação na qual o PSB cobra Jair Bolsonaro por sua atuação no combate à varíola dos macacos. O partido pede que o STF autorize os estados a tomarem as medidas necessárias, inclusive, a vacinação compulsória.

BARREIRA A Procuradoria Regional Eleitoral em SP ingressou com uma ação de impugnação da candidatura a deputada federal da ex-promotora Gabriela Manssur (MDB), conhecida por atuar em casos como o do médium João de Deus e o do empresário Samuel Klein.

CALENDÁRIO A alegação é que ela teria pedido exoneração do Ministério Público em julho, a menos de seis meses das eleições, contrariando a lei. Manssur diz que estava de licença antes de sua saída e que então teria cumprido o prazo de desincompatibilização. Ela ainda apresentará defesa e o caso será julgado pelo TRE-SP.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
352.428 exemplares (junho de 2022)

Josefa Maria da Cruz, 62, (de marrom), que critica a alta dos alimentos e votará em Lula Fotos: Rafaela Araújo/Folhapress

Inflação corrói bondade eleitoral e deixa incerteza após escalada da pobreza

Em bolsões de pobreza no Nordeste e no Centro-Oeste, desalento e esperança impulsionam decisão em meio a auxílio de Bolsonaro

BRASIL SOB BOLSONARO

João Pedro Pitombo

BAHIA E SERGIPE O sol atravessa os furos do toldo que cobre o local onde André Rosendo Lapa, 17, está curvado por cima de uma pedra com um martelo em uma das mãos e uma estaca na outra. A martelada produz um som agudo da batida do ferro na pedra, quebrada em partes iguais até se tornar um paralelepípedo.

Ao lado, seu pai, José de Souza, 50, realiza o mesmo ofício. A meta é produzir por semana 1.000 paralelepípedos, cuja venda a atravessadores é a principal fonte de renda da família. O complemento vem do Auxílio Brasil, reajustado por três meses de R$ 400 para R$ 600 às portas da eleição presidencial.

A mudança não fez Souza rever seu voto, assim como a maioria de seus vizinhos em Coronel João Sá, cidade de 17 mil habitantes do norte da Bahia, onde mais de 90% da população vive na pobreza e na extrema pobreza. Numa eleição marcada pela piora das condições de vida e pela insegurança alimentar, o pacote de bondades que inclui o reajuste temporário do auxílio é colocado em xeque como tática eleitoral.

A inflação que corrói o poder de compra e o desalento gerado por falta de oportunidades são os principais obstáculos para transformar a renda extra em votos para o presidente Jair Bolsonaro (PL) nos redutos mais pobres. De 2019 a junho de 2022, a inflação registrou alta de 26,5% no Brasil, de acordo com o IBGE, escalada puxada pela alta dos alimentos.

O país também vive um retrocesso na segurança alimentar, com 33 milhões de pessoas passando fome, segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.

No povoado de Alagoinha, em Coronel João Sá, Noélia Maria da Cruz, 35, bota água na panela para fazer render o feijão-verde que cozinha no fogão à lenha. O fogão a gás, cujo preço do botijão chega a R$ 130 na região, só é usado em preparos rápidos, como ferver água para fazer café. O marido, Élcio Batista dos Santos, 40, também quebra pedras. Como não tem um terreno próprio, compra as pedras inteiras em áreas de terceiros e trabalha para pagar o investimento, restando uma pequena margem de lucro.

José de Souza, 50, na pedreira em Coronel João Sá (BA)

O Auxílio Brasil completa a renda, mas os gastos incluem alimentos, gás, água, energia, além de despesas com os filhos de 15 e 4 anos. A conta não fecha. "Botam esse auxílio aí, mas não acompanha a inflação, aí não adianta nada. Você pega R$ 600 e vai ao mercado, não dá para fechar o mês", afirma Élcio, que não vê em Bolsonaro um presidente que trabalha para os pobres: "Não tem um rico que ache ele ruim".

> **Botam esse auxílio aí, mas não acompanha a inflação, aí não adianta nada. Você pega R$ 600 e vai ao mercado, não dá para fechar o mês**
>
> **Élcio Batista dos Santos, 40**
> morador de Coronel João Sá, na Bahia

Na casa em frente vivem Josefa Maria da Cruz, 62, e seu marido, José Américo da Cruz, 62, o Dequinha. A família se tornou evangélica, e, desde então, ele deixou de se apresentar nos forrós para tocar sanfona nos cultos da pequena igreja erguida na comunidade.

Na família, contudo, é o bolso, não a religião, o fator decisivo para o voto. Josefa, que evita conversar sobre política com o pastor, critica a alta dos alimentos e afirma que votará no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Filha do casal, Naldira Maria da Cruz, 34, vai na mesma linha: "Vou votar no Lula, e seja o que Deus quiser. Já estamos morrendo mesmo".

O apoio a petistas é quase uma regra na cidade desde 2006. Há quatro anos, Fernando Haddad teve 87% dos votos no segundo turno presidencial. No primeiro, o governador Rui Costa teve 92%.

A geografia do voto local é complexa e gera arranjos pouco ortodoxos. Neste ano, o prefeito Carlinhos Sobral (MDB) apoiará Jerônimo Rodrigues (PT) ao governo. Mas para deputado federal está fechado com Roberta Roma (PL), mulher de João Roma (PL), ex-ministro de Bolsonaro e candidato a governador.

Sizino Alves, 62, votará nos nomes apoiados pelo prefeito, mesmo que antagônicos, mas diz que só não seguirá Sobral caso ele peça voto em Bolsonaro. O aposentado, que votará em Lula pela primeira vez, justifica a escolha devido à inflação que deixou "o diesel mais caro que a gasolina" e ao aumento do Auxílio Brasil próximo à eleição. "Aumentar só por três meses? Por que não deu logo um ano para trás?"

A percepção do reajuste do auxílio como medida eleitoreira é recorrente. Pesquisa Datafolha realizada em julho aponta que, para 61% dos eleitores, o pacote de benefícios tem como principal objetivo ganhar votos para Bolsonaro. Outros 56% consideram insuficiente o valor de R$ 600.

Do outro lado da divisa, o cenário é semelhante. Dados do IBGE apontam Sergipe como o estado brasileiro em que a pobreza mais cresceu de 2020 para 2021: 12,5 pontos percentuais.

Continua na pág. A6

Inflação corrói bondade eleitoral e deixa incerteza após escalada da pobreza

Continuação da pág. A4

Moradores de Pedra Mole, município de 3.000 habitantes no oeste sergipano, Fabiana Oliveira, 20, e Emerson Fontes, 21, estão desempregados e dependem do Auxílio Brasil e de um benefício estadual. Da renda familiar mensal de R$ 530, cerca de R$ 110 são gastos com latas de leite em pó para a filha de seis meses.

A vizinha Silvanira dos Santos, 31, também depende do Auxílio Brasil para gastos básicos. Com o programa, paga R$ 200 do aluguel da casa, e o que sobra vai para energia, alimentação, gás e remédios. O fornecimento de água foi cortado por falta de pagamento. Mesmo com queixas devido à escassez de recursos, ela classifica o governo Bolsonaro de regular: "Não acho que está ruim, mas também não está lá essas coisas. Teve esse auxílio que ajudou várias pessoas, se não tivesse nada era pior".

Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pedra Mole, José Ednaldo dos Santos, 40, votou em Bolsonaro em 2018 e afirma que deve repetir o voto. Ele elogia Lula por programas como o Prouni, que permitiu ao filho dele se formar em direito. Mas diz não ter críticas a Bolsonaro. "Não gosto de fanatismo. Governantes do passado têm programas excelentes, e esse governo também não deixa a desejar."

José Pereira da Silva, 58, que vende coentro de porta em porta em Pedra Mole, também é eleitor de Bolsonaro. Ele afirma que os apoiadores de Lula são maioria na cidade, mas que o reajuste do Auxílio Brasil pode fazer a diferença na eleição. É o mesmo diagnóstico dos candidatos bolsonaristas a governos estaduais na região. Não à toa, João Roma ancorou a narrativa de sua campanha no benefício.

Em um vídeo, percorre um mercado ao lado de uma dona de casa e diz que os R$ 600 mensais do programa são superiores à média do Bolsa Família e dão para "comprar até picanha". O candidato a governador Jerônimo Rodrigues (PT) fez vídeo semelhante, mas com argumentação oposta. No mercado, compara os preços dos itens da cesta básica aos valores dos mesmos produtos em governos petistas.

Mas nem o aumento do Auxílio Brasil hoje nem a lembrança de benefícios do passado são capazes de, sozinhos, decidirem o voto, aponta o sociólogo Antônio Lavareda, do Ipespe (Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas). "As pessoas não votam para expressar gratidão. Consciente ou inconscientemente, o voto tem mais a ver com quem será capaz de melhorar a vida no futuro", afirma.

Ele diz acreditar que o auxílio pode melhorar a avaliação do governo entre os cerca de 20 milhões de potenciais beneficiários, mas com efeito limitado. Em geral, poderá convencer aqueles que já tendiam a votar em Bolsonaro, mas estavam em dúvida.

As chances de reversão de votos de eleitores de Lula para Bolsonaro são pequenas. "É possível que Bolsonaro convença eleitores de que vai manter [o auxílio em R$ 600]. Mas é muito mais difícil convencer que Lula também não manteria, até pela imagem dele que se solidificou ao longo do tempo."

Além disso, há a possibilidade de que o "Auxílio Brasil turbinado" resulte em um efeito eleitoral adverso em um contingente que chega a 47 milhões de pessoas: aqueles que receberam o auxílio emergencial durante a pandemia e agora não têm acesso a nenhum benefício social.

José Antônio de Souza, 36, constrói barraco para a mãe em Campo Grande *Silvia Frias/Folhapress*

Escalada de preços pressiona até bolsão bolsonarista em grandes centros do país

CAMPO GRANDE (MS) A alta da inflação também deixa marcas nos grandes centros, incluindo regiões de viés bolsonarista, como Sul e Centro-Oeste. Campo Grande (MS), por exemplo, registrou 31% de inflação acumulada de janeiro de 2019 a junho de 2022. É o maior índice entre 15 capitais, além do Distrito Federal, monitoradas pelo IBGE.

A cidade, que deu 71% dos votos a Jair Bolsonaro no segundo turno em 2018, vê crescer os bolsões de pobreza na periferia. Sem emprego, Gleicy Garcia, 28, passou a fabricar produtos caseiros de limpeza para vender na Comunidade Esperança, grupo de barracos ao lado de um lixão desativado em Campo Grande.

Ela e o marido se mudaram para a comunidade há seis anos, após ficarem sem condições de comprar comida e pagar o aluguel. No barraco de madeira, eles vivem com seis crianças: o enteado de Gleicy, de 12 anos, e os filhos do casal, de 1, 3, 4, 6 e 9 anos.

Para sobreviver, a família conta com R$ 400 do Auxílio Brasil e R$ 53 do benefício estadual Vale Gás, além do faturamento incerto dos produtos de limpeza, os bicos do marido e as escassas doações.

A vizinha Tânia Borges, 36, que vive com o marido e três filhos, deixou de comprar alguns itens, como queijo. Carne de primeira virou luxo e foi substituída pela moída ou por frango. A produção de carne, uma das âncoras da economia de MS, detentor do quarto maior rebanho do país, é uma das responsáveis pelo desempenho das exportações que, de janeiro a maio, somaram US$ 3,4 bilhões, alta de 17%.

A contradição entre a riqueza da pecuária e a fome dos bolsões de pobreza no Centro-Oeste ficou simbolizada no estado vizinho de Mato Grosso, onde famílias pobres enfrentam filas para recolher ossos e restos de carcaças de boi doados por açougues em Cuiabá. Emblemática, a situação chegou ao debate eleitoral em MT.

Candidato à reeleição, o governador Mauro Mendes (União Brasil) disse que os ossos são de qualidade e rendem "pratos deliciosos".

A pobreza cresceu no Centro-Oeste e registrou um recorde atípico. Historicamente, de 7% a 8% da população da região vivem em situação de pobreza, percentual que chegou a 11% no ano passado, de acordo com levantamento do IMDS (Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social) com dados do IBGE.

Também houve escalada de preços em redutos bolsonaristas na região Sul. Curitiba, por exemplo, registrou a maior inflação entre as capitais pesquisadas no ano de 2021. No acumulado entre janeiro de 2019 e junho deste ano, a cidade teve o terceiro maior índice, com 29,3%. Entre os estados do Sul, o Paraná foi o que registrou maior crescimento da pobreza de 2020 para 2021, segundo o IMDS.

Em outubro do ano passado, o governador Ratinho Júnior (PSD) turbinou ações sociais e lançou um programa de transferência de renda com repasses de R$ 80 mensais a famílias mais pobres. Ele disputará a reeleição com apoio de Bolsonaro, que obteve 68% dos votos no estado no segundo turno de 2018.

Na Comunidade Esperança, em Campo Grande, José Antônio de Souza, 36, trocou o frango por salsicha e diz que o salário só dá para comprar comida. Desiludido, afirma que Bolsonaro "governa para os que têm dinheiro", mas não pensa em dar nova chance a Lula (PT) —quer um candidato "que não passou pela Presidência".

Tânia Borges, apesar de criticar o governo, diz que vai votar em Bolsonaro, pois "hoje está melhor que antes". Gleicy ainda está em dúvida e se mostra preocupada com o Legislativo. "Não depende só de quem ganhar. Aprendi que tudo depende do Congresso. Tem que pensar muito." **João Pedro Pitombo e Silvia Frias**

Coligação de Bolsonaro tem disparada e passa de 4 mil candidatos

Perto do fim de registros, PL dobra postulantes; PP e Republicanos crescem 60%, e PT de Lula indica queda

Ranier Bragon

BRASÍLIA Apesar de o registro de candidatos só terminar nesta segunda-feira (15), os três partidos que integram a candidatura de Jair Bolsonaro (PL) já registram um robusto aumento no número de candidatos em comparação com quatro anos atrás.

Já são mais de 4.000 nomes inscritos, o que deve elevar o centrão ao topo do ranking dos partidos com maior número de concorrentes por vaga.

O PL de Bolsonaro lidera o ranking entre as 32 legendas registradas no país, já tendo dobrado o contingente em relação a 2018 —eram até a noite deste domingo (14) 1.459 candidatos a presidente, governador, senador, deputado federal e estadual, contra 721 quatro anos atrás. Em 2018 a sigla integrou a candidatura presidencial de Geraldo Alckmin, então no PSDB, que ficou em quarto na disputa.

Logo em seguida no ranking de crescimento vêm o PTB e o PP, do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, e do presidente da Câmara, Arthur Lira —já são 1.265 candidatos, contra 758 há quatro anos.

O Republicanos, terceira sigla da coligação de Bolsonaro, está em quinto, com 1.385 candidatos (foram 857 em 2018).

Assim como o PL, PP e Republicanos também integraram a chapa de Alckmin.

Após a vitória de Bolsonaro —que nos palanques foi um crítico público do grupo, embora tenha sido filiado a ele— o centrão se aliou ao governo em 2020 e passou a ser a sua base de sustentação no Congresso, barrando a possibilidade de impeachment do presidente.

O PT de Luiz Inácio Lula da Silva registrava até este domingo uma queda de 18% no número de candidatos lançados. Há quatro anos, quando o postulante à Presidência foi Fernando Haddad, que ficou em segundo na disputa, o partido lançou 1.308 nomes. Por ora, havia o registro de 1.072.

Lula conseguiu formar a maior coligação partidária em torno de si, nove legendas (com possibilidade de ingresso de mais uma, o Pros), contra três de Bolsonaro. Com isso, a soma dos candidatos das siglas que apoiam o petista (6.465) supera as que estão formalmente em torno de Bolsonaro.

Diferentemente do caso de PL, PP e Republicanos, porém, só 2 dos 9 partidos do arco de alianças de Lula registram aumento de candidatos até agora, o PSB e o Solidariedade (cerca de 30%).

Em tese, não há garantia de que um grande número de candidatos irá resultar em uma grande quantidade de votos para as legendas, nem que o postulante à Presidência da coligação irá se beneficiar. Apesar disso, o número é um indicativo de expectativa de potencial eleitoral.

Em 2018, por exemplo, PSL (hoje União Brasil), PSOL e PT foram os que lançaram o maior número de candidaturas.

O PSL, até então uma sigla nanica, foi o partido pelo qual Bolsonaro se elegeu e também emplacou a segunda maior bancada na Câmara dos Deputados (52 parlamentares). O PT elegeu a maior bancada de deputados federais (54). O PSOL, apesar de ter um desempenho bem inferior, conseguiu dobrar a bancada de deputados federais, de 5 para 10.

Dona da terceira maior coligação presidencial neste ano (em força partidária), Simone Tebet (MDB) tem até agora um contingente de 3.714 candidatos registrados.

Das quatro legendas, o MDB, tradicionalmente campeão no número candidatos que lança, registra até agora crescimento de 14%, com 1.290 nomes. Cidadania e PSDB estão com números abaixo dos de 2018.

Fruto da fusão do PSL com o DEM, a União Brasil não lançará o número de concorrentes das duas legendas em 2018, até porque há um limite por partido, mas está em segundo no ranking nominal até agora, com 1.443 nomes.

Até a noite deste domingo, o Divulgacand, o sistema de divulgações de candidaturas e contas eleitorais do TSE, somava o pedido de registro de 25 mil candidaturas. Em 2018, o total final foi de 29.085 pedidos.

Estarão em disputa neste ano a Presidência da República, o governo dos 26 estados e do Distrito Federal, um terço das 81 cadeiras do Senado, as 513 cadeiras da Câmara dos Deputados e as vagas nas Assembleias dos estados.

O pedido de registro de candidatura não significa que o político chegará apto ao dia da eleição. Caberá à Justiça Eleitoral aprovar ou não a solicitação.

Entre os 12 candidatos que se registraram para disputar a Presidência, por exemplo, dois deles correm o risco de não ir até o fim.

Roberto Jefferson (PTB) deve ter sua candidatura questionada em decorrência da condenação no caso do mensalão. O coach Pablo Marçal (Pros) também é dúvida, já que a ala que bancou a sua candidatura perdeu o controle do partido na Justiça.

Explode o número de candidatos lançados pelo centrão

*Candidaturas registradas até a noite deste domingo (14); prazo de registro termina nesta segunda (15) | **Resultado da fusão de DEM e PSL
Inclui em 2018 os candidatos da sigla que o partido incorporou após a disputa de quatro anos atrás | * Partido foi criado depois de 2018 | Fonte: Divulgacand

Aumentou o preço do golpe

Eventual ação de Bolsonaro começaria contrariando nomes da elite econômica e política

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

A "Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito" aumentou o preço do golpe. Se houver um golpe, ele já começa contrariando setores importantes da sociedade brasileira, inclusive nomes de peso da elite econômica e política. Em 1964, por contraste, os golpistas tinham vários desses setores do seu lado.

Talvez os bolsonaristas sejam tão fanáticos que topem pagar esse preço: mas ele subiu.

Após três anos de notas de repúdio, entendo quem suspeitava que a carta seria só mais um pedaço de papel. Essa suspeita não se confirmou: um pedaço de papel com 1 milhão de assinaturas não é qualquer pedaço de papel.

Se entre essas assinaturas houver gente da Fiesp e da Febraban, assim como de inúmeros populares, como se pode ver pelos dados de "ocupação" dos signatários, estamos falando de um pedaço de papel muito particular.

Há duas coisas que Jair Bolsonaro nunca fez na vida: trabalhar e entrar em briga do lado mais fraco. Que Bolsonaro não trabalha, já demonstramos na coluna de 24 de julho. Mas também é verdade que nunca entrou em briga contra gente poderosa: na ditadura, entrou no Exército, na democracia, entrou no centrão, na Barra da Tijuca, apoiou as milícias. Sempre apoia os mais fortes contra os mais fracos, e nada disso é por preconceito ou por ideologia, é por medo de levar porrada.

Por isso, inclusive, Jair não decide direito se é católico ou evangélico, porque ainda não sabe que lado vai ser capaz de oprimir o outro.

Por isso seu ídolo militar é um torturador: o torturador só entra em cena quando o inimigo já foi preso, desarmado, amarrado e não tem mais qualquer chance de se defender. É só nesse tipo de briga que Jair Bolsonaro tem coragem de entrar.

Por isso o presidente da República foi chorar no chuveiro quando viu na carta pela democracia as assinaturas da Febraban, da Fiesp, de ex-presidentes de diferentes colorações políticas, enfim, de gente que tem mais poder do que o coitado do morador de Jacarepaguá, na zona oeste do Rio de Janeiro, que tem que pagar taxa de gás para as milícias.

As adesões empresariais à carta são, enfim, uma notícia excelente. Ficou mais difícil para Jair Bolsonaro mentir que seu golpe de Estado será contra o comunismo, ou contra a venezuelização do Brasil. Os bancos viraram comunistas? A Fiesp virou comunista?

Do dia da leitura da carta para cá, ouvi gente razoável com medo de que, enquanto a esquerda e o centro democrático discursam sobre democracia, Bolsonaro ganhe a eleição com o auxílio emergencial.

Entendo o argumento, mas discordo. O risco de Bolsonaro ganhar eleição com o auxílio existiria com ou sem carta, e ninguém, espero, parou de fazer campanha junto aos pobres para assinar documento.

Mas é mais do que isso.

O auxílio, criado na última hora quando Bolsonaro teve medo de perder para Lula, prova o quanto os pobres dependem da democracia. Foi só porque teve medo de ser julgado pela imensa maioria de eleitores pobres que Bolsonaro inventou uma política social faltando três meses para a eleição.

Talvez valha a pena dizer para os brasileiros que o plano de Bolsonaro é dar um golpe para nunca mais precisar pensar em pobre, como não pensava antes de ter medo de perder para Lula.

DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel P. da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Folha lança newsletter gratuita sobre as eleições

SÃO PAULO A **Folha** estreia nesta segunda-feira (15) uma newsletter exclusiva sobre as eleições 2022. O boletim será enviado por email ao final do dia, de segunda a sexta, com os principais destaques da cobertura do jornal.

Inscritos receberão informações exclusivas, sugestões de reportagens, entrevistas e textos de análise da equipe de jornalistas da **Folha**. A newsletter é aberta para não assinantes do jornal.

A newsletter estreia um dia antes do início oficial da campanha eleitoral, que começa nesta terça (16). O primeiro turno está programado para 2 de outubro. Eleitores irão escolher governador, deputado federal, deputado estadual, senador e presidente. O segundo turno está marcado para 30 de outubro.

Além da Eleições 2022, a **Folha** tem 20 newsletters que podem ser assinadas no site.

Lula durante cortejo comemorativo em Salvador na Bahia Rafael Martins - 2.jul.22/UOL

Lula foca evangélicos, combate à fome e em contenção de rival

Alvo inicial da campanha será Sudeste, além de discurso voltado à economia e disputa de religiosos com Bolsonaro

Catia Seabra, Julia Chaib e Victoria Azevedo

SÃO PAULO E BRASÍLIA A campanha do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) traça estratégias para conter a recuperação bolsonarista no Rio de Janeiro e em São Paulo, além dos impactos do auxílio concedido pelo governo federal.

A ideia é que Lula repise o discurso adotado até então com foco em temas relacionados à economia, como a fome e a pobreza.

Pela lei, o período eleitoral começa oficialmente nesta terça-feira (16) —apesar de o clima eleitoral já estar instaurado desde o começo do ano.

A orientação é manter a luz sobre a pauta relativa à "vida do povo", comparando o atual governo com as gestões de Lula, sem cair na agenda do presidente Jair Bolsonaro (PL) e seus aliados, na seara dos costumes.

A ideia é insistir na candidatura de Lula como fruto de um movimento amplo. A coligação reúne nove partidos: PT, PSB, PSOL, Rede, PC do B, PV, Solidariedade, Avante e Agir.

Lula deverá concentrar sua campanha no Sudeste, região que reúne cerca de 42% do eleitorado. Como a **Folha** mostrou, a campanha petista constatou ofensiva do bolsonarismo em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde o ex-presidente deverá intensificar a agenda.

Os primeiros comícios de Lula serão no Sudeste. Estão previstos atos em Belo Horizonte, na próxima quinta (18), no vale do Anhangabaú, em São Paulo, no dia 20, e no Rio de Janeiro (ainda sem data definida).

Para mitigar a resistência do eleitorado paulista, a campanha conta com o vice de Lula, Geraldo Alckmin (PSB), que governou o estado por 16 anos. O ex-tucano deverá investir em segmentos como o agronegócio, o empresariado e setores religiosos mais conservadores.

A campanha também fará um esforço para atrair o voto evangélico, em que Bolsonaro avançou. A última pesquisa Datafolha, divulgada em julho, mostra que o presidente conseguiu dianteira de dez pontos em relação a Lula, nesse segmento: 43% a 33%.

O pastor Paulo Marcelo Schallenberger, convocado pelo PT para dialogar com o setor, afirma que se reuniu com Alckmin nesta semana, a pedido da campanha, e sugeriu um contra-ataque.

Primeiro, que Lula organize uma conversa nas redes sociais para "desmontar as teses" propagadas contra ele e para que o petista mostre como foi o tratamento dele ao setor evangélico durante os seus governos.

"Há uma narrativa que está sendo espalhada dentro das igrejas de demonizar a figura do ex-presidente Lula. Considero isso o novo kit gay. É preciso que a campanha faça um contra-ataque e um aceno mais direto aos evangélicos", diz o pastor.

"A história do Lula é mais forte que qualquer fake news. Foi o Lula quem, em 2003, regulamentou a lei da liberdade da organização de igrejas. Mais do que qualquer mentira, é uma demonstração clara que o respeito que o Lula tem pela liberdade religiosa e em especial pela comunidade evangélica", afirma o prefeito de Araraquara, Edinho Silva, um dos coordenadores de comunicação da campanha.

O pastor Paulo Marcelo também sugeriu a realização de um grande culto pentecostal em São Paulo com lideranças evangélicas e que conte com a presença de Lula e Alckmin. Na avaliação dele, é preciso que a campanha também use as propagandas de televisão para fazer um aceno a esse segmento.

Representantes da coordenação da campanha de Lula têm afirmado que é preciso fazer a campanha nas ruas, com alto engajamento da militância. Também avaliam que é preciso fortalecer a campanha nas redes sociais.

O apoio da cantora Anitta à candidatura de Lula e a chegada do deputado federal André Janones (Avante-MG), que desistiu de concorrer à Presidência, seriam exemplos de fortalecimento.

As conversas com a cantora, que tem 63,1 milhões de seguidores no no Instagram e 17,9 milhões no Twitter, têm sido intermediadas pela socióloga Rosângela da Silva, a Janja, que é casada com Lula.

Janones tem sugerido elementos como o uso de linguagem mais direta e informal.

"O apoio do Janones é fundamental para nossa campanha. Ele é uma liderança política que tem uma audiência fortíssima nas redes sociais e ele dialoga principalmente com a população que recebe de 0 a 5 salários mínimos, que também é a base do presidente Lula", diz Edinho Silva.

Candidato à Presidência com maior tempo de televisão, Lula deve ter cerca de 3 minutos e 20 segundos a cada bloco de 12min30seg, além de uma média de 7,5 inserções diárias de 30 segundos veiculadas nos intervalos comerciais das emissoras.

A campanha já tem em mãos uma peça publicitária que irá atribuir a Lula a gênese dos programas sociais do Brasil. Ela diz que o auxílio de R$ 600 do governo Bolsonaro tem hora para acabar e é de caráter eleitoreiro. E que ele seria permanente numa eventual gestão petista.

Apesar do desejo de vitória no primeiro turno, membros da coordenação da campanha reconhecem que é grande a chance de haver segundo turno.

Na tentativa de ampliar sua vantagem, uma estratégia do partido é atrair votos de indecisos. Segundo o ex-governador do Piauí, Wellington Dias, pesquisas mostram que, dentre os 27% que não votam em Lula nem em Bolsonaro, um terço tem o petista como segunda opção. A intenção é atrair já no primeiro turno uma fatia desse grupo.

Focos da campanha de Lula

- Manter a luz sobre a pauta relativa à "vida do povo", comparando o atual governo com as gestões de Lula
- Esforço para atrair o voto evangélico
- Fortalecer a campanha nas redes sociais, incluindo linguagem mais direta
- Primeiros comícios serão no Sudeste
- Estão previstos atos em Belo Horizonte, na próxima quinta-feira (18), no vale do Anhangabaú, em São Paulo, no dia 20, e no Rio de Janeiro (ainda sem data definida)

Bolsonaro durante a Marcha para Jesus no Rio de Janeiro Hermes de Paula - 13.ago.2022/Agência O Globo

Bolsonaro aposta em auxílio, Michelle e Sudeste para crescer

No início da campanha, atual presidente voltará à cidade de Juiz de Fora (MG), onde tomou facada 4 anos atrás

Marianna Holanda e Matheus Teixeira

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) dará início oficial à campanha pela reeleição nesta terça-feira (16) com sua equipe se dizendo otimista com a expectativa de colher impacto eleitoral com a melhora de indicadores econômicos e o pagamento de benefícios sociais recém-aprovados.

Na primeira etapa, a estratégia será intensificar agendas no Sudeste e tentar reverter a rejeição entre jovens e mulheres. A campanha aposta numa maior presença da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, em eventos e viagens.

Em segundo lugar nas pesquisas, o presidente vinha amargando desde o início do ano más notícias, em especial no setor econômico, aumentando ainda mais a pressão no seu entorno diante da proximidade do pleito e da estagnação nas pesquisas.

No último Datafolha, ele aparece com 29% das intenções de voto no primeiro turno, contra 47% de Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Mas, na semana que antecedeu o início oficial da campanha, Bolsonaro e seus aliados tiveram um momento de alívio com a indicação de melhora em pesquisas internas. A campanha atribui a mudança especialmente à queda na inflação e no preço dos combustíveis.

A aposta do entorno de Bolsonaro é que ele deve crescer nos levantamentos nas próximas semanas, com queda na inflação e pagamentos de benefícios sociais turbinados, no valor total de R$ 41,25 bilhões, às vésperas da eleição.

Na esteira da queda no preço dos combustíveis e da energia elétrica, foi registrada deflação (queda de preços) de 0,68% em julho. É o maior recuo desde 1980.

A queda, contudo, ficou concentrada especialmente em transportes e habitação. Alimentos e bebidas subiram 1,3% no período, itens que castigam sobretudo o bolso dos mais pobres, faixa em que Bolsonaro tem mirado.

No último dia 9, mais de 20 milhões de famílias passaram a receber R$ 600 do Auxílio Brasil, sucessor do Bolsa Família. O montante será pago até o final do ano.

Nesse quadro, os recentes atos de leitura de cartas em defesa da democracia, que contaram com o apoio de importante parcela do empresariado, foram minimizados pela campanha de Bolsonaro. Aliados do mandatário classificaram o movimento como "petista".

A estratégia do entorno do presidente para fazer frente às adesões aos textos pró-democracia é dobrar a aposta nos atos bolsonaristas previstos para o 7 de Setembro, com a expectativa de conseguir uma forte adesão.

As agendas de Bolsonaro nesta primeira semana ficarão focadas nos três maiores colégios eleitorais do país: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Dos mais de 156 milhões de brasileiros aptos a votar neste ano, quase 67 milhões estão no Sudeste.

Bolsonaro pretende fazer acenos às bases de seu eleitorado: pessoas ligadas à agricultura, com participação na Festa do Peão de Barretos; e militares, com a solenidade de entrega do espadim na Aman (Academia Militar de Agulhas Negras).

O presidente, que tenta transformar o processo eleitoral numa narrativa do bem contra o mal, vai dar início à sua campanha em Juiz de Fora (MG), onde sofreu um atentado com faca em 2018.

Aliados consideram o local simbólico e dizem que o ato foi pensado para representar o "renascimento" do chefe do Executivo.

Eles acreditam que a ida a Minas Gerais no primeiro dia de campanha reforçará a lembrança de que Bolsonaro foi vítima de um grave ataque que colocou em risco sua vida, o que consideram que ajudará a esvaziar o discurso de que o mandatário estimula a violência política. Sua passagem pela cidade mineira contará ainda com uma motociata.

Depois, o presidente deve ter compromissos em São Paulo e Rio. No dia 19, deve voltar a Minas. Desta vez, porém, a previsão é que vá a Belo Horizonte para a inauguração do TRF-6 (Tribunal Regional Federal da 6ª Região).

Outra decisão é manter a ofensiva para conquistar o eleitorado feminino e jovem. Há uma avaliação de que a abordagem de intensificar mensagens para mulheres e jovens reduziu a rejeição desses eleitores ao presidente.

De olho nos jovens, a participação de Bolsonaro no podcast Flow, que durou mais de cinco horas e bateu recordes no YouTube, foi muito bem avaliada pela campanha. A ideia é que ele dê cada vez mais entrevistas no formato.

Nos últimos meses, estrategistas também convenceram o mandatário a focar os discursos no público feminino. Bolsonaro passou a destacar ações do governo voltadas às mulheres, como a entrega de títulos rurais.

O presidente acumula em seu histórico uma série de declarações machistas.

Além disso, a primeira-dama Michelle Bolsonaro, que é evangélica e muito próxima do segmento, passou a acompanhá-lo em eventos religiosos. Também compareceu a atos políticos, como na convenção do PL que oficializou a chapa de Bolsonaro e Braga Netto, em que ela discursou.

Neste sábado (13), ela também teve protagonismo na Marcha para Jesus, no Rio de Janeiro. No palco, ela foi recebida com gritos de "Michelle" pelo público e prometeu "trazer a presença do Senhor Jesus" para o governo.

Já em clima de campanha, na última sexta-feira (12), o mandatário deixou o expediente mais cedo para gravar inserções com candidatos em Brasília.

Focos da campanha de Bolsonaro

- Aposta do entorno de Bolsonaro é que ele deve crescer com queda na inflação e pagamentos de benefícios sociais
- Manter a ofensiva para conquistar o eleitorado feminino e jovem, incluindo participação da primeira-dama, Michelle, em viagens
- Bolsonaro dará início à sua campanha em Juiz de Fora (MG), onde sofreu um atentado em 2018. Na sequência, deve ter compromissos em São Paulo e Rio. No dia 19, deve voltar a Minas, para inauguração do TRF-6

Testemunha liga líder de pesca ilegal a casos de Bruno e Dom e de servidor

Assassinato de Maxiel Pereira em 2019 foi motivado por apreensões de peixes, cita depoimento

Vinicius Sassine

MANAUS Uma testemunha sob proteção da polícia fez uma conexão entre os casos do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips, mortos em junho deste ano, e do assassinato de Maxciel Pereira dos Santos, funcionário da Funai, em setembro de 2019.

A testemunha, cujos depoimentos são usados na investigação da Polícia Federal sobre um esquema de pesca ilegal no Vale do Javari, afirmou que Maxciel foi morto porque as apreensões de pescados que fazia causaram grandes prejuízos ao suposto líder do esquema. O crime segue sem esclarecimento até hoje.

O líder do grupo criminoso, segundo a PF, é o colombiano Ruben Dario da Silva Villar, o Colômbia, que teria sofrido os prejuízos com as apreensões de peixes feitas por Maxciel.

Colômbia lidera e financia o esquema de pesca ilegal na terra indígena Vale do Javari e nas imediações, conforme a PF. A região fica na tríplice fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia.

Integrantes desse grupo criminoso assassinaram Bruno e Dom em junho, segundo denúncia apresentada à Justiça Federal pelo MPF (Ministério Público Federal) no Amazonas.

Colômbia está conectado aos dois crimes, conforme a testemunha levada em conta pela PF. A identidade da testemunha, que está sob proteção, não é revelada.

No caso de Bruno e Dom, a embarcação usada pelo pescador Amarildo Oliveira, o Pelado, para cometer o duplo homicídio foi comprada por Colômbia, segundo o depoimento da testemunha.

O suposto líder do grupo criminoso também foi o responsável por comprar o barco onde foram apreendidos 400 kg de pirarucu, 400 kg de carne de animal silvestre, 2 tartarugas e 35 tracajás pescados e caçados de forma ilegal na região do Vale do Javari, afirmou a testemunha.

A carga foi flagrada enquanto ocorriam as buscas pelos corpos de Bruno e Dom, em junho.

Procurada, a defesa de Colômbia não respondeu aos questionamentos da reportagem.

Todos esses elementos foram levados em conta pela Justiça Federal para decretar sete prisões preventivas no curso do inquérito que investiga o esquema de pesca ilegal no Vale do Javari. A Justiça também autorizou buscas e apreensões nas casas dos investigados.

Equipe da Polícia Federal em barco próximo a Atalaia do Norte (AM), no Vale do Javari Pedro Ladeira - 15 jun 2022/Folhapress

A PF fez uma operação na região no sábado (6) para cumprir os mandados de prisão e de busca.

Entre os presos estão três suspeitos de participação na ocultação dos corpos de Bruno e Dom. Eles são todos parentes de Pelado. A decisão inclui Pelado e Colômbia, que já estavam presos preventivamente.

O primeiro, pelos assassinatos de Bruno e Dom. O segundo, por uso de documentos falsos. A PF ainda investiga a possibilidade de Colômbia ter atuado como mandante.

O grupo é perigoso e há diversos indícios disso, o que justificou as prisões preventivas, conforme a decisão da Justiça.

Um dos indícios citados é o homicídio de Maxciel, que teria sido motivado por apreensões de peixes e consequente prejuízo a Colômbia, segundo a decisão judicial.

Outros elementos da periculosidade são o fato de os integrantes do grupo andarem armados; a pressão a pescadores que têm material apreendido em fiscalizações; e a influência de Colômbia sobre comunidades ribeirinhas onde vivem os familiares de Pelado, assim como sobre pescadores que vivem nas cidades de Atalaia do Norte (AM) e Benjamin Constant (AM).

> “A fundamentação da prisão preventiva deve ser pautada em elementos concretos presentes na investigação e não com base em meras conjecturas
>
> **Goreth Rubim**
> Advogada de Pelado

Colômbia financia a prática de pesca ilegal há 24 anos, conforme a investigação da PF. Ele fornece barcos, motores e insumos para garantir a conservação dos peixes, segundo a polícia.

O assassinato de Maxciel nunca foi solucionado. O colaborador da Funai pilotava sua moto na avenida mais movimentada de Tabatinga (AM), cidade colada a Letícia, na Colômbia, quando foi alvejado com dois tiros na nuca.

Maxciel trabalhou por 12 anos na Frente de Proteção Etnoambiental Vale do Javari, da Funai, em ações de vigilância e fiscalização.

Menos de três anos depois, Bruno e Dom foram assassinados quando retornavam para Atalaia do Norte, cidade que fica na região da tríplice fronteira e ponto mais próximo da terra indígena Vale do Javari.

Bruno era servidor licenciado da Funai e atuava para a Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari). Ele estruturou um serviço de vigilância indígena, que fazia dois comunicados por dia sobre presença de pescadores e caçadores ilegais na região.

Um novo inquérito foi aberto pela PF para investigar os crimes de associação criminosa armada, pesca ilegal e contrabando no Vale do Javari.

A investigação corre em paralelo com a dos homicídios de Bruno e Dom, que já resultou em denúncia pelo MPF. Pelado; seu irmão Oseney de Oliveira, o Dos Santos; e Jefferson Lima, o Pelado da Dinha, viraram réus na Justiça Federal.

Advogada de Pelado e familiares, Goreth Rubim disse que a defesa analisa todo o conjunto probatório usado para embasar as prisões preventivas. Segundo ela, o "clamor público" de um caso de grande repercussão nacional não é motivo suficiente para uma prisão.

"A fundamentação da prisão preventiva deve ser pautada em elementos concretos presentes na investigação e não com base em meras conjecturas, por simples suposições de que sujeito solto corre risco de empreender fuga", afirmou.

A decisão judicial não demonstrou que outras medidas cautelares, que não a prisão, se mostrariam ineficazes, conforme a advogada.

Morre Paulo Roberto Costa, ex-Petrobras e 1º delator da Lava Jato

Felipe Bächtold

SÃO PAULO Morreu no sábado (13) no Rio de Janeiro o ex-diretor da Petrobras Paulo Roberto Costa, aos 68 anos.

A informação foi confirmada à reportagem pela família, que afirmou que ele sofria de câncer.

Costa foi o primeiro delator da Operação Lava Jato, deflagrada em 2014, e se tornou pivô do escândalo da Petrobras em seu primeiro ano. Foi condenado a mais de 70 anos de prisão em processos do caso no Paraná, mas deixou a cadeia devido a seu acordo de colaboração.

O ex-diretor foi preso em março de 2014, quando chegou a ele investigação que inicialmente mirava o doleiro Alberto Youssef. A Polícia Federal descobriu à época que o doleiro havia comprado um automóvel Land Rover para o executivo da estatal. A revelação levou a Petrobras para o centro das investigações.

Costa dirigiu a área de Abastecimento da empresa de 2004 a 2012, durante os governos Lula e Dilma Rousseff. Sua escolha para o cargo foi cercada de controvérsia, já que partiu de indicação do PP —os relatos eram de que líderes do partido, como o então deputado José Janene, exigiram o posto já tendo em vista o potencial de arrecadação nos contratos dessa área.

Mais tarde, contou com apoio também do PMDB para ficar no cargo. Engenheiro mecânico formado na Universidade Federal do Paraná, ele havia ingressado na Petrobras em 1977 por meio de concurso.

Na delação, disse que chegou a um limite em sua carreira "onde a competência técnica não era suficiente para progredir, sendo necessário para ascender ao nível de diretoria um apadrinhamento político como ocorre em todas as empresas vinculadas ao governo".

Em plena reta final da campanha presidencial de 2014, seus depoimentos com relatos de desvios na petrolífera começaram a ser divulgados, virando munição contra a candidatura de Dilma.

Ele dizia que um cartel de empreiteiras foi formado nos negócios da Petrobras e que havia pagamento de propina, sendo parte destinada aos executivos da estatal e parte aos partidos políticos, incluindo PT, PMDB e PP.

Costa inicialmente foi detido porque as autoridades da operação entenderam que ele e a família tentaram destruir provas ao serem alvos de um mandado de busca. O episódio foi retratado em duas produções sobre a Lava Jato: a série de TV "O Mecanismo", de 2018, e o filme "Polícia Federal: A Lei é para Todos", de 2017.

O ex-diretor foi solto em maio de 2014, mas voltou a ser detido devido a informações enviadas da Suíça sobre contas usadas para receber propina.

Em agosto daquele ano, acabou aceitando colaborar com as autoridades, sob o compromisso de devolver dinheiro que estava no exterior.

Seu acordo previa que ele iria abrir mão de US$ 2,8 milhões em nome de familiares em um banco em Cayman e de outros US$ 23 milhões mantidos na Suíça, os quais reconheceu "serem todos, integralmente, produto de atividade criminosa".

O ex-diretor da Petrobras Paulo Roberto Costa, durante depoimento no Senado, em 2014 Jefferson Rudy - 2.dez.14/Agência Senado

> “Virei um leproso. Esse ano de prisão foi um ano de lepra. As pessoas fugiam de mim e continuam fugindo
>
> **Paulo Roberto Costa**
> Ex-diretor da Petrobras ao sair da prisão domiciliar em 2015

Também estabelecia o pagamento de outros R$ 5 milhões de indenização cível e determinava a perda de bens, como lancha e um terreno.

Na mesma época, Alberto Youssef também firmou um novo compromisso de colaboração, o que catapultou as revelações sobre irregularidades em contratos da Petrobras.

Ficou cinco meses detido no Paraná, período que chamou de "inferno", e mais outro ano em prisão domiciliar. Em 2015, Costa foi para o regime semiaberto, morando em Itaipava, distrito de Petrópolis (RJ).

Em entrevista à **Folha** naquele ano, afirmou: "Virei um leproso. Esse ano de prisão foi um ano de lepra. As pessoas fugiam de mim e continuam fugindo".

Na mesma ocasião, afirmou que, sem a sua delação, "a Lava Jato não teria existido" e contou que optou pelo acordo por orientação da família. Filhas e genros foram processados na Lava Jato por causa de acusações de destruição de provas.

O Ministério Público chegou a questionar os depoimentos dele e de parentes nesse caso especificamente e até pediu uma revisão dos benefícios por descumprimento do acordo.

Ao longo da Lava Jato, foram incontáveis depoimentos prestados por ele em processos e investigações. Só a leva tornada pública em março de 2015 contava com 80 capítulos.

Com base neles e nos relatos de Youssef, a Procuradoria-Geral da República pediu naquele mês ao Supremo Tribunal Federal investigações de dezenas de congressistas, movimento que deixou o meio político em forte agitação à época.

As acusações da dupla e as descobertas dos investigadores motivaram outros alvos da operação a também optar pela colaboração premiada. A sequência de delações fez com que Polícia Federal e Ministério Público avançassem sobre indícios de irregularidades que abrangiam empresas das mais diferentes áreas e políticos de diversos espectros, além de tentáculos em outros órgãos, como Caixa Econômica e a usina nuclear de Angra.

O nome do ex-diretor da Petrobras aparece 46 vezes na sentença do então juiz Sergio Moro que condenou Lula à prisão em 2017. O executivo inclusive foi ouvido como testemunha no processo, o mais importante da Lava Jato. Relato dele ajudou a embasar a tese da acusação de que a empreiteira OAS tinha uma espécie de conta-corrente com o PT da qual o ex-presidente da República teria se beneficiado.

Costa dizia, sobre sua atuação na Petrobras, que as obras feitas pela estatal não eram desnecessárias e que os preços não eram superfaturados. Também afirmava que a gestão na diretoria não foi só "bandidagem" e que houve conquistas.

mundo

Lula diz a embaixadores que Brics deve atuar em solução para guerra

Ex-presidente deu início a encontros com chefes de missão estrangeira e discutiu acordo com UE

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) iniciou uma série de reuniões com embaixadores estrangeiros em que defendeu, entre outros temas, a atuação do Brics na busca por uma solução para a Guerra da Ucrânia e a reinserção do Brasil no tabuleiro internacional.

O líder nas pesquisas de intenção de voto realizou dois encontros com chefes de missões estrangeiras na casa de seu advogado, Cristiano Zanin, em São Paulo. Na primeira reunião, no fim de julho, foram convidados os embaixadores de Rússia, Índia e África do Sul. Dias depois, Zanin recebeu para um evento semelhante os embaixadores de Alemanha, França, Suíça, Holanda e Polônia.

As agendas têm sido construídas por assessores de Lula para que o petista possa transmitir a países considerados chave algumas das diretrizes de um eventual novo governo na área internacional. A expectativa é que novas reuniões ocorram sempre em bloco, possivelmente com embaixadores latino-americanos e africanos.

Além de Zanin, participaram das agendas o ex-ministro das Relações Exteriores Celso Amorim e o professor de relações internacionais Hussein Kalout. O senador e ex-ministro Jaques Wagner (PT-BA), por sua vez, esteve na conversa com os europeus.

De acordo com relatos feitos à **Folha**, a reunião de Lula com os embaixadores Alexey Labetski (Rússia), Suresh Reddy (Índia) e Vusi Mavimbela (África do Sul) foi dominada pela Guerra da Ucrânia. A ideia inicial é que estivessem todos os membros do Brics (bloco que também é integrado pela China), mas não houve representante chinês porque atualmente a missão em Brasília está sem embaixador.

Após uma introdução em que Lula argumentou que Bolsonaro isolou o Brasil no cenário internacional, o petista direcionou a conversa para o conflito no Leste Europeu.

Lula quis saber de Labetski quais eram, na perspectiva russa, as razões da guerra; e quais países poderiam influenciar as partes beligerantes para a negociação de um possível cessar-fogo.

Pessoas com conhecimento da discussão disseram que o embaixador da Rússia reproduziu argumentos usados pelo presidente Vladimir Putin. Entre eles, o de que o Ocidente, ao patrocinar a expansão da Otan (aliança militar ocidental), ignorou preocupações de segurança da Rússia.

Ainda de acordo com relatos, Lula perguntou aos chefes de missão diplomática presentes por que o Brics não estava engajado em tentar buscar alternativas para a paz ou ao menos para amenizar os efeitos da guerra.

Disse que o bloco não tem como ficar alheio ao tema uma vez que um de seus membros, a Rússia, está diretamente envolvido no conflito.

Um dos participantes disse à **Folha** que Lula pareceu querer passar a mensagem de que, uma vez no Planalto, pressionará para que o Brics seja um fórum para debater formas de superar o conflito.

Mesmo que as chances de o bloco conseguir influenciar alguma solução sejam pequenas —disse esse interlocutor—, Lula sinalizou que pretende se apresentar à comunidade internacional como um líder que ao menos está empenhado em trabalhar pela paz.

Outra mensagem transmitida pelo petista nos encontros é que ele pretende dar importância à participação do Brasil em fóruns multilaterais.

O argumento de Lula é que Jair Bolsonaro isolou o país internacionalmente e que só uma nova liderança será capaz de reposicionar o país nesse tabuleiro. No primeiro encontro, por exemplo, Lula chamou atenção para o fato de as missões em Brasília dos Estados Unidos e da China —as duas maiores potências atuais— estarem sem embaixador.

O governo Joe Biden chegou a nomear uma embaixadora para o Brasil. No entanto, uma articulação liderada por senadores republicanos travou a aprovação do nome escolhido, Elizabeth Bagley, no Congresso americano. A embaixada chinesa, por sua vez, está sem embaixador desde que Yang Wanming, que protagonizou atritos com aliados de Bolsonaro, concluiu sua missão.

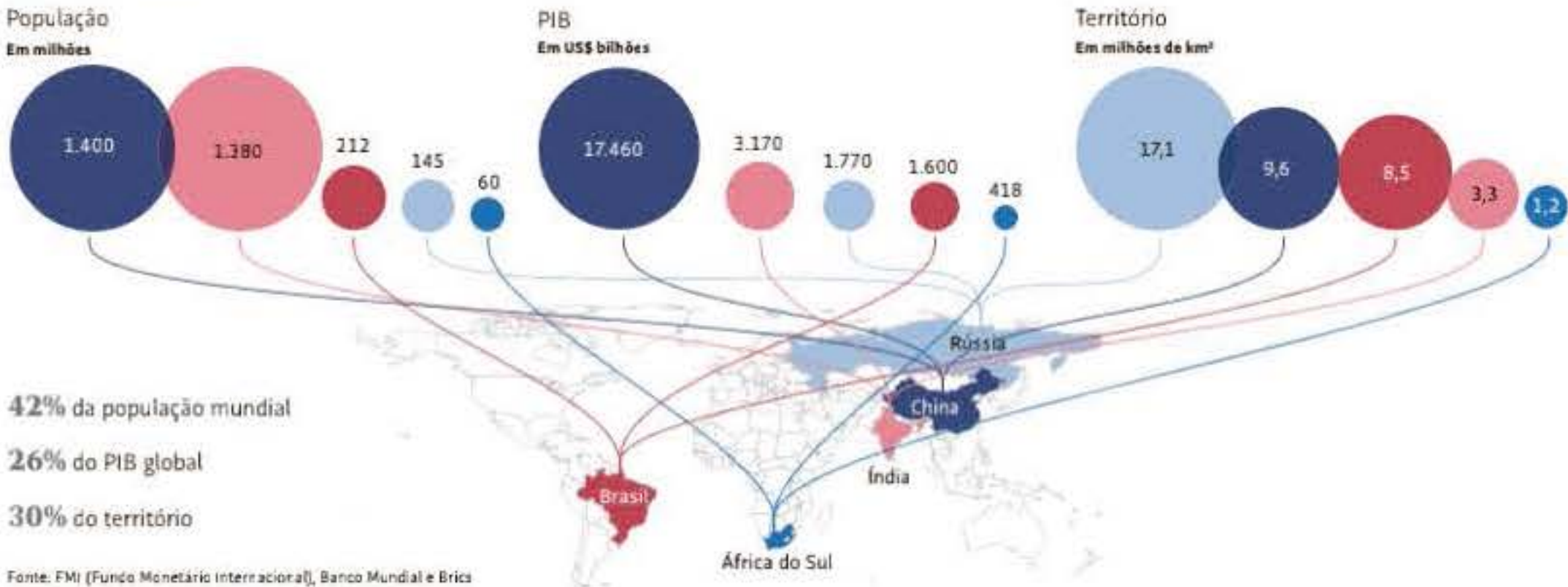
Na reunião com os países europeus, além da Guerra da Ucrânia, foram discutidos assuntos como o acordo comercial da União Europeia com o Mercosul e o processo de adesão do Brasil à OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

Nos dois casos, existe a apreensão entre os europeus de que um eventual governo Lula tenha pouco interesse em dar prosseguimento à implementação do tratado comercial ou em entrar no chamado clube dos países ricos.

Governos europeus ficaram preocupados com declarações recentes de Lula. Numa viagem ao continente em novembro, o petista defendeu a reformulação do acordo comercial.

De acordo com pessoas com conhecimento do que foi debatido na reunião com embaixadores, Lula ressaltou que as prioridades de um eventual novo governo serão o combate à fome e à pobreza e a geração de empregos, além da preservação do meio ambiente. E que qualquer medida que o ajude a alcançar esses objetivos —inclusive o acordo UE-Mercosul— seria avaliada positivamente em sua administração.

Brics em números

Fonte: FMI (Fundo Monetário Internacional), Banco Mundial e Brics

Países buscam vaga no bloco mirando laço com China

Thiago Bethônico

SÃO PAULO Muitas vezes visto como irrelevante politicamente, o Brics parece estar despertando certo interesse na comunidade internacional. A contar pela quantidade de países que batem à porta, o bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul pode estar vivendo o seu renascimento diante do atual contexto movediço da ordem mundial.

No fim de julho, a Argélia anunciou a intenção de aderir ao grupo, pleito que também havia sido feito, dias antes, por Arábia Saudita, Egito, Irã e Turquia. No começo do ano, o presidente argentino, Alberto Fernández, pediu pessoalmente ao líder russo Vladimir Putin e ao chinês Xi Jinping que apoiassem a candidatura do país.

Embora haja diferenças nos interesses de cada nação, dois pontos parecem aproximar todas essas investidas: a percepção de que o Brics pode fortalecer laços com a China e ao mesmo tempo fornecer uma plataforma estratégica num momento em que o Ocidente começa a perder relevância na estrutura global de poder.

Ana Garcia, diretora do Brics Policy Center, lembra que o grupo nasce no início do século como um debate sobre a perda de influência das potências tradicionais e a emergência de novos polos de poder. No centro da discussão, estava a reformulação das chamadas instituições de Bretton Woods, como o FMI (Fundo Monetário Internacional) e o Banco Mundial.

No entanto, após alguns avanços na década de 2010 —que incluem a criação de um banco de desenvolvimento (NDB) e uma reforma parcial do FMI—, Garcia diz que o bloco entrou num certo marasmo. "O Brics tentou propor uma agência de rating, um acordo de comércio [entre os membros], e nada disso foi para frente. As cúpulas anuais conseguiam apenas o mínimo denominador comum das declarações finais", diz.

Segundo ela, o cenário começa a mudar nos últimos anos, com a Guerra da Ucrânia sinalizando uma virada e trazendo peso geopolítico ao grupo, que passa a fazer um contraponto sólido ao Ocidente. "Com isso, o Brics começa a ser mais atrativo para países como Irã e Argentina, que buscam alianças alternativas para não ficarem dependentes dos países ocidentais, seus bancos e credores."

Ainda não está claro quais são as chances de que novas cadeiras sejam criadas. O bloco é uma organização informal, sem sede, estatuto e um processo de adesão definido. A entrada de outros países depende, basicamente, da aprovação dos chefes de Estado.

A China já deixou explícita sua vontade em receber novos membros, o que se relaciona com o interesse de Pequim em atrair mais países para sua esfera de influência contra o Ocidente. Sedenta por articulações multilaterais, a Rússia também apoia a expansão. Já o Brasil não vê com bons olhos, temendo uma diluição de sua influência no bloco.

Na visão de Ana Garcia, do Brics Policy Center, consolidar essa aproximação é de interesse de todos os países que pleiteiam uma vaga. "Quanto mais o Ocidente pressionar para conter a ascensão da China e da Rússia, mais elas vão tentar atrair novos países", diz.

Após Pelosi, congressistas dos EUA vão a Taiwan

TAIPEI E WASHINGTON | REUTERS Uma delegação com cinco congressistas americanos chegou a Taiwan neste domingo (14) para se encontrar com a presidente Tsai Ing-wen e outras autoridades locais. Este é o segundo grupo de alto nível dos EUA a desembarcar na ilha em menos de 15 dias, adicionando mais um capítulo à crise aberta entre Washington e Pequim após a visita da presidente da Câmara, Nancy Pelosi.

Em comunicado neste domingo, a Embaixada da China nos EUA disse que "membros do Congresso deveriam agir em consonância com a política americana de uma só China".

Para a representação chinesa, esta nova visita "mais uma vez prova que os EUA não querem a estabilidade em torno do Estreito de Taiwan e não têm poupado esforços para promover a confrontação entre os dois lados e interferir em questões internas da China".

Como resposta à viagem de Pelosi, Pequim fez mobilizações militares no entorno de Taiwan. Embora os exercícios tenham diminuído, ainda continuam. Neste domingo, Taipé disse que 11 aeronaves militares chinesas cruzaram a linha mediana do Estreito de Taiwan ou entraram na zona de defesa aérea da ilha. No sábado, autoridades locais afirmaram que 13 aviões cruzaram o estreito.

TODA MÍDIA | **Nelson de Sá**
nelson.sa@grupofolha.com.br

Kissinger vê mundo 'à beira da guerra' e defende 'equilíbrio'

Aos 99 anos, em esforço de promoção de seu novo livro, lançado em julho, "Leadership", ou liderança, Henry Kissinger falou agora ao Wall Street Journal, depois de Bloomberg, CNN e da alemã Der Spiegel, entre outros.

Na contracapa da edição de fim de semana, o ex-secretário de Estado foi mais detalhado sobre os conflitos crescentes dos EUA com a China e a Rússia. No destaque do jornal, ele teme o "desequilíbrio" global. Argumenta que, "se você crê que o resultado do seu esforço tem que ser a imposição dos seus valores, então o equilíbrio não é possível".

Os americanos, diz ele, se negam a separar a diplomacia das "relações pessoais com o adversário". Tendem a ver as negociações "em termos missionários, buscando converter ou condenar seus interlocutores em vez de penetrar em seu pensamento".

Nem sempre foi assim. "O período atual responde demais à emoção do momento", diz, daí seu principal alerta: "Nós estamos à beira da guerra com Rússia e China por questões que em parte nós criamos, sem nenhum conceito sobre como isso vai terminar". Sobre Taiwan:

"A política que foi implementada por ambas as partes produziu e permitiu o progresso de Taiwan para uma entidade democrática autônoma e preservou a paz entre a China e os EUA por 50 anos. Deve-se ter muito cuidado com medidas que parecem alterar a estrutura básica."

ROTA DE COLISÃO New York Times e outros destacaram que "Cinco parlamentares dos EUA chegam a Taiwan em meio a tensões com a China", numa visita que "pode contribuir para o ciclo de escalada", com Washington e Pequim em "rota de colisão". Ela teria supostamente sido programada antes da crise recente.

CRUZANDO O ESTREITO Foi notícia também na imprensa taiwanesa, mas dividindo atenção com a repercussão de outra viagem, esta pouco noticiada nos EUA. Como confirmou o Zhongguo Shibao, de Taipé, o vice-presidente do partido de oposição, Kuomintang, no governo até 2016, viajou para Xiamen, do outro lado do estreito, para medidas de apoio aos taiwaneses do continente, inclusive empresários. Também ela teria sido programada antes da crise.

OS NOMES E OS ROSTOS
Com a chamada 'Os nomes e os rostos dos 36 civis palestinos mortos durante a operação de Israel em Gaza', o Haaretz, de Tel Aviv, publicou no final de semana, inclusive em sua edição impressa em hebraico, um extenso painel de fotografias das vítimas já confirmadas, metade delas crianças

A era André Janones

Ele é 1ª personalidade das redes a assumir comunicação digital de uma campanha

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

A entrada messiânica do deputado André Janones na campanha de Lula diz muito sobre o desafio histórico dos grandes partidos tradicionais em se adaptar ao mundo das redes sociais. Todavia, Janones, além de ser um recrutamento importante, também é um personagem novo na história da comunicação digital. Esta teve como protagonistas engenheiros, magos e delinquentes, mas nunca um influencer.

Quando Robby Mook assumiu a comunicação digital de Hillary Clinton em 2016, muitos ainda acreditavam que as redes sociais poderiam ajudar a ampliar e consolidar as democracias, no esteio das campanhas de Obama. A derrota para Steve Bannon, estrategista de Donald Trump, revelou ao mundo todo o potencial nefasto dessa nova infraestrutura.

A militância digital idealizada por Carlos Bolsonaro é apenas a face mais conhecida de dezenas de experimentos de subversão democrática que alimentam a violência religiosa, étnica e política no mundo inteiro com a cumplicidade passiva dos grandes grupos tecnológicos.

Em 2017, Emmanuel Macron deu indicações de que era possível conter Marine Le Pen com uma comunicação digital republicana e impedir que outros países europeus seguissem o caminho da Itália, capturada pelo Movimento 5 Estrelas, criado do zero por um programador, Gianroberto Casaleggio, e um blogueiro, Beppe Grillo. Os mais atentos se lembrarão que o estrategista de Macron, Guillaume Liegey, desfilou por São Paulo em 2017 como o salvador que tiraria a terceira via do papel.

Outros políticos moderados, como Joe Biden, preferiram ficar longe das redes sociais, optando por reforçar a comunicação tradicional e apostar nas rádios locais. No final, foram os movimentos mais à esquerda, inspirados pelo espanhol Podemos, de Pablo Iglesias, que tentaram desenvolver um modelo alternativo de comunicação digital. A campanha municipal de Guilherme Boulos em 2020, em São Paulo, mostrou que era possível criar um universo progressista nas redes brasileiras.

Bannon, Mook, Casaleggio, Bolsonaro e Liegey partilhavam a ambição de comandar por fora as redes, enquanto Janones é uma criação das interações dessas redes.

Ao contrário de todos eles, a sua legitimidade como ator político deriva do sucesso do seu próprio personagem digital.

O primeiro teste de Janones vai definir o resto da sua carreira e, possivelmente, o destino da eleição. Sua missão é impedir que a militância digital bolsonarista transforme os benefícios do auxílio em votos para Jair Bolsonaro. Com a ameaça de dar um golpe no 7 de Setembro, o presidente tenta estruturar a campanha entre duas realidades —a luta pela democracia e a economia real— que não dialogam com o mesmo eleitorado.

Foi exatamente assim, posicionando-se como a defensora do poder de compra contra um presidente obcecado pela "defesa dos valores democráticos" na Guerra da Ucrânia, que Le Pen ameaçou a reeleição de Macron em 2022. As próximas semanas dirão se Janones vai conquistar um lugar na história da comunicação digital.

| SEG. Mathias Alencastro | **QUI. Lúcia Guimarães** | SÁB. Tatiana Prazeres, Jaime Spitzcovsky

Incêndio mata 41 pessoas em igreja no Egito

Maioria das vítimas são crianças; fogo teria começado após pane elétrica no ar condicionado e bloqueado as saídas

CAIRO | REUTERS E AFP Ao menos 41 pessoas morreram e 45 ficaram feridas num incêndio dentro de uma igreja na cidade de Gizé, no Egito, durante a celebração de uma missa neste domingo (14). Segundo funcionários da área de segurança ouvidos pela agência de notícias Reuters, a maioria dos mortos são crianças que estavam em um berçário.

O fogo começou por volta das 9h (4h de Brasília), devido a uma pane elétrica no momento em que 1.000 pessoas se reuniam na igreja copta de Abu Sifin, a noroeste da capital, Cairo. As chamas teriam, então, bloqueado os acessos, causando uma debandada.

"O ar condicionado de uma sala de aula no segundo andar do edifício onde se encontra a igreja sofreu uma pane e liberou uma grande quantidade de fumaça, que foi a causa principal das mortes e dos ferimentos", informou o Ministério do Interior.

Familiares choram durante funeral de vítimas de incêndio em igreja em Gizé Khaled Desouki/AFP

"As pessoas estavam se reunindo no terceiro e quarto andares, e vimos fumaça saindo do segundo andar. As pessoas correram para descer as escadas e começaram a cair umas sobre as outras", disse Yasir Munir, um fiel da igreja. "Então ouvimos um estrondo e faíscas e fogo saindo da janela", declarou, dizendo que ele e sua filha estavam no térreo e conseguiram escapar.

Gizé, a segunda maior cidade do Egito, fica do lado oposto do Nilo em relação ao Cairo.

Um homem identificado como Maher Murad disse que perdeu uma irmã na tragédia. "Assim que me afastei da igreja por apenas 10 metros, ouvi o som de gritos e vi uma fumaça espessa", disse ele. "Depois que os bombeiros apagaram o fogo, reconheci o corpo da minha irmã. Os corpos estão todos carbonizados, e muitos deles são de crianças, que estavam em um berçário da igreja."

Não é a primeira vez que um incêndio elétrico desse tipo acontece no Egito. No fim de 2020, ao menos sete pessoas morreram durante um incêndio num hospital que tratava pacientes com Covid-19. No Cairo, onde milhões de egípcios vivem em bairros precários, esse tipo de ocorrência é frequente.

O popular bairro de Imbaba leva o nome de São Mercúrio de Cesareia, reverenciado pelos coptas, que são a maior comunidade cristã do Oriente Médio, com cerca de 10 a 15 milhões de fiéis, num país com 103 milhões de habitantes.

Pelas redes sociais, o presidente egípcio Abdel Fatah al-Sisi ofereceu condolências às famílias das vítimas e disse ter mobilizado todos os serviços estatais para garantir que as medidas necessárias sejam aplicadas.

Sisi também afirmou ter ligado para o papa copta Tawadros II, que passou a liderar a comunidade cristã do Egito em 2012. Desde então, a Igreja Ortodoxa Copta tem se mostrado mais no cenário político.

Embora numerosos, os coptas se consideram marginalizados em muitos cargos públicos e reclamam de uma legislação muito rígida para a construção de igrejas, que seria mais liberal para as mesquitas.

Filha não se conformava de não ir à escola, diz refugiada afegã

AFEGÃS NO BRASIL
DEPOIMENTO

JUNDIAÍ (SP) Ativista pelos direitos femininos em um dos países com maior desigualdade de gênero, a afegã Khatera Mohmand, 38, enfrentou muitas batalhas para combater a violência contra a mulher no serviço público que chefiava.

Mas poucos momentos foram tão difíceis quanto ter que explicar à própria filha, Lema, 8, que ela não poderia mais ir à escola. "Ela me perguntou: 'o quê? Por quê? Eu adoro a escola, quero ir'", conta. "Como dizer que ela não pode estudar, mas os meninos, sim?".

Chefe do departamento de equidade de gênero de uma organização do governo, Khatera deixou seu escritório às pressas em 15 de agosto do ano passado, quando o Talibã entrou em Cabul.

Ela tinha lembranças nítidas do outro período em que o grupo fundamentalista controlou seu país, de 1996 a 2001. Filha de professores, passou quase seis anos estudando em casa, com a irmã, às escondidas, "como se fosse crime".

Desta vez, temendo que o mesmo acontecesse com Lema e vendo a própria vida ameaçada devido à causa que defendia, ela decidiu migrar para o Brasil com o marido, com Lema e com Sohail, o filho mais velho. Auxiliados por uma ONG, eles foram para Jundiaí (SP), onde as crianças já vão à escola pública.

No pequeno apartamento com varanda, lampejos da vida anterior podem ser vislumbrados numa cristaleira, com objetos que decoravam o imóvel de cinco quartos onde moravam em Cabul: medalhas escolares de Sohail, um livro escrito pela mãe de Khatera, artesanato de mulheres afegãs.

Khatera é a última entrevistada de uma série de três mulheres que contaram suas histórias à **Folha** um ano depois que o Talibã voltou ao poder.

Depoimento a Flávia Mantovani

*

Khatera Mohmand, em Jundiaí, onde vive com a família após fugir do Talibã Bruno Santos/Folhapress

A sociedade afegã sempre deu mais direitos aos homens do que às mulheres. A maioria acredita que as mulheres deveriam ficar em casa, cuidar das crianças, cozinhar.

Sou de uma família diferente. Minha mãe era professora e escritora, meu pai também foi professor, e nunca trataram de forma diferente filhos meninos e meninas. Eles nos diziam: "Nunca tolere violência contra você ou contra qualquer pessoa à sua volta". Acho que aí começou meu ativismo.

Meus pais também deixaram os filhos escolherem com quem queriam se casar. Meu casamento foi por amor.

Desde que me graduei em ciências da computação, ficava chateada de ver a desigualdade no mercado de trabalho. Passei em um concurso público e novamente vi isso acontecer. Nessa época, o governo criou departamentos de gênero em cada organização e eu me tornei chefe desse departamento. Aí começou minha luta para convencer os homens a agir diferente e as mulheres de que elas tinham direitos.

Quando o Talibã entrou em Cabul, eu fui trabalhar normalmente, mas o ambiente estava tenso. Uma amiga me ligou e me disse: "Khatera, vai para casa. Acabou". Só consegui pegar o laptop. Olhei para o escritório e percebi que algo acabava ali, especialmente para mim. Foi triste.

Meu marido já estava em casa com as crianças. E assim ficamos por uns quatro ou cinco meses. Eu não podia sair, outras ativistas foram agredidas, desapareceram. Para piorar, não tínhamos mais emprego, salário. Como poderíamos viver sem nenhuma renda? Então decidimos migrar. Soubemos que o Brasil era seguro e estava dando vistos para afegãos. Então viemos.

Quando saí do avião, percebi que todas as pessoas que estavam carimbando os passaportes na alfândega eram mulheres, uma delas parecia ser a diretora. Enquanto esperávamos, vi aquelas mulheres trabalhando, interagindo.

Depois percebi que muitas, como homens, são responsáveis por suas famílias. Elas trabalham, dirigem. Até dirigir é um problema no meu país.

Os brasileiros em geral não falam inglês, mas são pessoas boas e nos tratam bem. Não sabemos como será o futuro, precisamos conseguir emprego, aprender o idioma. Gosto do sotaque de vocês. Tomara que um dia eu consiga dar essa entrevista em português.

entrevista da 2ª

Fabio Giambiagi e Gustavo Franco

Maldade e angústia do Brasil mudaram de patamar

Coautores de 'Antologia da Maldade 2' dizem que o que antes era comédia, nos tempos de Dilma Rousseff (PT), agora virou tragédia

Ricardo Borges - 20.abr.2016/Folhapress

Gustavo H.B. Franco, 66

Sócio fundador da Rio Bravo Investimentos e professor do Departamento de Economia da PUC-Rio. Foi presidente do Banco Central de 1997 a 1999. É bacharel e mestre em Economia pela PUC-Rio e Ph.D pela Universidade de Harvard

Luciana Whitaker - 15.dez.2016/Valor

Fabio Giambiagi, 60

Pesquisador associado do FGV Ibre. É bacharel em Economia e mestre em Ciências Econômicas pela UFRJ. Autor, organizador e coorganizador de mais de 35 livros sobre a economia brasileira. Entre eles, Tudo Sobre O Déficit Público (2021)

MERCADO

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Tudo o que eu falo é tirado de contexto. A frase do ministro Paulo Guedes (Economia) resume o espírito do livro "Antologia da Maldade 2: Epígrafes para um país estressado" (Ed. Zahar, 2022), dos economistas Gustavo Franco e Fabio Giambiagi.

Em conversa com a **Folha**, os dois afirmam que a reedição da parceria iniciada em 2015, com a primeira antologia, impôs um desafio. Os grandes pensadores da humanidade continuam lá, mas onde antes havia Dilma Rousseff, como comédia, agora há Jair Bolsonaro, como tragédia.

No primeiro livro, a maldade praticada pelos autores da coletânea —"nossa missão neste livro é distorcer o sentido original das coisas"— era definida como malícia, ironia, sarcasmo. Na nova antologia, alguns atores políticos trazem a "maldade em estado puro", "no sentido literal da palavra".

*

O subtítulo da antologia de 2015 era "um dicionário de citações, associações ilícitas e ligações perigosas". Agora, são as "epígrafes para um país estressado". O que mudou no país entre esses dois momentos de crise institucional?

"Antologia da Maldade 2: Epígrafes para um país estressado"

Autores: Gustavo Franco e Fabio Giambiagi

Editora: Ed. Zahar

189 págs., R$ 89,90

Gustavo Franco: Essas coletâneas são uma espécie de panorama da época. O subtítulo da primeira tinha uma alusão, não acidental, à Lava Jato, tema que dominava o país na ocasião. Numa outra ponta, havia Dilma Rousseff, autora de muitas frases interessantes, que normalmente não são incluídas em pensamentos elevados, mas eram divertidas. A gente talvez tenha aprendido a apreciar esse humor depois.

Quando se compara com Jair Bolsonaro, é completamente diferente. Ele não tem essa graça, essa leveza que a Dilma tinha quando falava do armazenamento do vento. Não tem esse tipo de humor. É discutível se tem algum. Se tiver, é algo próximo do grotesco, que é uma região muito distante do que essa antologia procurou no primeiro volume. Foi um certo esforço para acomodar as falas de Bolsonaro.

Agora, elas são ilustrativas do país estressado que hoje nós somos. Antecipamos, acho que corretamente, que com a aproximação da eleição esse estresse só ia aumentar. Tentamos achar um tanto de leveza e humor neste ambiente conturbado. Se é que é possível.

Fabio Giambiagi: Em 2015, a gente estava em uma situação econômica extremamente delicada naquele contexto de recessão, e o humor era uma forma de escapar daquelas angústias. Agora, a situação econômica em certo sentido está melhor, mas as angústias existenciais do país mudaram de patamar. O que torna o exercício mais difícil, no sentido de que há situações que evidentemente não se prestam para o humor.

Para mim, lidar com o livro foi uma espécie de catarse, para desafogar as tensões desses últimos dois ou três anos, que foram ruins para todo mundo. A gente espera que esse seja o sentimento do leitor também.

O conceito de maldade, nos livros, também mudou?

Franco: No prefácio do primeiro há uma explicação mais erudita do assunto. Essencialmente, a gente está tratando da maldade como sinônimo de ironia, sarcasmo, algo assim. No segundo, no contexto de polarização política que a gente tem hoje, foi preciso elaborar um pouquinho mais esse sentido, já que tem muita maldade —maldade de mesmo— na atmosfera. No prefácio há uma observação de que não queremos tomar partido. Nosso ponto de vista é o da cobra, do veneno. O aspecto que a gente procura é esse da malícia, do sarcasmo. Não é tão fácil de achar nesses dias, como foi no passado, porque os ânimos estão muito exaltados.

Giambiagi: Quando enviei os convites eletrônicos [para o lançamento da obra], vários amigos me responderam que realmente esse tema está muito em voga, da maldade no sentido literal da palavra. A Polícia Federal pediu reforços em função de ameaças ao ex-presidente Lula. Tem muita gente com arma. Estamos falando da maldade em estado puro.

A nossa maior maldade é com a única frase que está duplicada no livro, do Henry Kissinger [ex-secretário de Estado americano], que fala da deficiência na liderança política em muitos países e que a gente, não por acaso, repetiu associada às duas principais candidaturas [verbetes Bolsonarismo e Lulopetismo]. É uma maldade de bastante grande, mas no sentido malicioso, inocente.

Ao tirar algumas frases de contexto e classificá-las em uma temática, vocês dão uma característica autoral a um livro de citações. Nesse sentido, a maldade vem não do autor da frase, mas dos autores do livro?

Franco: É exatamente a ideia. Quase todas as coletâneas se organizam com esse formato, com verbetes, temas que o leitor vai consultar, se ele precisa de uma ideia, de uma frase sobre um tema de seu interesse. A graça é colocar junto com a frase esperada alguma coisa inesperada, maliciosa. Esse é o ângulo venenoso. Aí você vai fisgando o leitor progressivamente a cada pedaço do caminho e vira um livro que tem fluência.

Giambiagi: A gente desenvolveu um paralelo entre livros de aforismos e restaurantes. Livros de aforismos há milhares mundo afora, e qualquer cidade grande tem um monte de restaurantes, mas sempre há espaço para mais um. Só que você tem de se apresentar ao público como se o seu fosse efetivamente algo diferente.

Como foi a coleta de citações para o segundo livro. Há material para um terceiro?

Giambiagi: Em outra entrevista eu brinquei com a possibilidade de fazer uma série tipo "Velozes e Furiosos" literários. Mas não há nada definido. Quando a gente lê jornais, livros etc., coisas que para algum leitor passariam batidas, no caso da gente surge aquele clique: isso aqui dá uma boa frase.

Um exemplo do jornal de hoje [última quarta, dia 10] é a coluna do Elio Gaspari, que cita um comentarista político americano que, em algum momento, quando foi candidato na base da galhofa à prefeitura de Nova York, foi perguntado qual a primeira coisa que faria caso fosse escolhido. A resposta, com humor, foi: pedir recontagem de votos. Isso se encaixaria perfeitamente no verbete "urna eletrônica". Quando a gente percebe já tem várias páginas que podem ser potencialmente um novo livro.

Franco: O Fabio tinha uma coleção inicial gigante de citações, mas só com gente séria. Quando começamos a falar desse projeto [em 2014] é que veio a ideia de misturar essa coleção com coisas do dia a dia. Basta ler o jornal com atenção que você coleciona uma, duas, cinco, vinte frases interessantes todos os dias. É inesgotável.

E o verbete permite que você extravie a frase original do seu contexto, de propósito. A coisa adquire sentidos novos, mais interessantes, adicionais ao original. Essa fórmula parece muito fácil de ser replicada inúmeras vezes. Cada rodada tem um contexto. Na primeira tinha um enredo central que era Dilma Rousseff e suas frases. Agora, é como se misturam esses pensamentos elevados com Jair Bolsonaro. Isso é um grande desafio.

A Argentina teve mais ou menos espaço no livro desta vez? Até porque o papa, também citado, agora é argentino.

Giambiagi: O peso é similar. Claramente aí tem a minha influência. Eu sou filho de argentinos. Nasci no Brasil, fui para a Argentina com dez meses e voltei quando meus pais tiveram de sair de lá em 1976. Formalmente não tenho nada a ver com a Argentina, mas as raízes e o sotaque me denunciam.

A primeira coisa que faço todo dia é dar uma passada de olhos pela imprensa argentina. É como um vício. Tem uns caras que são grandes frasistas, acabam trazendo boas frases que podem ser adaptadas e lidas à luz da realidade brasileira. Até pelo fato de que alguns dos nossos problemas são muito parecidos. Na macroeconomia, melhoramos muito nos últimos 30 anos relativamente a eles, mas os problemas sociais, a dificuldade de crescimento e desequilíbrios têm algum grau de semelhança. Além de um populismo desvairado que corre pelo sangue de ambos os países.

"Não queremos tomar partido. Nosso ponto de vista é o da cobra, do veneno. O aspecto que a gente procura é esse da malícia, do sarcasmo. Não é tão fácil (...), os ânimos estão muito exaltados

Gustavo Franco

mercado

Logotipo do BNDES em frente à sede do banco no Rio Sergio Moraes - 8 jan 2019/Reuters

BNDES pagou extra médio de R$ 108 mil a funcionários

Distribuição de lucros é a maior entre estatais e o quádruplo da de BB e Caixa

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social) distribuiu um benefício médio de R$ 108,1 mil a seus empregados por meio de seu programa de PLR (participação nos lucros e resultados). O valor é referente ao desempenho no ano de 2021.

O pagamento é o maior entre os declarados pelas empresas públicas à Sest (Secretaria de Coordenação e Governança das Empresas Estatais), vinculada ao Ministério da Economia, e corresponde a mais de quatro vezes a PLR média de Banco do Brasil (R$ 27 mil) e Caixa Econômica Federal (R$ 24,3 mil), que também são bancos oficiais.

BB e Caixa, porém, disputam fatia de mercado entre si e com instituições privadas, diferentemente do BNDES, que, por ser um banco de desenvolvimento, atua na prática como uma empresa pública sem concorrência.

Para os funcionários da instituição, o valor se soma a salário, 13º, adicional de férias e outros benefícios concedidos mensalmente pelo banco, como auxílio refeição (R$ 1.688,74), cesta alimentação (R$ 726,71), assistência saúde (R$ 1.844,74) e assistência educacional (até R$ 1.400,05).

Como o pagamento da PLR é anual, é como se a política proporcionasse um incremento médio mensal na remuneração de R$ 9.010,60 —mais de sete vezes o valor atual do salário mínimo (R$ 1.212).

Nem todos os empregados do banco recebem o mesmo valor, que é calculado com base na remuneração e em metas de desempenho. Segundo os dados oficiais, o valor mínimo da PLR ficou em R$ 13,8 mil, e o máximo, em R$ 257,3 mil. Em geral, as cifras equivalem a três meses de salário de cada funcionário contemplado.

Ao todo, 2.379 funcionários do banco receberam participação nos lucros referente a 2021, ano em que o lucro líquido da instituição foi de R$ 34,1 bilhões. As informações estão em relatório com a assinatura do diretor de Operações do banco, Ricardo Wiering de Barros.

Integrantes do governo consideram o valor médio da PLR elevado, sobretudo num contexto em que o BNDES mantém viva a disputa no TCU (Tribunal de Contas da União) para retardar a devolução de aportes irregulares feitos pelo Tesouro Nacional durante governos petistas.

O banco conseguiu, no início do ano, suspender o calendário mais célere de pagamentos antecipados à União, sob a alegação de que essa medida levaria a prejuízos bilionários, uma vez que as operações financiadas com esses recursos ainda estão em andamento.

A tese de técnicos do governo, compartilhada por membros dos órgãos de controle, é de que a permanência dos recursos do Tesouro nos cofres do banco de fomento tem ajudado a turbinar o lucro da instituição e a garantir uma PLR mais polpuda a seus empregados —alegação constantemente refutada pelo BNDES e pela associação de funcionários.

O banco ainda detém uma dívida de R$ 103,2 bilhões com a União. Como esse dinheiro foi repassado mediante emissão de títulos da dívida pública, o Tesouro Nacional paga juros sobre esse valor.

A determinação do TCU para que o BNDES devolvesse os recursos buscava justamente reduzir o custo com esses subsídios, bancados com recursos públicos. A própria corte de contas tem investigações em andamento para apurar se os aportes do Tesouro deram lastro ao pagamento de participações significativas aos funcionários.

A PLR generosa de 2021 sucedeu outros valores igualmente significativos: em 2019, o valor médio foi de R$ 67,8 mil, chegando a R$ 88,5 mil em 2020.

Neste ano, só no primeiro semestre, o BNDES registrou um lucro líquido de R$ 24,6 bilhões, 62,9% a mais do que em igual período do ano passado, em termos nominais.

Procurado, o banco não se manifestou até a publicação deste texto.

Os números sobre os programas de participação nos lucros das empresas estatais foram disponibilizados pela Sest em sua página oficial, em uma iniciativa para dar maior transparência a esses dados.

A Petrobras, uma das maiores empresas do governo brasileiro, classificou como "confidencial" os valores mínimo, médio e máximo de PLR pagos a seus empregados.

No entanto, a companhia informou que o valor total dos repasses chegou a R$ 592,15 milhões. O fato de que 30,7 mil funcionários receberam o benefício sugere que a média ficou em torno de R$ 19,3 mil —um quinto do que foi informado pelo BNDES.

A Sest também passou a informar a remuneração dos administradores, isto é, presidentes, vice-presidentes e diretores, entre outros cargos de comando das empresas públicas federais.

Nessa frente, a Petrobras paga as remunerações mais elevadas. O presidente da estatal recebe R$ 116,8 mil mensais, além de 13º, férias, auxílio moradia de R$ 1.800,00, verba de R$ 4.333,34 para passagens aéreas, R$ 7.489,39 para plano de saúde e R$ 15,3 mil como contribuição em plano de previdência complementar.

O presidente da Petrobras também deve receber um pagamento de R$ 1,6 milhão como remuneração variável, uma espécie de bônus para os executivos da companhia. O valor se refere ao ano de 2021, quando a companhia foi presidida por Roberto Castello Branco (até abril) e por Joaquim Silva e Luna (demitido em abril de 2022).

Já os oito diretores da Petrobras recebem um salário mensal de R$ 111,2 mil, com benefícios semelhantes aos do presidente.

No BNDES, o salário do presidente é de R$ 80,8 mil mensais, além de benefícios e remuneração variável (o valor referente a 2021, pago à vista, é de R$ 121,3 mil). Já os nove diretores recebem R$ 74,1 mil.

No Banco do Brasil, a remuneração do presidente é de R$ 68,8 mil mensais, sem contar auxílios e uma remuneração variável de R$ 495,2 mil, referente a 2021. Os nove vice-presidentes da instituição têm salários de R$ 61,6 mil.

Na Caixa, o salário do comando do banco é de R$ 56,2 mil mensais, além de benefícios. O banco informou parcelas de remuneração variável apenas referentes aos períodos de 2018 a 2020, chegando a R$ 74,9 mil. Já o salário dos 12 vice-presidentes da instituição é de R$ 50,2 mil.

Por serem estatais independentes (ou seja, que pagam suas despesas com receitas próprias), elas podem pagar remunerações com valores acima do teto do funcionalismo, hoje em R$ 39,3 mil.

Petróleo paga maiores salários

A Petrobras puxa a fila das maiores remunerações, mas algumas de suas subsidiárias também estão no topo da lista de salários entre das empresas públicas federais (veja ranking ao lado). A Transpetro, que paga R$ 101,1 mi. a seu presidente, está em segundo lugar. A Petrobras Biocombustíveis e a TBG pagam R$ 80,5 mil e a Petrobras Logística de Exploração e Produção, R$ 69,9 mil.

Participação nos lucros

Empresas públicas distribuem remunerações extras a funcionários

Valor em R$

Empresa	Médio integral	Mínimo integral	Máximo integral	Número de empregados contemplados
BNDES	**108.127,15**	13.839,93	257.340,50	2.379
Banco do Brasil	26.997,46	15.631,88	318.375,99	93.666
Caixa	24.326,00	9.990,00	65.705,00	76.107
Petrobras	19.293,30**	*	*	30.692
Banco da Amazônia	16.872,00	10.154,00	28.929,00	2.905
Banco do Nordeste	14.682,30	6.519,04	31.450,96	6.424
Serpro	3.162,57	616,64	7.487,22	8.020

*Petrobras alegou que os valores mínimo, médio e máximo da PLR eram confidenciais. **Valor médio estimado a partir do gasto total de PLR (R$ 592,15 milhões) e do número de empregados contemplados

Fonte: Ministério da Economia

*Empresas que têm em suas estruturas o cargo de vice-presidente: Banco do Brasil (R$ 61.564,83), Caixa (R$ 50.240,22), Ebserh (R$ 26.954,08) e Imbel (R$ 19.129,88)
**Empresa que tem em sua estrutura o cargo de diretor-geral: EBC (R$ 26.558,95)
Fonte: Min. da Economia

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Sala de embarque

Até quinta (18), quando será feito o leilão da 7ª rodada da concessões de aeroportos, que inclui Congonhas, a tensão deve subir com as reclamações dos moradores do entorno. Além das tentativas por meio de representações nos Ministérios Público Federal e estadual, ação popular e impugnação administrativa ao edital, o grupo ainda planeja questionar o leilão ou pedir retirada do bloco para que seja feito um novo edital com regras mais específicas sobre o aumento dos voos.

BAIRRO Segundo Guilherme Canton, presidente da ANMA, associação que reúne vizinhos de Moema, o próximo passo é tentar sensibilizar a Secretaria Municipal do Meio Ambiente. "Para nós, também é importante a prefeitura começar a se mexer para entender o impacto disso, porque vai acontecer. Agora, estamos tentando acioná-los", afirma.

PISTA A lista de preocupações dos moradores cita problemas com qualidade do ar, sobrecarga do sistema viário, nível do ruído e aumento do risco de acidentes. Especialistas no setor afirmam que a expansão da capacidade de voos no aeroporto pode ajudar a elevar a receita da concessionária, potencializando o resultado do leilão, mas exige investimento em infraestrutura.

PASSAPORTE A procura por serviços de assessoria migratória segue em alta, apontam empresas do ramo. Diana Quintas, sócia da multinacional de migração Fragomen, atribui o aquecimento a fatores como pandemia, home office e o grande movimento de demissões que impactou políticas migratórias e de recursos humanos das empresas para se adaptarem às novas demandas dos profissionais.

GLOBALIZAÇÃO "Mesmo antes da pandemia, 169 milhões de pessoas mudaram de país para trabalhar em 2019. Esse patamar deve ser superado em breve, já que o número de vistos negados para os EUA, por exemplo, caiu na administração Biden e quase 30 países lançaram vistos para nômades digitais", segundo Quintas.

URNA Na D4U USA Group, outra empresa do setor, as consultas de pessoas interessadas em trocar de país subiram 50% nos últimos 12 meses. A empresa afirma que o pico dessas procuras acontece no momento pré-eleitoral.

MALA De janeiro e 12 de julho, 14.014 brasileiros enviaram suas declarações de saída definitiva do país à Receita. Em todo o ano passado, foram 15.690. O ritmo acelerou no segundo semestre de 2021, com 15.017 declarações que vinham represadas pelo fechamento das fronteiras.

CAIXA O indicador da Serasa Experian sobre a recuperação de crédito das empresas aponta que em abril cerca de 46% das dívidas foram recuperadas após 60 dias na negativação na praça. O índice ficou abaixo do registrado no mesmo mês do ano passado, quando chegou a 52%.

ROTINA De acordo com o levantamento, o setor de utilities (contas de luz, água e gás) foi o que mais conseguiu recuperar dinheiro (58,5%), seguido pelas financeiras, com quase 55% de quitação de dívida. O varejo fechou abril recuperando quase 50%, enquanto bancos/cartões superaram 46%. Telefonia foi o setor que menos recebeu débitos em aberto (16,5%).

MAPA No recorte por regiões, as empresas do Nordeste tiveram a maior taxa de recuperação, com quase 54%. Com exceção do Nordeste, todas as regiões ficaram abaixo dos registros de 2021, quando as médias giravam de 50% a 55%.

PÁGINA Logo após o ataque a Salman Rushdie na sexta (12), o livro "Os Versos Satânicos" subiu para o topo da lista das obras com maior crescimento de demanda na Amazon Brasil. Antes da divulgação das primeiras notícias sobre o atentado, o romance publicado em 1988 ocupava a posição 28.742 no site da varejista.

CAPÍTULO Outro título do autor, "Os Filhos da Meia-Noite", de 1980, chegou a ocupar o segundo lugar na Amazon entre os livros com maior aceleração na procura na sexta.

ESTRADA A multinacional de armazenagem e distribuição DHL Supply Chain vai dobrar o tamanho de sua área de transportes com uma nova matriz em Jandira (SP). A ideia, segundo a empresa, é expandir o modal rodoviário e com foco no ecommerce.

ENCOMENDA A unidade da DHL tem área total de 190 mil metros quadrados, sendo 40 mil metros quadrados de armazém e 130 docas. Tem também uma nova torre de controle para monitorar os produtos em movimentação e repassar as informações por aplicativo ao cliente.

com Paulo Ricardo Martins e Diego Felix

INDICADORES

JUROS

Jul., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,73	8,00
Empréstimo pessoal	4,05	8,64

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência julho

Autônomo e facultativo

Valor mín.	R$ 1.212,00	20%	R$ 242,40
Valor máx.	R$ 7.087,22	20%	R$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 15.ago

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.212	5%	R$ 60,60

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.212,00	7,5%
De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35	9%
De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03	12%
De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 22.ago. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.433,73	Valor, em R$
Empregado	110,85
Empregador	286,71

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 5 ago. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Edson Ikê/Folhapress

Terapia financeira cresce nos EUA entre quem não sabe lidar com dinheiro

Disciplina, que já está em currículos universitários, tenta unir conhecimento do mercado com sensibilidade para medos e desejos

Charlotte Cowles

NEW YORK TIMES Nos primeiros dias da pandemia, Nora Herting decidiu experimentar a terapia financeira.

"Eu nem sabia o que era, exatamente", disse ela. "Ouvi falar a respeito e pensei: 'Parece algo de que preciso já'." Dona de uma pequena empresa cuja receita tinha sido dizimada pelos lockdowns, ela enfrentou escolhas terríveis entre a própria segurança financeira e a da empresa, incluindo seus 14 funcionários.

"Na época, minhas finanças pessoais e empresariais estavam inextricavelmente ligadas", disse Herting, que mora em Nova York. "Eu precisava de ajuda no sentido comercial, mas mais no sentido do pessoal. Tipo, que decisões se alinham com meus valores? São decisões com as quais eu posso conviver?"

Ela procurou Amanda Clayman, terapeuta financeira com consultório particular em Los Angeles. Clayman não ofereceu aconselhamento financeiro; em vez disso, durante várias sessões, elas discutiram a história familiar de Herting, sua carreira e como ela falava sobre dinheiro com o namorado. Então elas criaram um plano.

Herting reservou uma parte de suas economias para emergências e a aposentadoria. Em seguida, determinou quanto gastaria para autofinanciar sua empresa. A empresa acabou se recuperando e agora opera plenamente, com todos os funcionários.

Durante anos, a terapia financeira ocupou um nicho pouco conhecido e vagamente definido. Uma de suas primeiras praticantes, Clayman tornou-se uma assistente social clínica autorizada em 2006, com a meta de integrar o bem-estar financeiro ao emocional.

Mas não houve reconhecimento oficial do campo até a crise financeira de 2008, quando surgiu a Financial Therapy Association (Associação de Terapia Financeira).

"A crise financeira ajudou a profissão de saúde mental a entender que o dinheiro é uma área de profunda preocupação para nossos clientes", diz Brad Klontz, planejador financeiro e psicólogo, que pesquisa a sobreposição entre as duas disciplinas desde o início dos anos 2000.

O problema era que muitos terapeutas não estavam preparados para falar sobre dinheiro. Já os consultores financeiros estavam enfrentando o problema oposto.

"Os profissionais financeiros adoram números, respostas e soluções claras, e não sabiam como lidar com essas emoções confusas. Eles precisavam de mais ferramentas", diz Megan McCoy, que lidera a pós-graduação em terapia financeira da Universidade Estadual do Kansas.

Em 2019, a Associação de Terapia Financeira lançou um curso, que dura de três a seis meses e abrange temas financeiros (como planejamento e orçamento imobiliário) e técnicas terapêuticas (como identificar comportamentos e atitudes que podem prejudicar o progresso financeiro).

A pandemia também ajudou, ao diminuir parte do tabu em torno da discussão sobre saúde mental, e a terapia financeira floresceu.

Assim como na terapia tradicional e no planejamento financeiro, o custo da terapia financeira pode variar muito, mas, nos EUA, está entre US$ 100 e US$ 800 por sessão (de R$ 508 a R$ 3.550, pelo câmbio atual).

Como qualquer nova disciplina, entretanto, a terapia financeira passou por dores do crescimento —ou seja, confusão sobre o que é e quem pode alegar que está qualificado para praticá-la.

> Os profissionais financeiros adoram números, respostas e soluções claras, e não sabiam como lidar com essas emoções confusas. Eles precisavam de mais ferramentas
>
> **Megan McCoy**
> Professora de terapia financeira na Universidade Estadual do Kansas (EUA)

"Vejo muitos coaches financeiros anunciando seus serviços, principalmente nas redes sociais, e eles não são credenciados", diz a terapeuta financeira Traci Williams, certificada em Atlanta, na Geórgia.

Nem todos os terapeutas financeiros certificados são profissionais de saúde mental autorizados. Alguns, incluindo o presidente da Associação de Terapia Financeira, Preston Cherry, são planejadores ou treinadores financeiros certificados.

"Se houver uma situação que está fora do meu escopo —digamos, um problema conjugal que está bloqueando as metas financeiras ou a comunicação—, posso ajudar a descobrir isso e encaminhar meu cliente a um terapeuta de casais."

Até mesmo o CFP Board, organização que supervisiona o processo de credenciamento de planejadores financeiros certificados, adotou as "soft skills", ou habilidades sociais, de gerenciamento de dinheiro. Em janeiro, o conselho adicionou uma seção ao seu programa educacional chamada "Psicologia do planejamento financeiro".

Com os americanos sentindo grande ansiedade financeira, talvez seja inevitável que terapia e dinheiro se misturem. "A maioria das pessoas não tem mais carreiras estáveis de 30 anos para então se aposentar", diz Clayman.

"Fazemos malabarismos com vários empregos e fontes de renda diferentes. Precisamos gerenciar e planejar nosso futuro. E, se tivermos um parceiro, precisamos de ferramentas para unir esses dois sistemas complexos. É maior do que qualquer planilha pode conter."

> Fazemos malabarismos com vários empregos. Precisamos gerenciar e planejar nosso futuro. E, se tivermos um parceiro, precisamos de ferramentas para unir esses dois sistemas. É maior do que qualquer planilha pode conter
>
> **Amanda Clayman**
> terapeuta financeira

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Saudi Aramco bate novo recorde de lucro no 2º tri

Samer Al-Atrush

FT | RIAD A Saudi Aramco bateu seu recorde de lucro trimestral estabelecido em maio passado. O aumento dos preços da energia impulsionado pela invasão da Ucrânia pela Rússia levou o lucro líquido subiu para US$ 48,4 bilhões (R$ 245,8 bilhões) no segundo trimestre, um aumento de 90% em relação ao ano anterior e o maior lucro do grupo desde sua entrada na Bolsa em 2019.

Segundo a agência Bloomberg, o resultado é o maior entre as empresas listadas em bolsa.

A petrolífera saudita manteve seus dividendos inalterados em US$ 18,8 bilhões (R$ 95,5 bilhões) no terceiro trimestre, enquanto trabalhava para expandir a produção de petróleo e gás. A empresa disse que tinha capacidade de produção limitada para aumentar a oferta, e que até 2025 atingiria 12,3 milhões de barris por dia.

> Embora a volatilidade e a incerteza econômica permaneçam, o investimento contínuo em nossa indústria é essencial
>
> **Amin Nasser**
> CEO da Aramco

"Embora a volatilidade do mercado global e a incerteza econômica permaneçam, os acontecimentos no primeiro semestre deste ano sustentam nossa visão de que o investimento contínuo em nossa indústria é essencial", disse Amin Nasser, executivo-chefe da Saudi Aramco.

Nasser disse que a demanda está "saudável", mas alertou que havia pouca capacidade excedente após um período de baixo investimento no setor.

ANP vê empresas 'grandes demais para punir'

Irregulares, distribuidoras deveriam ser tiradas do mercado; agência diz que abastecimento ficaria comprometido

Julio Wiziack

BRASÍLIA A ANP (Agência Nacional de Petróleo) decidiu descumprir uma lei que a obriga a cancelar automaticamente a autorização de funcionamento de empresas do setor que foram condenadas pelo Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) por formação de cartel e outras infrações contra a ordem econômica no mercado de combustíveis.

A medida beneficia as maiores distribuidoras do país —Vibra (BR), Raízen (Shell) e Ipiranga—, que receberam nos últimos anos punições aplicadas pelo órgão de defesa da concorrência.

Em parecer que embasa uma de suas decisões e também em conversas reservadas com integrantes do Cade, a ANP alega que cumprir a lei prejudicaria o abastecimento de postos no país.

Apesar da postura da ANP, as três empresas afirmam que recorreram à Justiça contra as condenações do Cade e conseguiram suspender as decisões. Juntas, elas abastecem cerca de 65% do mercado brasileiro, segundo dados da agência.

A lei que dispõe sobre a fiscalização do abastecimento nacional de combustíveis (9.847/99) determina o cancelamento da autorização das empresas condenadas por cartel ou qualquer infração de ordem econômica reconhecida pelo Cade.

"A penalidade de revogação de autorização para o exercício de atividade será aplicada quando a pessoa jurídica autorizada [...] praticar, no exercício de atividade relacionada ao abastecimento nacional de combustíveis, infração da ordem econômica, reconhecida pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica - Cade ou por decisão judicial", afirma a lei.

As três maiores distribuidoras já foram condenadas pelo Cade. O caso mais recente —e também o maior deles— foi encerrado em julho e resultou em uma multa conjunta de R$ 105 milhões para Ipiranga e Vibra por formação de cartel na região metropolitana de Belo Horizonte (MG).

As condenações foram notificadas pelo Cade em ofícios à ANP.

Em conversas com representantes do Cade, a agência de petróleo afirma que é inviável retirar do mercado as três maiores distribuidoras e que, de acordo com um parecer jurídico da AGU (Advocacia-Geral da União), seria preciso modular a lei. Para isso, no entanto, teria de enviar um projeto ao Congresso Nacional, o que ainda está sob avaliação.

No Cade, a avaliação de conselheiros também é de que a lei precisa ser revista. As empresas, segundo o conselho, foram punidas na esfera administrativa e retirá-las do mercado seria uma pena excessiva, especialmente quando as condenadas são as três maiores do país.

Ainda segundo a avaliação de integrantes do Cade e da ANP, até mesmo a Petrobras —que detém o monopólio— poderia ser retirada do mercado se fosse condenada por práticas anticompetitivas.

A atuação de cartéis costuma elevar os preços médios de produtos e serviços em até 30%, prejudicando os consumidores.

Durante o governo do ex-presidente Michel Temer, o então ministro Moreira Franco (Secretaria-Geral) pediu uma força-tarefa do Cade e da Polícia Federal para acabar com cartéis de combustível como forma de derrubar preços e impedir a paralisação de caminhoneiros, em 2018.

Os casos envolvendo Ipiranga, Vibra e Raízen já encerraram totalmente sua tramitação no Cade, sem mais possibilidade de recurso administrativo.

A ANP, no entanto, em um dos processos do Cade que resultou na condenação da Raízen a uma multa de R$ 31,7 milhões (em 2015), comunicou ao órgão antitruste que não iria aplicar a punição prevista na lei.

A diretoria informou que decidiu "aprovar a não-revogação automática da empresa Raízen Combustíveis". Essa resposta, no entanto, só chegou ao Cade mais de dois anos após a condenação.

Ao conselho, a ANP comparou a situação das distribuidoras com a dos grandes bancos, considerados "too big to fail" (grandes demais para quebrar, em uma tradução do inglês).

A agência considerou que a Lei do Petróleo define ser atribuição do regulador "garantir o suprimento de derivados de petróleo" em todo o país. Ou seja, para a ANP, existe conflito entre as leis.

Nos outros três processos em que as grandes distribuidoras foram condenadas por cartel e outras infrações à ordem econômica, a ANP vem atuando com lentidão, sem ter marcado posição.

Em processo que resultou na condenação da Ipiranga a uma multa de R$ 8,1 milhões, por exemplo, o Cade comunicou à ANP sobre a conclusão do processo administrativo, em agosto de 2017.

Não houve nenhuma manifestação da agência ao Cade desde então, inclusive quanto a pedido de informações complementares.

No caso concluído mais recentemente, que resultou na aplicação de R$ 105 milhões em multas para a Ipiranga e a BR Distribuidora (atual Vibra), o Cade comunicou à ANP a posição do relator do processo ainda em junho de 2019, quando o julgamento foi realizado.

A agência reguladora respondeu ao Cade dois meses depois, indicando que daria sequência ao caso —apesar da posição contra a revogação no caso da Raízen no ano anterior.

Em ofício enviado ao Cade, a ANP chegou a solicitar uma série de informações complementares, todas elas fornecidas na sequência. No entanto, o processo na ANP, que tramita em sigilo, está paralisado desde junho de 2020 na Superintendência de Distribuição e Logística, que acompanha justamente as distribuidoras de combustíveis.

A postura da ANP em relação aos casos concluídos no Cade contrasta com o espírito de um acordo de cooperação técnica assinado em 2013 entre a agência e o órgão antitruste.

O objetivo era justamente o de garantir que informações, inclusive sigilosas, fossem repassadas entre as instituições.

Por meio de sua assessoria, a ANP informou que sofreu um ataque de hackers e que, por isso, não poderia prestar esclarecimentos sobre os casos específicos. A **Folha**, então, solicitou uma manifestação sobre o suposto conflito entre as leis, mas a agência não respondeu.

O Cade, via assessoria, disse que sua posição sobre os casos consta nos processos que resultaram em condenação. Neles, constam as notificações para a ANP.

Vibra e Ipiranga afirmaram ter recorrido à Justiça contra as condenações do Cade que, segundo as empresas, estariam suspensas.

A Ipiranga reforçou que sua condenação na decisão do Cade não foi caracterizada como cartel. "Na avaliação do órgão regulador, há uma conduta anticoncorrencial de indução ao comportamento uniforme, fato que se julgou procedente através de condutas inadequadas isoladas de dois funcionários da empresa", disse por nota.

A Vibra disse que sua condenação ocorreu por "supostamente ter influenciado 'a adoção de conduta comercial uniforme ou concertada entre concorrentes'". "Os efeitos dessa condenação estão suspensos pelo Judiciário", disse via assessoria.

Procurada, a Raízen não quis se manifestar.

Multas aplicadas pelo Cade às empresas; valor chega a R$ 174 mi

VIBRA (BR) E IPIRANGA
Multas R$ 105 milhões, sendo R$ 64,4 milhões aplicados à Vibra e R$ 40,7 milhões à Ipiranga
Infrações combinação e monitoramento de preços praticados entre concorrentes
Local Belo Horizonte, Betim e Contagem (MG)
Período pelo menos entre o final de 2007 e o início de 2008

IPIRANGA
Multa R$ 8,1 milhões
Infração influência de conduta uniforme de preços entre concorrentes
Local Joinville (SC)
Período pelo menos entre os meses de junho e novembro de 2013

RAÍZEN
Multa R$ 31,7 milhões
Infração a então distribuidora Shell induziu uma coordenação de preços no mercado a partir do controle dos preços de seus revendedores
Local São Carlos (SP)
Período pelo menos entre 2000 e 2003

RAÍZEN
Multa R$ 26,4 milhões
Infração influência à adoção de conduta comercial uniforme nos mercados de revenda de gasolina comum
Local Bauru e Marília (SP)
Período pelo menos entre janeiro de 2001 e abril de 2003

Fonte: autos do Cade

folhainvest

Como tirar mais da renda fixa com a mudança na curva de juros

Juro real elevado é aposta quase certa, mas é preciso proteção contra a inflação

Clayton Castelani

SÃO PAULO A taxa básica de juros da economia, a Selic, permanece alta, em 13,75% ao ano. Mas outra medida importante para definir o custo do crédito ao consumidor e o rendimento de quem investe está caindo. É o juro futuro.

Se para quem pretende tomar crédito a notícia da queda soa animadora, ao investidor em renda fixa a mudança de tendência exige mais cuidado na escolha da aplicação.

Especialistas garantem, porém, que o momento é ideal para buscar lucros sem abrir mão da segurança. A receita é diversificar os títulos conforme o movimento da curva de juros. Não sabe o que é isso? É menos complicado do que parece.

Antes, é importante entender o que são os juros futuros.

Na B3 (Bolsa de Valores Brasileira), os chamados contratos futuros são negociados como compromisso de compra ou de venda de um determinado ativo financeiro em um prazo previamente definido.

Os juros dessas operações tomam como referência a taxa de empréstimo com vencimento em um dia que os bancos realizam entre si para o acerto diário de caixa. Instituições financeiras são obrigadas a começar o dia com saldo positivo e, por isso, fazem essas transações.

Tais operações são realizadas por meio da emissão de CDIs (Certificados de Depósitos Interbancários). É daí que vem o nome taxa DI.

Os juros dos contratos futuros têm como parâmetro a taxa DI, mas também oscilam conforme o prazo e a percepção do mercado sobre o risco de não receber a quantia emprestada ao longo do tempo.

Quando alguém fala sobre curva de juros futuros, portanto, é provável que esteja se referindo à taxa DI, principal referência para o mercado de crédito brasileiro.

A curva de juros é a representação gráfica que mostra, dia após dia, qual a taxa média negociada para os contratos futuros. Para cada prazo de vencimento há uma curva.

O declínio das curvas de juros teve início no final do mês passado, após quatro meses subindo, e é mais acentuado nos contratos de médio prazo, com vencimento entre 2025 e 2030.

Essa informação é importante porque é a partir da tendência das curvas de curto e de médio prazos que o investidor definirá sua estratégia.

Apesar de a taxa DI possuir uma apuração e função diferente da Selic, ela tende a acompanhar o valor da taxa básica da economia.

Um dos motivos para isso é que as operações realizadas diariamente entre bancos também podem ter lastro (garantia) em títulos públicos, cujos juros correspondem à variação da Selic.

Já entende de juros? Veja a estratégia para investir

O investimento em renda fixa se torna vantajoso quando alcança o maior juro real possível, que é a diferença entre a inflação e o juro contratado (nominal) no período em que o dinheiro ficou investido.

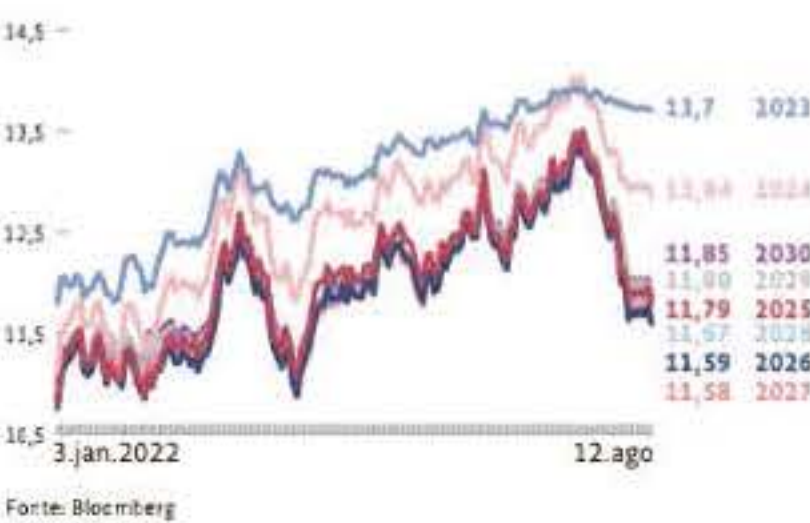
Do início de abril à segunda quinzena de julho, as curvas DIs médias subiram de cerca de 11% para aproximadamente 13,5% ao ano. Mas nas últimas três semanas elas convergiram para valores entre 11,7% e 12%.

As taxas ainda altas refletem a expectativa de que o Banco Central manterá a Selic elevada por algum tempo para garantir a queda da inflação.

Cabe notar que, embora a inflação oficial esteja em 10,07% em 12 meses, o mercado projeta uma queda para 5,5% ao ano em 2023.

Curvas de juros

Variação diária da taxa DI (Depósitos Interbancários)
Em pontos-base

Fonte: Bloomberg

Isso significa uma perspectiva de juro real elevado. Isso favorece o investimentos prefixado, ou seja, com uma taxa previamente definida com base nos juros elevados de agora. Mas é preciso cuidado.

Se para o curto prazo a vantagem dos juros é dada como certa, imprevistos podem provocar nova alta da inflação.

Títulos pós-fixados são indicados para amenizar esse risco para aplicações de médio prazo (a partir de 2025) porque garantem o pagamento da inflação acumulada no momento do resgate.

"Aqui no Brasil é muito complicado apostar contra a inflação", alerta Camila Abdelmalack, economista-chefe da Veedha Investimentos.

A explicação fica mais fácil tomando alguns exemplos práticos. O programa Tesouro Direto possui um produto chamado Tesouro Prefixado 2025. O juro pago no vencimento é de 11,85% ao ano.

Ao fazer essa escolha, o investidor aposta que essa taxa não será superada pela inflação até 2025. É uma perspectiva consistente, pois as projeções indicam recuo dos preços no curto prazo.

A mesma plataforma do Tesouro Nacional oferece o título pós-fixado Tesouro IPCA+ 2026. Ele combina um rendimento fixo de 5,5% ao ano com a variação da inflação oficial (IPCA), para a liquidação em agosto de 2026.

> O investidor, às vezes, aposta só para a expectativa de juros altos, mas fica desprotegido caso ocorra um novo choque inflacionário
>
> O segredo de uma carteira de sucesso ou que não traga desgosto é a diversificação
>
> **Camila Abdelmalack**
> economista-chefe da Veedha Investimentos
>
> Para aplicações até 2025, recomendamos o prefixado, pois as taxas de juros estão relativamente altas
>
> **Victor Zucchi**
> especialista de renda fixa da Valor Investimentos

Qualquer pessoa com CPF e conta bancária pode investir por meio do Tesouro Direto, inclusive com valores baixos. Os dois títulos mencionados exigem aplicação mínima um pouco acima de R$ 30.

O acesso é por meio de bancos e corretoras habilitadas. O site oficial tesourodireto.com.br possui a lista de instituições, simulador e detalhes sobre as aplicações.

O conceito de diversificação da renda fixa não se aplica exclusivamente aos produtos do Tesouro Nacional. O mercado privado possui títulos atrelados às taxas DI e Selic, ao IPCA e que mesclam opções para buscar rentabilidade em diversos tipos de cenário.

"Para aplicações até 2025, recomendamos o prefixado, pois as taxas de juros estão relativamente altas, falando de títulos bancários, como CDBs [Certificados de Depósitos Bancários], LCIs e LCAs [Letras de Crédito Imobiliário e do Agronegócio]", comenta Victor Zucchi, especialista de renda fixa da Valor Investimentos.

"Para até três anos é ótimo ter um investimento desse, como um CDB pagando 15% de juros ao ano", diz. "Acima disso, eu acho mais interessante uma NTN-B." NTN-B é como o mercado chama o título do Tesouro Direto indexado à inflação. É o já mencionado Tesouro IPCA+.

Para que a proposta de lucrar mesmo com o declínio da curva de juros funcione, porém, é importante respeitar os prazos para a liquidação do título, segundo Zucchi.

Resgates antecipados sofrem a chamada marcação a mercado. Isso quer dizer que o investidor que faz o saque antes do vencimento perde o rendimento contratado e é obrigado a aceitar o que o mercado estiver pagando pelo título no momento do saque.

Não precisar mexer no investimento é a melhor forma de fugir desse prejuízo. Por isso que a base de um plano de investimento deve começar por uma reserva de emergência constituída por uma ou mais aplicações que possam ser resgatadas rapidamente e sem a perda do rendimento. É a chamada liquidez diária.

CDBs e Tesouro Selic costumam ser os mais recomendados para essa situação devido à sua previsibilidade. Eles pagam rendimentos calculados sobre os juros vigentes.

Curvas de juros em declive também despertam interesse no mercado de renda variável e o momento ainda é considerado favorável para isso, segundo Camila Abdelmalack, da Veedha

Apesar da forte valorização nos últimos dias, com a Bolsa de Valores tendo passado dos 112 mil pontos na sua melhor semana desde novembro de 2020, a economista considera que há oportunidades de entrada em ações consideradas descontadas.

Investir na Bolsa é mais adequado para pessoas com visão de longo prazo, dispostas a suportar períodos de volatilidade. Mas nem por isso deixa de ser uma possibilidade para alternar investimentos.

"O segredo de uma carteira de sucesso ou que não traga desgosto é a diversificação", afirma.

Entenda a curva

O que é A curva de juros é a representação gráfica que mostra a evolução diária da taxa de juros negociada pelo mercado

Risco Uma sequência de altas dos juros aponta a curva para cima. O movimento contrário a faz descer. A inclinação da curva indica o preço do risco para quem empresta dinheiro

Curtas, médias e longas Curvas de juros podem ser chamadas de curtas, médias ou longas. A classificação depende do prazo de vencimento do contrato

Prazos Operações com vencimento em 2023 e 2024 formam curvas curtas. As curvas entre 2025 e 2030 são consideradas médias. Não há, porém, uma classificação exata

Entenda como trocar o consignado do INSS de banco para reduzir os juros de seu empréstimo

Luiz Paulo Souza

RIBEIRÃO PRETO Os beneficiários do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) que têm contratos de crédito consignado podem conseguir juros menores se optarem pela chamada portabilidade, criada pelo Banco Central em 2013. A transferência da dívida para outra instituição pode ser vantajosa, pois possibilita trocar um contrato mais caro por outro mais barato. Mas é preciso ficar atento aos detalhes para obter um bom acordo e tomar cuidado até com golpes.

Segundo Reinaldo Domingos, presidente da Abefin (Associação Brasileira de Profissionais de Educação Financeira) e da DSOP Educação Financeira, o consignado é uma das modalidades de crédito com juros mais baixos, pois o desconto das parcelas direto na fonte de renda dá maior segurança para o banco.

Segundo Domingos, mesmo com a Selic (taxa básica de juros) alta, alguns bancos conseguem fazer propostas de juros mais competitivas.

O site do Banco Central divulga a lista das taxas cobradas pelas instituições, porém vale a pena consultar os bancos. Individualmente, eles podem oferecer condições mais vantajosas.

Notas de R$ 200; portabilidade eleva competição e pode reduzir juros Pedro Ladeira/Folhapress

Segundo o INSS, a taxa de juros máxima atual é de 2,14% ao mês nas operações de empréstimos consignados e de 3,06% ao mês no cartão de crédito consignado.

Os interessados em fazer a portabilidade devem saber qual o valor das parcelas, quantas ainda faltam, as taxas de juros e o CET (Custo Efetivo Total). O CET deve incluir não apenas a taxa de juros, mas tarifas e outros encargos cobrados do cliente, como seguros, por exemplo.

Segundo a advogada Beatriz Sousa Lopes, da Vigna Advogados Associados, o beneficiário deve solicitar ao banco a declaração da dívida e a declaração do saldo remanescente, que terá essas informações.

Uma dica é comparar o valor das parcelas (incluindo juros e outros encargos) das duas instituições, diz Domingos. Para essa comparação fazer sentido, o número de parcelas restantes deve ser igual entre o banco atual e o banco para onde a portabilidade será feita.

"A portabilidade poderá ser solicitada a qualquer momento, não necessitando ter quitado parte ou percentual da dívida", diz a advogada especialista em direito previdenciário e presidente da Comissão da OABPrev Bauru, Ednise de Carvalho Rodrigues.

Como solicitar a portabilidade do crédito consignado?

Conheça sua dívida Informe-se no seu banco sobre as condições da dívida —valores, número de parcelas e taxas. A instituição tem até 15 dias, a partir da solicitação, para fornecer os dados. É possível registrar uma reclamação no Banco Central

Compare condições Pesquise no site do Banco Central as taxas de juros para empréstimo consignado em outras instituições financeiras. É importante checar se a instituição é confiável e está regulamentada pelo BC antes de fornecer qualquer dado —que pode ser utilizado por instituições fraudulentas para aplicar golpes

Compare os juros Para que a troca compense, a taxa de juros deve ser menor no novo banco. O BC não autoriza e portabilidade caso o valor e o prazo do novo empréstimo sejam maiores

Formalize o pedido Formalize o pedido de portabilidade na nova instituição financeira, que entrará em contato com o banco anterior para "comprar a dívida", quitando os débitos do cliente. Será preciso informar dados como número do contrato e endereço da instituição original, CPF e telefone do titular. A instituição financeira onde o consignado foi obtido não poderá impedir ou dificultar a portabilidade, que é gratuita. A nova instituição tem cinco dias para concluir a transferência da dívida

Fique atento a contrapropostas A portabilidade é um estímulo à concorrência entre as instituições. Ao pedir a transferência da dívida, o banco que tem o empréstimo pode oferecer melhores condições. Se preferir desistir da troca, o cliente deve avisar o banco

Cuidado com golpes e falsas propostas Não aceite propostas feitas por telefone, redes sociais ou aplicativos de trocas de mensagens, nem passe informações como CPF e senhas por esses meios

Não empreste seu nome Evite fazer empréstimos em nome de outras pessoas, mesmo para parentes. Caso ela não consiga pagar as parcelas, o seu nome pode ficar sujo

Proteja-se Quem não deseja contratar consignado pode bloquear o benefício para novos empréstimos, o que reduz fraudes

Lucro da Eletrobras cai 45% no 2º tri, para R$ 1,4 bilhão

SÃO PAULO | REUTERS A Eletrobras registrou lucro líquido de R$ 1,4 bilhão no segundo trimestre, queda de 45% ante o mesmo período do ano anterior, devido principalmente a efeitos da variação cambial negativa de R$ 625 milhões pela exposição de dívida da empresa em dólar.

Na noite de sexta-feira (12), a companhia disse que o resultado trimestral também foi impactado pela provisão para perdas em investimentos no montante de R$ 890 milhões, em função, principalmente, do aporte de capital realizado pela subsidiária Furnas na Santo Antônio Energia.

Ainda houve impacto de provisão para crédito de liquidação duvidosa (PCLD), que somou R$ 694 milhões, influenciado pela inadimplência da distribuidora Amazonas Energia, em especial no que se refere à dívida financeira com a holding.

A geração de caixa medida pelo Ebitda ajustado apresentou crescimento de 6%, para R$ 4,861 bilhões no segundo trimestre.

O resultado no período já considera os efeitos contábeis da segregação da Eletronuclear, que deixou de ser uma empresa controlada pela Eletrobras após a privatização, em junho deste ano.

O balanço também inclui a venda da participação acionária detida na Itaipu Binacional e a celebração dos novos contratos de concessão de geração decorrentes da privatização.

A receita operacional líquida aumentou 19% para R$ 8,856 bilhões, pela melhor performance nos contratos bilaterais e pelo reajuste anual das receitas de transmissão, cuja base de ativos foi ampliada no ciclo 21/22 pelo reperfilamento da Rede Básica Sistema Existente que consiste em indenizações para concessões renovadas antecipadamente em 2012, nos termos da Medida Provisória 579.

A Eletrobras foi privatizada em junho deste ano, após a oferta pública de parte das suas ações. A venda diluiu a participação do governo em seu capital.

Com o processo, a União ficou com cerca de 40% do capital votante (e 36,9% do total), ante 68,6% até então.

As novas regras da Eletrobras impedem que qualquer grupo, inclusive o governo federal, exerça poder de voto superior a 10%.

Chaveiros em centro de artesanato do país estampam Jesus, Monsenhor Romero e Nayib Bukele Daniela Arcanjo/Folhapress

Bitcoin de El Salvador não compra livro censurado

Veja como (não) funciona moeda digital em primeiro país a adotá-la

DEPOIMENTO

Daniela Arcanjo

SAN SALVADOR Um país em que tudo, de bugiganga em camelô a imposto de renda, pode ser pago em bitcoin. Esse não é El Salvador.

No dia 7 de setembro de 2021, o país entrou na vanguarda do delírio ao transformar o bitcoin em moeda de curso legal, ao lado do dólar. Precisei de apenas um dia na capital, San Salvador, para encontrar comerciantes que recusam o criptoativo.

"Todo agente econômico deverá aceitar bitcoin como forma de pagamento", diz a lei, que passou no Congresso governista a toque de caixa. A proposta foi anunciada pelo presidente, Nayib Bukele, em uma conferência sobre a moeda, na Flórida, no dia 5 de junho do ano passado. Quatro dias depois, estava aprovada. Três meses depois, em vigor.

Na feira de artesanatos da cidade, os mais de 80% de aprovação do presidente, segundo pesquisa do jornal local La Prensa, aparecem em chaveiros, canecas e cadernos estampados com o rosto de Bukele. Ali, durante minha visita à América Central, em julho, recebi algumas explicações para a adoção capenga da criptomoeda. Baixa procura, me disse uma vendedora.

Dificuldade em usar a carteira eletrônica do país, apontou uma comerciante idosa.

Dados da União Internacional de Telecomunicações mostram que a cobertura 4G no território atinge 68% da população, 17 pontos menos que a média global. Esse empecilho foi repetidamente alardeado por especialistas na época da aprovação do projeto.

Um componente-chave para o baixo entusiasmo com o bitcoin, porém, me foi soprado por um taxista. Investidores estão com a carteira parada desde que os ativos digitais entraram em colapso, no final do ano passado. Não há por que gastar a moeda e concretizar o prejuízo.

Em novembro, quando criptomoedas estavam no seu auge por causa das políticas monetárias expansionistas dos bancos centrais, um bitcoin bateu os US$ 64,4 mil (R$ 349 mil, em cotação da época). Em junho deste ano, caiu 70%, para US$ 19 mil (R$ 109,5 mil).

Independentemente do empenho dos entusiastas, o bitcoin é tratado como ativo, não como moeda. E um dos mais arriscados —destinado, portanto, a quem tem gordura para queimar. Esse não é o caso de quase 1,7 milhão de salvadorenhos (mais de um quarto da população) que vivia abaixo da linha da pobreza em 2020, segundo dados do Banco Mundial.

Já o governo, que decidiu adotar o bitcoin como moeda oficial, deveria contar com quedas bruscas e volatilidade.

Desde que iniciou a sua aventura, Bukele anuncia no Twitter —onde já demitiu ministros— a compra de bitcoins pelo Estado. Não há transparência. Segundo o La Prensa, foram 2.381 bitcoins até agora, um investimento de US$ 104,5 milhões (R$ 527,6 milhões). Perguntei à Presidência quantos bitcoins El Salvador tem, mas não houve resposta.

> O governo deu a esse projeto todo o apoio que se poderia esperar, e ainda assim fracassou
>
> **Fernando Alvarez**
> Economista da Universidade de Chicago e autor de pesquisa sobre a adoção do bitcoin por El Salvador, publicada pelo Escritório Nacional de Pesquisa Econômica dos EUA

A moeda digital é mais um elemento do teatro que Bukele arma para ser o autoritário mais cool do mundo. O político entrou na onda populista, aproveitando-se do desgaste dos dois principais partidos do país desde o acordo de paz de 1992, que encerrou uma guerra civil de 13 anos.

Bitcoin à parte, enfrentei uma odisseia para comprar livros sobre um dos temas fundamentais do país: as pandilhas, grupos criminosos que dominam parte do território salvadorenho.

Na livraria da Universidade Centroamericana —uma das melhores do país, dizem—, perguntei por títulos de Óscar Martínez, chefe de redação do jornal El Faro e autor da reportagem que revelou um acordo entre o governo Bukele e uma pandilha. Não tinha.

Precisei recorrer a um colega, que me informou onde achar a publicação. O governo instituiu pena de até 15 anos de prisão para quem divulgar mensagens do crime organizado, o que impede o exercício do jornalismo.

Desde a onda de violência que matou 87 pessoas em 72 horas em março, o país está em estado de exceção. No caminho para a livraria, outdoors pediam "ajuda para seguir capturando terroristas". É só ligar 123.

Não há dados oficiais sobre o número de encarcerados no período. No fim de maio, o La Prensa estimou 74.547 presos ao todo, 1,7% da população adulta. Até o final de junho, a organização de direitos humanos Cristosal contabilizou 54 pessoas mortas sob custódia do Estado em centros penais ou hospitais.

Nem mesmo o bitcoin, com suas fantasias de liberdade e progresso, pode competir com uma realidade dessas.

Raio-X de El Salvador

População: 6,5 milhões

PIB: US$ 28,74 bilhões

IDH: 0,673 (médio)

Moedas autorizadas: cólon salvadorenho, dólar e bitcoin

Fontes: Banco Mundial, governo salvadorenho

É feio dizer, mas o mercado queria mais desemprego

Pleno emprego dificulta o controle da inflação; juros maiores derrubam ações

Marcos de Vasconcellos
Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

Há um consenso no mercado financeiro: as previsões estão aí para humilhar economistas, analistas, políticos e, se tudo correr normalmente, jornalistas. Ainda assim, não deixou de ser impressionante quando, no último dia 5, os principais bancos e casas de análise erraram em 100% as expectativas para a criação de vagas de emprego nos Estados Unidos.

O mercado apostava que seriam criadas cerca de 250 mil vagas de emprego, em julho, nos EUA. Foram arrebatados pela realidade de 528 mil novas vagas, anunciadas pelo Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano), no relatório chamado payroll.

Parece — e é — uma bela notícia! Mais empregos. Mais famílias com a oportunidade de se alimentar, pagar as contas, viver melhor. Mas o mercado financeiro estremeceu.

Acontece que o payroll, é um baita termômetro para a economia. Se há mais empregos, haverá mais dinheiro circulando, mais compras e, logo, mais inflação. E qual é o motivo dos recentes aumentos de juros pelos bancos centrais? Reduzir a circulação de dinheiro, as compras e a inflação.

Bancões globais, como Morgan Stanley, Goldman Sachs e Citi, apontaram que a alta dos empregos reforçava a necessidade de aumentar mais os juros, para esfriar (ou desaquecer, como se diz) a economia. E quanto maiores os juros, pior para o mercado de ações.

A verdade é que, digo sem juízo de valor, os principais players do mundo dos investimentos torciam por mais desemprego. O pleno emprego dificulta o controle da inflação.

Quase uma semana depois de perderem o ar com a alta dos empregos, investidores respiraram aliviados, ao ver os indicadores de inflação dos EUA se estabilizarem.

O índice de preços ao consumidor (CPI, na sigla em inglês) saiu melhor que o esperado pelo mercado, ficando estável em julho. E o Índice de Preços ao Produtor dos Estados Unidos (PPI) caiu 0,5% — o mercado esperava uma queda mais sutil, de 0,2%.

Os dados acalmaram os investidores, mas a presidente do Fed de São Francisco, Mary Daly, disse que ainda é muito cedo para "declarar vitória" contra a inflação.

Por aqui, ao mesmo tempo em que o mercado teve a impressão de inflação controlada nos EUA, a nossa Bolsa interrompeu sua belíssima sequência de altas. Analistas justificaram o freio pela realização de lucros, ou seja: a venda de parte dos papéis que deram dinheiro.

A insegurança geral, incluindo o fato de estarmos às vésperas da nossa eleição presidencial, tem levado gestores a apostar em tiros curtos.

Falando em eleições, o ministro Paulo Guedes garante que o desemprego aqui vai cair para 8% até o fim do ano. Hoje, o índice está em 9,3%.

Como a maioria dos analistas enxerga que estamos já próximos do nosso nível máximo de juros, uma queda do desemprego, ao contrário do que aconteceu nos EUA, não deve ter forte impacto. Isso se, e somente se, as previsões combinarem com a realidade, claro.

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos | **TER. Michael França,** Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

tec

Jogos perdem público para a vida real com fim da pandemia

Setor relata vendas e engajamento de gamers mais fracos nos últimos meses

Anna Gross

LONDRES As empresas de games foram atingidas pelo enfraquecimento das vendas e do engajamento nos últimos meses. Um dos principais motivos foi o retorno às atividades do mundo real após a pandemia e a necessidade dos jogadores de começar a cortar gastos, por causa do aumento do custo de vida.

Produtores de consoles, editores de videogames e fabricantes de chips para jogos em todo o setor relataram uma queda na demanda no último trimestre, desafiando a tese de que os games são uma das formas de entretenimento mais à prova de recessão.

A desaceleração ocorre depois que o setor teve um aumento na demanda e lucros abundantes durante a pandemia, já que os bloqueios globais aumentaram o apetite dos consumidores por entretenimento virtual, o qual, por sua vez, viu os negócios aumentarem acentuadamente.

Os fabricantes de consoles Sony e Microsoft foram precursores na desaceleração. No mês passado, a Sony relatou queda de 15% no engajamento do PlayStation ano a ano.

Na última segunda (8), a Nvidia, peso pesado na produção de chips, divulgou queda na receita no segundo trimestre pelo refluxo nos negócios de jogos.

Jogo de tiro Call of Duty, da Activision Blizzard, cujas vendas caíram 15% no 2º tri Reprodução

Strauss Zelnick, executivo-chefe da Take-Two Interactive, dona do jogo Grand Theft Auto, disse aos investidores nesta semana que não acredita que "o negócio do entretenimento seja à prova de recessão", e que a inflação deve reduzir gastos com itens menos essenciais.

Sua previsão de vendas ficou aquém das estimativas dos analistas, derrubando as ações em 5%.

Este mês, a Activision Blizzard registrou uma queda de 15% nas vendas no segundo trimestre, em comparação com o mesmo período do ano passado, em grande parte pela demanda mais fraca por consoles e PCs e uma resposta fria ao último lançamento de seu jogo de tiro Call of Duty.

Também frustrou os analista a Electronic Arts, famosa por sua franquia Fifa, e também Sims.

O maior impacto parece estar no segmento de celulares, que tem sido o foco das negociações nos últimos anos.

A EA disse que as reservas para celular caíram 2,5% em relação ao trimestre anterior, com os títulos legacy — excluindo Fifa Mobile — com desempenho muito ruim.

"Em um mundo onde você pode se envolver profundamente sem gastar, como veremos os gastos nesse período?", perguntou Andrew Wilson, executivo-chefe da EA.

A EA ainda está sofrendo com um lançamento fraco de seu aguardado jogo Battlefield 2042 em novembro, enquanto a Take-Two adiou o lançamento de um de seus títulos mais significativos.

Na quarta (10), a plataforma de jogos Roblox, criadora de Jailbreak e MeepCity, viu suas ações caírem mais de 12% depois de relatar queda de 4% nas reservas líquidas e desaceleração no crescimento diário de usuários.

A plataforma de desenvolvimento de jogos Unity, o mecanismo por trás de mais de 70% dos jogos para celular em todo o mundo, reduziu sua previsão para o ano, em parte, por "fatores macroeconômicos recentemente negativos".

A Activision Blizzard também enfrentou dificuldades depois que seu título principal, Call of Duty, teve uma recepção morna no final do ano passado.

Para Neil Campling, analista da Mirabaud Equity Research, o público se tornou mais seletivo agora que tem opções mais diversificadas de lazer.

Patrick O'Luanaigh, executivo-chefe da editora de realidade virtual NDreams, concordou que houve uma "marcada desaceleração em grandes lançamentos".

No entanto, os executivos deram um tom positivo a suas perspectivas em médio e longo prazo, apontando do um crescimento constante no número de jogadores em todo o mundo.

Wilson, da EA, destacou que uma expansão para jogos de celular, independentemente da preferência por jogos gratuitos agora, "representa uma maneira de acessarmos jogadores em novos mercados". Ele estima esse potencial em cerca de 3,5 bilhões de jogadores em todo o mundo.

Zelnick concordou, observando que as evidências sugerem que a próxima geração de jogadores está "mais engajada e joga mais".

"Por isso tenho que acreditar que o entretenimento interativo continuará a crescer desproporcionalmente ao restante dos negócios de entretenimento audiovisual", acrescentou.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

África tem muito a ensinar sobre inovação

Moçambique, um país em pleno processo de reconquista do tempo perdido

Ronaldo Lemos
Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Quando se pensa no continente africano nem sempre é comum pensar em inovação. Isso é um erro. Primeiro por conta dos aspectos tradicionais e da diversidade do continente, que sempre foram propícios para experimentação e criatividade.

Recentemente, também pelo fato de haver uma vitalidade enorme apontando para inovações tecnológicas e sociais no continente. Não é por acaso que se fala cada vez mais em afrofuturismo ou de Wakanda.

Moçambique pode facilmente ilustrar esses conceitos. A história do país é cheia de desafios. A começar porque só se tornou independente em 1975. Logo após a independência mergulhou em uma guerra civil, que acabou somente em 1992.

A guerra destruiu mais de mil escolas do país, além de arrasar recursos e infraestrutura, incluindo flora e fauna. Até os elefantes de Moçambique são especialmente agressivos, traumatizados pelo conflito.

No entanto, o país hoje está em pleno processo de reconquista do tempo perdido. É um país demograficamente jovem que tem produzido iniciativas inspiradoras. Por exemplo, há um ecossistema de inovação e criatividade em curso. A começar pela questão dos pagamentos digitais. Há mais de dez anos é possível transferir dinheiro pelo celular, sem precisar de conta bancária. Mais do que isso, é possível sacar dinheiro nos caixas eletrônicos sem usar cartão, apenas com mensagens de texto. Ou ainda, pagar qualquer compra com o celular, também sem cartão.

Enquanto o Pix no Brasil tem pouco tempo, Moçambique tem um sistema de pagamentos digitais há bem mais tempo e com mais funcionalidades que as implementadas até agora pelo Pix.

Além disso, há uma cena crescente de startups. Por exemplo, o Biscate.com. Trata-se de um site e aplicativo de celular (acessível também por mensagens de texto) que permite aos 14 milhões de trabalhadores informais do país encontrar trabalho eventual.

Em Moçambique há cerca de 1 milhão de empregos formais, insuficientes para ocupar a força de trabalho. Depois do sucesso inicial, o Biscate está agora investindo em organizar cadeias produtivas mais complexas: conectar trabalhadores com habilidades distintas, criando laços mais sólidos entre demanda e oferta.

A indústria cultural também avança. O X-Hub, por exemplo, é uma iniciativa que permite a músicos, produtores audiovisuais e outros profissionais criativos alavancarem seu trabalho, inclusive internacionalmente.

Funcionam com capacitação, internacionalização (traduzem tudo do artista para o português, inglês e francês). Oferecem estúdio de gravação e produção de vídeo. E criam uma rede capaz de profissionalizar a produção local.

Como sempre gosto de lembrar, a cultura é a porta de entrada para a economia do conhecimento. E o X-Hub aposta exatamente nisso.

Mais ao norte do país o Parque Nacional da Gorongosa criou um programa de mestrado aberto a pesquisadores do mundo todo. É uma rara junção de parque nacional, com pesquisa e programa social de apoio às comunidades do entorno. Cheguei inclusive a participar da maratona promovida pelo parque com as comunidades vizinhas, com 2.500 participantes.

Enquanto corria com esforço máximo, fui ultrapassado facilmente por um corredor local que corria de costas. Isso serviu para mim de metáfora. No continente africano há muita criatividade, ousadia e formas diferentes de fazer as coisas. Mesmo correndo de costas, com tantos desafios, o horizonte é cada vez mais de ultrapassagens.

READER

Já era Achar que inovação acontece só no Vale do Silício

Já é Inovação no continente africano

Já vem A 6ª temporada do Expresso Futuro, que vai mostrar inovação no continente africano (estreia em outubro)

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

COMISSÃO DE POLITICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO AMBIENTE

A Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente convida o público interessado para participar da audiência pública presencial para debater a seguinte matéria:

PL 28/2022 – Executivo – Ricardo Nunes
Altera a Lei nº 13.769, de 26 de janeiro de 2004, para integrar o Complexo Paraisópolis ao Programa de Investimentos.

Data: 23/08/2022 (terça-feira)
Horário: 18 horas
Local: CEU Paraisópolis
Rua José Augusto de Souza e Silva S/N
Jardim Parque Morumbi

O acesso do público em geral será permitido mediante aferição obrigatória de temperatura e, segundo o cronograma vacinal municipal, a apresentação de comprovante de vacinação ou relatório médico que justifique óbice à imunização, conforme Art. 2º do Ato nº 1.504, de 02 de março de 2021, alterado pelo Ato nº 1.539, de 25 de março de 2022.

Para maiores informações: urb@saopaulo.sp.leg.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÉCNICO ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - SINTUNIFESP.
CNPJ Nº 50.707.546/0001-55
EDITAL DE CONVOCAÇÃO
ASSEMBLEIA GERAL DE ASSOCIADOS

O Sindicato dos Trabalhadores Técnico Administrativos em Educação da Universidade Federal de São Paulo – SINTUNIFESP com base territorial nos municípios de Diadema, Embu das Artes, Guarulhos, Osasco, Santos, São José dos Campos e São Paulo, entidade sindical representativa da categoria profissional de primeiro grau, inscrita no CNPJ sob nº 50.707.546/0001-55, localizado na Rua Pedro de Toledo, nº 386 – Vila Clementino – São Paulo – SP, CEP: 04039-001, na forma de seu Estatuto Social, como determina o Artigo 21 - §2 º do Estatuto Social, por meio de sua Diretoria Colegiada, CONVOCA a todos os associados da entidade sindical em dia com suas obrigações estatutárias que possuam vínculo profissional estatutário na base territorial representada para comparecerem e participarem da Assembleia Geral de Associados em conformidade com o Artigo 18 do Estatuto Social. A presente Assembleia Geral de Associados será realizada no dia 23 (terça–feira) de agosto de 2022 às 10h00 em 1ª (primeira) chamada com maioria absoluta dos associados e, não havendo quórum suficiente ao estabelecido, às 10h30 em 2ª (segunda) e última chamada na mesma data, esta com qualquer número de associados presentes na sede social da entidade localizada na Rua Pedro de Toledo, nº 386 – Vila Clementino – São Paulo – SP, para deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: a) Alteração Estatutária; b) Encaminhamento, Deliberação e Votação. São Paulo – SP, 15 de agosto de 2022. COORDENAÇÃO GERAL:
Antonio de Souza Pereira - CPF nº 262.318.689-73;
Gerson Abreu Pires Junior - CPF nº 253.518.998-41;
Rodrigo Bizacho de Oliveira - CPF nº 321.329.198-60.

ESTADO DE MASSACHUSETTS
Tribunal de Julgamento
Departamento de Sucessões e Tribunal de Família

Citação por edital e correspondência

Divisão de ESSEX Número da pauta: ES22A0211SJ

Welsley Dedindo De Oliveira Autor(es)

V.

Lucinéia Dedindo Réu

Para o Réu acima mencionado: Lucinéia Dedindo

Uma petição inicial foi apresentada a este Tribunal pelo Autor: Welsley Dedindo De Oliveira em busca de custódia e uma conclusão particular.

Você é requerido a apresentar ao Bel. Daniel A. Rojas, cujo endereço é 235 Marginal Street, Chelsea, MA, 02150, sua resposta no dia 21 de setembro de 2022 ou antes.

Caso você não o faça, o tribunal prosseguirá para a audiência e julgamento desta ação. Você também é requerido a apresentar uma cópia de sua resposta no Cartório do Registro deste Tribunal em 36 Federal St., Salem, MA 01970

Testemunha, Frances M. Giordano, Bacharel, Primeiro Juiz do referido Tribunal em Salem, aos 2 de agosto de 2022.

[Assinatura] Cartório de Registro

CJD-112

ESTADO DE MASSACHUSETTS
Tribunal de Julgamento
Departamento de Sucessões e Tribunal de Família

Citação por edital e correspondência

Divisão de ESSEX Número da pauta: ES22A0203SJ

Maria Carolina Serpa Fernandez Machado Autor(es)

V.

Robson Machado Réu

Para o Réu acima mencionado: Robson Machado

Uma petição inicial foi apresentada a este Tribunal pela Autora, Maria Carolina Serpa Fernandez Machado em busca de custódia e uma conclusão particular.

Você é requerido a apresentar ao Bel. Daniel A. Rojas, cujo endereço é 235 Marginal Street, Chelsea, MA, 02150, sua resposta no dia 21 de setembro de 2022 ou antes.

Caso você não o faça, o tribunal prosseguirá para a audiência e julgamento desta ação. Você também é requerido a apresentar uma cópia de sua resposta no Cartório do Registro deste Tribunal em 36 Federal St., Salem, MA 01970

Testemunha, Frances M. Giordano, Bacharel, Primeiro Juiz do referido Tribunal em Salem, aos 2 de agosto de 2022.

[Assinatura] Cartório de Registro

CJD-112

ESTADO DE MASSACHUSETTS
Tribunal de Julgamento
Departamento de Sucessões e Tribunal de Família

Citação por edital e correspondência

Divisão de ESSEX. Número da pauta: ES22A0211SJ

Brenda Lorrayne Rosa De Souza Autor(es)

V

Jose Carlos Pereira De Souza Réu

Para o Réu acima mencionado: Jose Carlos Pereira De Souza

Uma petição inicial foi apresentada a este Tribunal pela Autora, Brenda Lorrayne Rosa de Souza em busca de custódia e uma conclusão particular.

Você é requerido a apresentar ao Bel. Daniel A. Rojas, cujo endereço é 235 Marginal Street, Chelsea, MA, 02150, sua resposta no dia 21 de setembro de 2022 ou antes.

Caso você não o faça, o tribunal prosseguirá para a audiência e julgamento desta ação. Você também é requerido a apresentar uma cópia de sua resposta no Cartório do Registro deste Tribunal em 36 Federal St., Salem, MA 01970

Testemunha, Frances M. Giordano, Bacharel, PrimeiroJuiz do referido Tribunal em Salem, aos 2 de agosto de 022.

[Assinatura] Cartório de Registro

CJD-112

EXTRATO DO EDITAL DE ABERTURA DE INSCRIÇÕES DO PROCESSO SELETIVO 2022
RESIDÊNCIA EM ÁREA PROFISSIONAL DA SAÚDE DO HOSPITAL SIRIO LIBANES

A Coordenadora da Comissão de Residência Multiprofissional (COREMU) da Sociedade Beneficente de Senhoras Hospital Sírio-Libanês Hospital Sírio-Libanês, no uso de suas atribuições, faz saber que será realizado processo seletivo para o preenchimento das vagas para os Programas de Residência em Área Profissional de Saúde - Projeto vinculado ao Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional do Sistema Único de Saúde – PROADI-SUS do Ministério da Saúde - modalidades Uniprofissional e Multiprofissional em Saúde, no ano de 2023, destinados a profissionais de saúde graduados no Brasil, bem como brasileiros e estrangeiros portadores de diploma revalidado por instituições credenciadas pelo Ministério da Educação (MEC), de acordo com as normas da Comissão Nacional de Residência Multiprofissional em Saúde (CNRMS), na conformidade da legislação pertinente em vigor, e as instruções especiais constantes na íntegra deste edital publicado no site do Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa - https://iep.hospitalsiriolibanes.org.br/programa-de-residencia e Site da Fundação Carlos Chagas - www.concursosfcc.com.br a partir do dia 15/08/2022.

Eventuais recursos deverão ser interpostos exclusivamente pelo endereço: www.concursosfcc.com.br, de acordo com as instruções constantes na página do Processo Seletivo, no prazo estipulado.

Não serão aceitos recursos interpostos por internet, telegrama, e-mail ou outro meio que não seja o especificado neste edital.

I. DAS CONDIÇÕES DE OFERTA DE PROGRAMAS

1.1 PROGRAMAS UNIPROFISSIONAIS

As vagas existentes são alocadas no Hospital Sírio-Libanês (São Paulo/capital) e serão providas de acordo com as vagas abaixo indicadas.

Cód. Opção	Pré-requisito	Programa	Vagas Oferecidas/ano	Duração
19	Graduação em Biomedicina	Biomedicina em Diagnóstico por imagem	8	2 anos
20	Graduação em Enfermagem	Enfermagem em Cardiologia	6	2 anos
21	Graduação em Enfermagem	Enfermagem Clínico-Cirúrgica	8	2 anos
22	Graduação em Enfermagem	Enfermagem em Centro Cirúrgico e Centro de Material e de Esterilização	4	2 anos
23	Graduação em Enfermagem	Enfermagem em Urgência e Emergência	8	2 anos
24	Graduação em Física	Física Médica em Radioterapia	2	2 anos

1.2 PROGRAMAS MULTIPROFISSIONAIS

As vagas existentes são alocadas no Hospital Sírio-Libanês (São Paulo/capital) e serão providas de acordo com as vagas abaixo indicadas.

Cód. Opção	Pré-requisito	Programa	Vagas Oferecidas/ano	Duração
25	Graduação em Enfermagem	Residência no Cuidado ao Paciente Crítico	6	2 anos
26	Graduação em Farmácia		3	2 anos
27	Graduação em Fisioterapia		3	2 anos
28	Graduação em Nutrição		3	2 anos
29	Graduação em Enfermagem	Residência no Cuidado ao Paciente Oncológico	4	2 anos
30	Graduação em Farmácia		2	2 anos
31	Graduação em Fisioterapia		2	2 anos
32	Graduação em Nutrição		2	2 anos
33	Graduação em Psicologia		2	2 anos
34	Graduação em Enfermagem	Residência no Cuidado à Saúde da Criança e Adolescente	3	2 anos
35	Graduação em Farmácia		1	2 anos
36	Graduação em Fisioterapia		1	2 anos
37	Graduação em Nutrição		1	2 anos
38	Graduação em Psicologia		1	2 anos

I. DA REALIZAÇÃO DO PROCESSO SELETIVO

2. O processo seletivo será realizado em duas fases:

2.1 PRIMEIRA FASE: Prova objetiva de múltipla escolha presencial.
DATA: 05/12/2022 (segunda-feira).
HORÁRIO DE INÍCIO: Período da tarde.
DURAÇÃO: Quatro horas.

2.2. SEGUNDA FASE: Entrevista com análise e arguição de curriculum vitae.
DATA: de 09/01/2023 a 20/01/2023, conforme distribuição descrita em edital.

Os requisitos obrigatórios para a realização da prova, bem como a descrição detalhada dos horários e orientações sobre locais são apresentados no edital publicado na íntegra nos endereços: https://iep.hospitalsiriolibanes.org.br/programa-de-residencia e www.concursosfcc.com.br

Ressaltamos que conforme descrito no edital, é de responsabilidade do candidato providenciar a adequada documentação para inscrição no processo seletivo e matrícula, bem como acompanhar através do portal do Sírio-Libanês Ensino e Pesquisa as eventuais alterações, atualizações ou acréscimos referentes a este processo seletivo, sendo que o Hospital Sírio-Libanês não encaminhará qualquer comunicado ao candidato de tais situações.

São Paulo, 15 de Agosto de 2022.
Paula Caparroz Lucio
Coordenadora da Comissão de Residência Multiprofissional (COREMU)
Hospital Sírio-Libanês

EXTRATO DO EDITAL DE ABERTURA DE INSCRIÇÕES DO PROCESSO SELETIVO 2023
RESIDÊNCIA MÉDICA DO HOSPITAL SIRIO LIBANES

As Coordenadoras da Comissão de Residência Médica (COREME) do Hospital Sírio-Libanês São Paulo e Comissão de Residência Médica (COREME) do Hospital Sírio-Libanês Brasília, no uso de suas atribuições, fazem saber que será realizado Processo Seletivo para o preenchimento das vagas para os Programas de Residência Médica - Projeto vinculado ao Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional do Sistema Único de Saúde – PROADI-SUS do Ministério da Saúde, no ano de 2023, destinados a médicos graduados no Brasil, bem como brasileiros e estrangeiros portadores de diploma revalidado por instituições credenciadas pelo Ministério da Educação (MEC), de acordo com as normas da Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), na conformidade da legislação pertinente em vigor, e as instruções especiais constantes na íntegra deste edital publicado no site do Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa - https://iep.hospitalsiriolibanes.org.br/programa-de-residencia e Site da Fundação Carlos Chagas - www.concursosfcc.com.br a partir do dia 15/08/2021.

Eventuais recursos deverão ser interpostos exclusivamente pelo endereço: www.concursosfcc.com.br, de acordo com as instruções constantes na página do Processo Seletivo, no prazo estipulado.

Não serão aceitos recursos interpostos por internet, telegrama, e-mail ou outro meio que não seja o especificado neste edital.

I. DAS CONDIÇÕES DE OFERTA DE PROGRAMAS

A. PROGRAMAS SÃO PAULO/CAPITAL

As vagas existentes são alocadas no Hospital Sírio-Libanês (São Paulo/capital) e serão providas de acordo com as vagas abaixo indicadas.

1.1 RESIDÊNCIA MÉDICA – ÁREAS BÁSICAS E ESPECIALIDADE COM ACESSO DIRETO

Cód. Opção	Programa	Vagas Oferecidas/ano de PRM	Duração
01	Anestesiologia	08	3 anos
02	Clínica Médica	06	2 anos
03	Dermatologia	03	3 anos
04	Neurologia	03	3 anos
05	Pediatria	06	3 anos
06	Radiologia/Diagnóstico por Imagem	06	3 anos
07	Radioterapia	02	4 anos
08	Medicina Intensiva	06	3 anos

1.2 RESIDÊNCIA MÉDICA – COM PRÉ-REQUISITO EM CLÍNICA MÉDICA

Cód. Opção	Programa	Vagas Oferecidas/ano de PRM	Duração
09	Cardiologia	06	2 anos
10	Oncologia Clínica	04	3 anos

1.3 RESIDÊNCIA MÉDICA – COM PRÉ-REQUISITO EM CLÍNICA MÉDICA OU CIRURGIA GERAL OU PRÉ-REQUISITO EM ÁREA CIRÚRGICA BÁSICA (RESOLUÇÃO CNRM 48/2018)

Cód. Opção	Programa	Vagas Oferecidas/ano de PRM	Duração
11	Endoscopia	05	2 anos

1.4 RESIDÊNCIA MÉDICA – COM PRÉ-REQUISITO EM CIRURGIA GERAL OU GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA OU PRÉ-REQUISITO EM ÁREA CIRÚRGICA BÁSICA (RESOLUÇÃO CNRM 48/2018)

Cód. Opção	Programa	Vagas Oferecidas/ano de PRM	Duração
12	Mastologia	01	2 anos

1.5 ANO ADICIONAL – COM PRÉ REQUISITO EM CARDIOLOGIA

Cód. Opção	Programa	Vagas Oferecidas/ano de PRM	Duração
13	Ergometria	02	1 ano

1.6 ANO ADICIONAL – COM PRÉ-REQUISITO EM ANESTESIOLOGIA, CLÍNICA MÉDICA, MEDICINA FÍSICA E REABILITAÇÃO, NEUROCIRURGIA, NEUROLOGIA, ORTOPEDIA, PEDIATRIA, REUMATOLOGIA

Cód. Opção	Programa	Vagas Oferecidas/ano de PRM	Duração
14	Dor	02	1 ano

1.7 ANO ADICIONAL – COM PRÉ-REQUISITO EM QUALQUER PROGRAMA HABILITADO PELA CNRM

Cód. Opção	Programa	Vagas Oferecidas/ano de PRM	Duração
15	Administração em Saúde	04	1 ano

1.8 ANO ADICIONAL – COM PRÉ-REQUISITO EM HEMATOLOGIA E HEMOTERAPIA

Cód. Opção	Programa	Vagas Oferecidas/ano de PRM	Duração
16	Transplante em Medula Óssea	03	1 ano

1.9 ANO ADICIONAL – COM PRÉ REQUISITO EM ENDOSCOPIA, CIRURGIA GERAL, CIRURGIA DO APARELHO DIGESTIVO, COLOPROCTOLOGIA, GASTROENTEROLOGIA

Cód. Opção	Programa	Vagas Oferecidas/ano de PRM	Duração
17	Endoscopia Digestiva	02	1 ano

B. PROGRAMA BRASÍLIA/DF

As vagas existentes são alocadas no Hospital Sírio-Libanês (Brasília/DF) e serão providas de acordo com as vagas abaixo indicadas.

1.10 RESIDÊNCIA MÉDICA – COM PRÉ-REQUISITO EM CLÍNICA MÉDICA

Cód. Opção	Programa	Vagas Oferecidas/ano de PRM	Duração
18	Oncologia Clínica	02	3 anos

II. DA REALIZAÇÃO DO PROCESSO SELETIVO

2. O processo seletivo será realizado em duas fases:

2.1 PRIMEIRA FASE: Prova objetiva de múltipla escolha presencial.
DATA: 05/12/2022 (segunda-feira)
HORÁRIO DE INÍCIO: Período da manhã
DURAÇÃO: Até cinco horas.

2.2 SEGUNDA FASE: Entrevista com análise e arguição de curriculum vitae
DATA: de 09/01/2023 a 20/01/2023, conforme descrito em edital

Os requisitos obrigatórios para a realização da prova, bem como a descrição detalhada dos horários e orientações sobre locais são apresentados no edital publicado na íntegra nos endereços: https://iep.hospitalsiriolibanes.org.br/programa-de-residencia e www.concursosfcc.com.br.

Ressaltamos que conforme descrito no edital, é de responsabilidade do candidato providenciar a adequada documentação para inscrição no processo seletivo e matrícula, bem como acompanhar através do portal Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa e Site da Fundação Carlos Chagas as eventuais alterações, atualizações ou acréscimos referentes a este processo seletivo, sendo que o Hospital Sírio-Libanês não encaminhará qualquer comunicado ao candidato de tais situações.

São Paulo, 15 de Agosto de 2022.
CLÁUDIA MARQUEZ SIMÕES
COORDENADORA COREME HSL SÃO PAULO
VERÔNICA MOREIRA AMADO
COORDENADORA COREME HSL BRASÍLIA

mpme

Nos cat cafés, consumidores pagam por minuto para brincar com gatos

Interação, que inclui possibilidade de adoção, é atrativo, mas gastronomia sustenta os negócios

Carolina Muniz

RIO DE JANEIRO Nos últimos meses, cidades brasileiras ganharam seus primeiros cat cafés, onde os clientes podem brincar com gatos e também adotá-los. Novidade no país, os negócios têm atraído amantes de felinos e curiosos.

Mariana Eduarda Brod, 31, não estava preparada para receber tanta gente quando inaugurou o Betina Cat Café no início de julho, em Brasília. Começou com apenas quatro mesas e, duas semanas depois, já precisou aumentar para 12.

O mesmo aconteceu com o Gatcha, que abriu as portas em junho, no centro de São Paulo. "Eu pensei o negócio para ser pequenininho, não imaginei que fosse virar essa febre, com fila para fora da loja", diz o dono, Lucas Rosa, 31.

O conceito de café cat não é novo: surgiu em 1998 em Taiwan e popularizou-se no Japão. No Brasil, chegou em 2014, com o Café com Gato, em Sorocaba (SP). Mas só nos últimos dois anos ganhou mais força, com a inauguração do Gato Café, no Rio, em 2020.

As irmãs Luana, 29, e Bruna Paroni, 25, donas da Gateria, cat café na Vila Mariana, zona sul de São Paulo Zanone Fraissat/Folhapress

Um fator que dificultou a vinda do modelo para cá foi a legislação sanitária brasileira, que proíbe que animais fiquem no mesmo local onde alimentos são servidos. A solução foi criar um ambiente separado da cafeteria para abrigar os bichanos.

Para acessar o espaço, os clientes pagam uma taxa, que ajuda a bancar o custo de manutenção dos felinos —inclui ração, areia e funcionários dedicados a cuidar deles. Resgatados por ONGs, os animais ficam disponíveis para adoção.

No Gatcha, o cliente precisa agendar presencialmente um horário para entrar numa área com até oito gatos. Ele paga R$ 15 por 15 minutos ou R$ 25 por 30 minutos. O estabelecimento também é especializado em matchá, chá verde em pó usado como base para a preparação de doces e bebidas quentes e geladas.

Lucas, que é músico, nunca tinha pensado em empreender. Conheceu um cat café em 2016, quando morou em Nova York, e desde então esperava que alguém levasse o modelo para a capital paulista.

Até que, em janeiro, viu que ele mesmo poderia pôr a ideia em prática. Procurou ajuda do Sebrae, alugou uma loja e investiu todo o dinheiro que tinha guardado. "Montei o lugar que adoraria frequentar", diz.

Mariana Eduarda Brod, 31, dona do Betina Cat Café, empreendimento de Brasília Divulgação

As irmãs Bruna, 25, e Luana Paroni, 29, poderiam ter aberto o seu cat café em São Paulo antes de Lucas, não fosse a pandemia. Elas chegaram a alugar um imóvel em março de 2020, mas logo tiveram que desistir da empreitada. "Doeu muito na gente, mas agora percebemos que esse tempo foi importante para reestruturar o projeto", diz Bruna.

As duas inauguraram a Gateria no fim de julho, em uma casa na Vila Mariana (zona sul), depois de cinco meses de reforma. Na frente do imóvel, há um espaço pet-friendly, no qual cães também são bem-vindos. Depois, vem o ambiente da cafeteria e, nos fundos, fica o lugar destinado aos felinos, que tem 120 m² e pode abrigar até 18 animais.

A área tem mobiliário projetado para eles, fontes de água e até um teto retrátil. Por vez, é permitida a entrada de até 15 pessoas, que pagam R$ 16,90 por 30 minutos de visitação.

> Neste momento, há bastante gente curiosa para visitar esses lugares. Mas e daqui um ano? O empreendedor deve ter estratégias para deixar o negócio sempre atualizado e atrativo
>
> **Alexandre Cymes**
> consultor de negócios de gastronomia

> Vi que não é porque somos especialistas em gato que não podemos ser também em café
>
> **Luana Paroni, 29**
> cofundadora da Gateria

Há várias regras, como não fazer barulho nem pegar os gatos no colo, a não ser que eles tomem a iniciativa. Quem quiser adotar um gatinho deixa seu contato com o monitor do espaço, que encaminha a solicitação à ONG Aprogato, responsável pelo processo.

A ONG, inclusive, só manda para o café gatos considerados sociáveis, que têm condições de interagir com as pessoas.

A interação com os felinos e o apoio à causa animal são o principal fator de atração de clientes, mas a cafeteria é o que de fato sustenta o negócio. "Ter uma boa comida e um bom café sempre foi uma grande preocupação nossa", diz Luana. Sem experiência, as irmãs contrataram a consultoria de um barista especializado em cafés especiais.

Mariana, dona do Betina Cat Café, em Brasília, sentiu a necessidade de recorrer a um serviço do tipo após alguns dias de funcionamento. "Vi que não é porque somos especialistas em gato que não podemos ser também em café", diz. A ideia agora é ampliar o cardápio para fidelizar os fregueses a longo prazo.

A empreendedora também quase abriu o negócio em 2020, mas adiou a ideia por causa da pandemia. O nome Betina é uma homenagem a uma gata paraplégica adotada por ela. No espaço, Mariana montou ainda uma loja com itens para gatos e para humanos apaixonados por eles.

Sobretudo no fim de semana, há fila para visitar a área dos felinos, que comporta seis pessoas por vez. Com isso, foi preciso estabelecer o limite de dez minutos de permanência, com valor de R$ 10 (quando dá para liberar mais tempo, é cobrado R$ 1 por minuto).

Como os gatos costumam dormir de manhã, a cafeteria funciona das 14h às 22h. Durante o dia, há quatro intervalos para que os animais descansem, e as sessões podem ser interrompidas a qualquer momento caso eles fiquem cansados ou estressados.

"Eu poderia ganhar mais dinheiro, mas aqui os gatos são prioridade", diz Mariana. Ela espera ter o retorno do seu investimento em até um ano e já e negociando a abertura de uma segunda unidade em outra cidade do Centro-Oeste.

Para Alexandre Cymes, consultor de negócios em gastronomia, é preciso ter muita cautela ao investir no segmento de cat cafés. "Neste momento, há bastante gente curiosa para visitar esses lugares. Mas e daqui um ano? O empreendedor deve ter estratégias para deixar o negócio sempre atualizado e atrativo."

Segundo o especialista, quanto menor for a cidade, menor é também a chance de o empreendimento dar certo. "É uma cafeteria que atende a um nicho. Não existe espaço para uma febre de cat cafés."

Queimada na floresta em Apuí (AM), um dos municípios na região Amacro, que engloba partes de Amazonas, Acre e Rondônia Lalo de Almeida - 20.ago.20/Folhapress

Desmate avança sob Bolsonaro a bolsões antes preservados

Novas fronteiras agrícolas em regiões da Amazônia e do cerrado aceleram processo de devastação dos biomas

Giovana Girardi

SÃO PAULO O desmatamento no Brasil nos anos Bolsonaro não só cresceu em área, na comparação com os quatro anos anteriores ao seu governo, como atingiu locais até então pouco ou nada desmatados. Ampliou a fronteira de expansão agrícola para além do arco do desmatamento e penetrou mais na floresta, explodiu em cidades no cerrado em poucos anos e atingiu mais da metade dos municípios de todo o país.

É o que revelam algumas análises divulgadas recentemente e que ajudam a qualificar —além de quantificar— como se comportou o desmatamento nesse período. A primeira conclusão é que ele ficou mais espalhado pelo território, mais ousado e mais rápido.

Considerando apenas os três primeiros anos de governo, houve um aumento do número de municípios com alertas de desmatamento. Eram 1.734 (31,1%) em 2019 e saltaram para 2.889 (51,9%) em 2021, segundo análise do projeto MapBiomas Alerta em seu Relatório Anual do Desmatamento, lançado em meados de julho. De 2019 a 2021, aponta o relatório, 61,2% dos municípios brasileiros tiveram pelo menos um desmatamento detectado.

A área média de cada desmatamento também cresceu. Ficaram mais frequentes, por exemplo, os grandes desmatamentos —com mais de cem hectares (cerca de dez campos de futebol). Houve um aumento de 43,5% na quantidade desses alertas entre 2019 e 2021. Eles representavam 44,2% do total desmatado no país em 2019, passaram para 46,6% em 2020 e para 51,7% em 2021.

Além disso, a velocidade de desmatamento também aumentou. Passou de, em média, 139 hectares por hora em 2019 para 189 ha/h em 2021.

"Ampliou o número de municípios com desmatamento, a área média de cada desmatamento cresceu e a velocidade cresceu. Se a velocidade aumenta e a área aumenta, há uma sinalização de que tem impunidade em curso", diz o engenheiro florestal Tasso Azevedo, coordenador do MapBiomas. De fato, pelas análises do grupo, há indícios de ilegalidade em mais de 98% da área desmatada no período.

Mas talvez o que mais chame a atenção nesse período é que o desmatamento se expandiu por áreas onde até então não era um problema tão grave. Em 2021, pela primeira vez, o estado do Amazonas passou a ser o segundo mais desmatado da Amazônia Legal, superando Rondônia e Mato Grosso, ficando atrás apenas do Pará, segundo o sistema Prodes, do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), que traz os dados oficiais de desmatamento na Amazônia.

Em geral, nos últimos anos, o Amazonas sempre ocupava a quarta posição. Essa inversão provavelmente vai se manter em 2022 —tendência que aparece nos vários sistemas de monitoramento da região.

Um outro sistema de monitoramento do Inpe, o Deter, que traz alertas praticamente em tempo real, já aponta isso. O consolidado de alertas registrados de agosto do ano passado a julho deste ano, concluído na sexta-feira (12), mostrou que mais uma vez o Amazonas ficou em segundo lugar, respondendo por uma fatia ainda maior de desmatamento.

No consolidado do Deter dos últimos 12 meses, duas cidades do sul do Amazonas ficaram nas primeiras posições como as mais desmatadas da Amazônia Legal. Lábrea, em primeiro lugar, teve 571 km² desmatados, e Apuí, em segundo, 566 km² —juntas, representaram 13% do total de alertas de corte raso da região.

Isso preocupa os especialistas porque o Amazonas ainda tem grandes áreas de floresta preservada e porque o avanço se insere em dois contextos de alta pressão: a discussão em torno da criação de um novo polo do agronegócio, com apoio do governo federal, para expansão da fronteira agrícola pela região que ganhou o nome de Amacro (por ser composta de partes de Amazonas, Acre e Rondônia); e o asfaltamento da BR-319, que liga Manaus a Porto Velho.

"A Amacro se tornou um novo vetor de desmatamento na Amazônia, e o avanço que vemos desde o ano passado está 100% ligado à expectativa de asfaltamento da BR-319 e da ocupação da área, com a criação de um novo polo do agronegócio. Lábrea, Apuí, Humaitá [as três no Amazonas] e Porto Velho são todos municípios que são parte dessa região e estão recebendo a pressão", explica Azevedo.

"O sul do Amazonas nunca fez parte do arco do desmatamento. O desmatamento deu uma volta nessa barreira de proteção e está abrindo um novo veio que vai para o coração da Amazônia."

A análise do MapBiomas divulgada em julho indica salto de 29% no desmatamento da Amacro de 2020 para 2021. A região concentrou, no ano passado, 12,2% do total desmatado no país e 20,8% do que foi derrubado na Amazônia.

A BR-319 foi aberta nos anos 1970, pavimentada, mas, por falta de manutenção, o asfalto sucumbiu e até hoje a estrada, que é a única saída por terra de Manaus para o resto do país, é de difícil acesso.

A falta de infraestrutura acabou de certo modo protegendo a área, o maior bloco de vegetação intacta de toda a Amazônia. O oposto, no entanto, também é verdade. Vários estudos estimam que o asfaltamento pode resultar em uma alta taxa de desmatamento.

No fim de julho, o Ibama concedeu licença prévia para a obra, contrariando pareceres anteriores do próprio órgão que alertavam para a necessidade de uma série de pré-condicionantes.

"O que a literatura mostra é que, quando tem infraestrutura como estrada, há expectativa de valorização da terra, então é meio automático ter desmatamento. Mas esse aumento no Amazonas que vimos no ano passado me assustou, assim como foi uma surpresa ver de novo isso neste ciclo agora", afirma Claudio Almeida, chefe do departamento no Inpe que coordena o monitoramento do desmatamento.

Outra região em que esse comportamento ficou evidente nos anos Bolsonaro é o Matopiba (área que engloba partes de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), no cerrado. O bioma, o segundo em área desmatada anualmente, também está na fronteira da expansão agrícola.

Desde 2019, algumas cidades da região saíram de taxas mínimas e observaram um crescimento de algumas centenas de vezes no desmatamento. Um dos casos que chama atenção é o de Aldeias Altas (MA), município de apenas 25 mil habitantes que passou de menos de 2 km² desmatados de agosto de 2018 a julho de 2019 para quase 72 km² de agosto de 2021 a julho de 2022, alta de 3.714%, de acordo com o Deter.

Cidades campeãs de desmatamento no cerrado no último ano —Formosa do Rio Preto (BA), São Desidério (BA) e Balsas (MA)— tiveram aumentos importantes desde 2019.

"A fronteira de desmatamento no Matopiba está se expandindo quase radialmente. Como tem conexão a partir de muitos lugares, fica mais fácil. Abriu-se a porteira para novos empreendimentos que se veem sem nenhum tipo de fiscalização", explica a pesquisadora Ane Alencar, do Ipam (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia), que coordena o monitoramento do cerrado para o MapBiomas.

O relatório anual de desmatamento da iniciativa revelou que o Matopiba concentrou 23,6% do total desmatado no país em 2021 e 72,5% do que foi perdido no cerrado. Em comparação com 2020, houve aumento de 14% no desmatamento nessa região.

O projeto Planeta em Transe é apoiado pela Open Society Foundations

Regiões Amacro e Matopiba são as novas fronteiras do desmatamento no Brasil

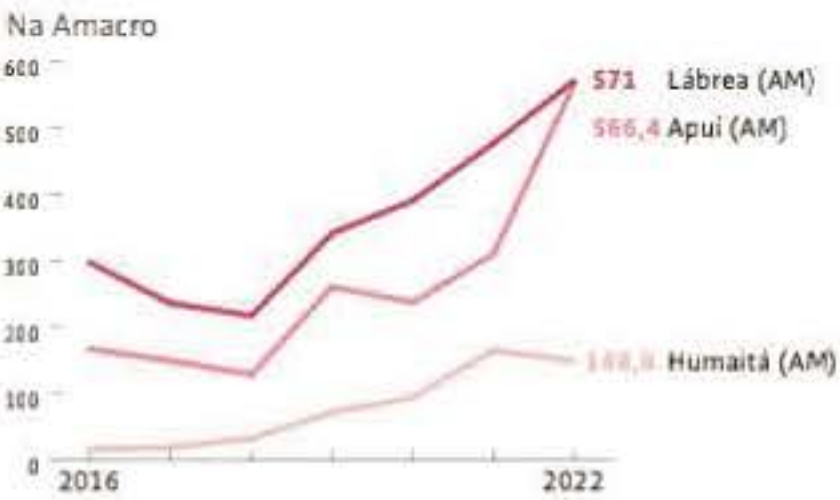
Divisa de Amazonas, Acre e Rondônia e encontro de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia são marcados por expansão agrícola

Fonte: RAD 2021/MapBiomas

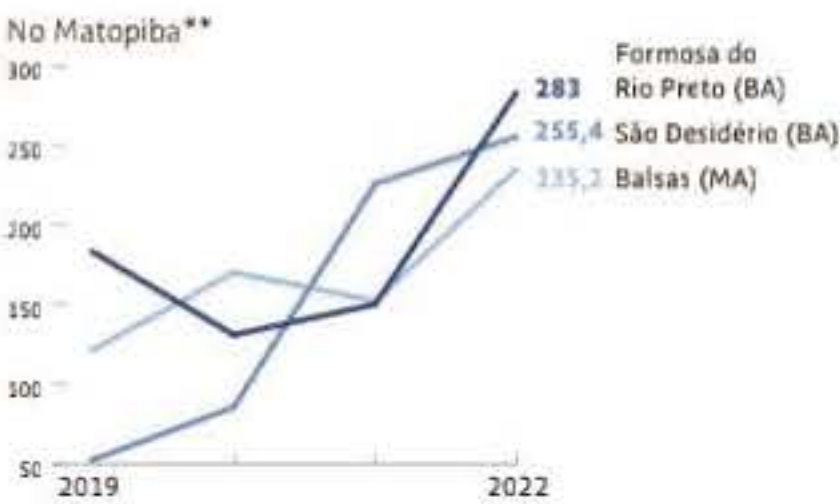
Veja a evolução do desmatamento nas novas fronteiras agrícolas nos últimos anos

Área desmatada
Em km²

Conheça exemplos de municípios em que o desmatamento avançou

Sob Bolsonaro, alertas do Deter* tiveram salto em cidades da Amacro, em especial no sul do Amazonas, e do Matopiba
Área em km²

Variação em %, entre 2016 e 2022

Lábrea (AM)
A cidade foi a líder de alertas de desmatamento de ago.21 a jul.22

Apuí (AM)
O município foi o segundo com mais alertas de desmatamento de ago.21 a jul.22

Variação em %, entre 2019 e 2022

Formosa do Rio Preto (BA)
Na Bahia, cidade foi a campeã de desmatamento de ago.21 a jul.22

* Dados do sistema Deter, do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), são computados de 1º de agosto de um ano a 31 de julho do ano seguinte
** Série histórica de dados do Deter para o cerrado vale a partir de 2018
Fontes: RAD 2021 (Relatório Anual do Desmatamento no Brasil)/MapBiomas e Deter/Inpe

cotidiano

Há 200 anos, d. Pedro partia do Rio a São Paulo

Itinerário foi planejado para conquistar apoio de grandes proprietários de terra e apaziguar insatisfação de alguns grupos

INDEPENDÊNCIA, 200

Gabriel Araújo

BELO HORIZONTE Em 14 de agosto de 1822, há 200 anos, o então príncipe regente Pedro saía do Rio de Janeiro pela Real Estrada de Santa Cruz a caminho de uma conturbada São Paulo.

Feita a cavalo em alguns trechos e em mula em outros, ao longo de 12 dias, a viagem tinha como objetivo consolidar o apoio da província aos planos do monarca para o Brasil, cuja independência se tornava cada vez mais iminente.

A viagem ocorreu depois de uma bem-sucedida passagem dele por Minas Gerais, que garantiu ao príncipe o abastecimento e o envio de tropas ao Rio de Janeiro em caso de guerra, e após a convocação de uma Assembleia Constituinte no território. Em 3 de junho de 1822, o regente havia acolhido demandas de diversos setores da sociedade e dado o primeiro passo para efetivar uma Constituição brasileira.

"Essa convocação marca, em certa medida, a separação de Portugal. Com uma Assembleia Constituinte com sede no Rio, não será mais preciso se reportar às cortes de Lisboa", explica Cecilia Helena de Salles Oliveira, professora do Museu do Ipiranga e autora do livro "Ideias em Confronto".

Entretanto, o projeto de uma monarquia constitucional brasileira não era o único à época. Alguns comerciantes e proprietários rurais de São Paulo, por exemplo, eram mais ligados à proposta das cortes portuguesas, que lhes trariam mais oportunidades nos negócios.

Como lembra a historiadora Isabel Lustosa, outros conflitos agitavam a província. Um deles opunha Francisco Ignácio de Souza Queiroz e João Carlos Oeynhausen Grevembourg, que presidiam a junta do então governo paulista, aos irmãos Martim Francisco e José Bonifácio Andrada e Silva, este último ministro de d. Pedro.

'Primeiros Sons do Hino da Independência' (1922), de Augusto Bracet Reprodução do livro 'O Sequestro da Independência' (Cia das Letras)

Logo, a ida a São Paulo se fazia necessária, entre outros fatores, para apaziguar os ânimos das elites e garantir o abastecimento do Rio.

"Minas Gerais e São Paulo eram celeiros do Rio", conta Salles Oliveira. "Eram províncias que produziam não apenas gêneros de exportação, como açúcar e café, mas tinham criação de gado e produção de outros alimentos. Além de tudo, tinham populações civis armadas, que eram tropas auxiliares fundamentais."

Com esse objetivo em mente, o príncipe e uma comitiva de cinco pessoas desceram rumo ao sul do Rio, seguindo uma trajetória com paradas estrategicamente planejadas.

A primeira delas foi na Real Fazenda de Santa Cruz, nos arredores da cidade, onde realizaram os últimos preparativos para a viagem. Esse trajeto foi descrito na tese "De Alteza Real a Imperador: O Governo do Príncipe D. Pedro, de Abril de 1821 a Outubro de 1822", defendida por Vera Lúcia Nagib Bittencourt na USP.

De acordo com a pesquisadora, uma das mais importantes paradas aconteceu no dia seguinte, 15 de agosto, quando o regente obteve o apoio de Hilário Gomes Nogueira, grande cafeicultor do Vale do Paraíba.

"Ninguém tira de d. Pedro o carisma e a boa maneira de lidar com as pessoas", diz Salles Oliveira. No caminho, diz ela, o monarca fez diversas promessas para conquistar apoiadores —algumas ele não cumpriu, como a adesão à Constituição.

> “
> [MG e SP] eram províncias que produziam não apenas gêneros de exportação, mas tinham criação de gado. Além de tudo, tinham populações civis armadas, que eram tropas auxiliares fundamentais
>
> **Cecilia Helena de Salles Oliveira**
> professora do Museu do Ipiranga

A comitiva crescia a cada parada, alcançando cerca de 30 membros. Passaram por Lorena (onde lhes foram oferecidas "ótimas cavalgaduras", diz Bittencourt), Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, Jacareí e Mogi das Cruzes.

O grupo chegou à cidade de São Paulo no dia 25 de agosto, quando, pela primeira vez, Pedro se referiu a si mesmo como chefe do Poder Executivo.

Na cidade, em algum momento entre os dias 29 e 30 de agosto, ele se encontrou com sua principal amante, Domitila de Castro Canto e Melo, a futura marquesa de Santos. Não se sabe se o encontro foi fruto do acaso ou organizado pelo irmão dela, o ajudante de ordens Canto e Melo, que estava na comitiva.

Fato é que, em 5 de setembro, Pedro deixou São Paulo para uma visita a Santos a fim de assegurar o controle de uma tropa e encontrar a família de José Bonifácio. Retornou no dia 7, data que seria eternizada como a Independência do Brasil.

"Foi no meio dessa viagem que ele se confrontou com notícias relacionadas às políticas portuguesas contra o Brasil, num processo de crise que já vinha desde antes do Dia do Fico", diz Isabel Lustosa.

A historiadora trata esse episódio da proclamação da Independência no Ipiranga como um fato praticamente fortuito, ocasionado pela chegada às mãos do regente de cartas de Leopoldina —sua esposa— e Bonifácio com registros preocupantes vindos de Lisboa.

Salles Oliveira, por sua vez, avalia que esse momento também foi resultado de articulações econômicas e políticas feitas nos dias anteriores.

Além disso, ela tem dúvidas se a independência foi mesmo verbalizada naquela ocasião —a versão de que Pedro anunciou "independência ou morte" no dia 7 está no relato do irmão de Domitila, publicado 42 anos depois. Afinal, como lembra a professora, o monarca fez um discurso para o povo paulistano no dia 8 sem qualquer referência à proclamação do dia anterior.

Nesse dia 8, Pedro anunciou: "A divisa do Brasil deve ser independência ou morte!".

O monarca deixou São Paulo na madrugada do dia 9 rumo ao Rio. Em 1º de dezembro, foi coroado imperador do Brasil.

PM estava cercado por lutadores quando atirou em Lo, diz defesa

Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO A defesa do tenente da Polícia Militar Henrique Otavio Oliveira Velozo, 30, informou que o tiro disparado contra o lutador Leandro Lo Pereira do Nascimento, 33, conhecido como Leandro Lo, foi um ato em legítima defesa.

A versão do PM foi apresentada uma semana após ele ser preso por atirar na testa de Leandro Lo durante um show do grupo Pixote, no Esporte Clube Sírio, no Planalto Paulista, na zona sul de São Paulo, na madrugada de domingo (7).

Segundo o advogado Claudio Dalledone Junior, instituído como novo defensor do tenente Velozo, que antes era assistido por outro criminalista, o policial estava frente a uma agressão de um grupo de lutadores que estariam com Leandro Lo na festa.

"A ação dele é uma ação legítima. Ele foi ali cercado por seis lutadores de jiu-jítsu", disse Dalledone. O defensor não informou se Velozo chegou a ser agredido pelo grupo.

Após falar com a **Folha**, o advogado encaminhou nota em que afirma que a defesa não vai permitir que se criem conclusões precipitadas.

"É preciso ter cautela para que haja um julgamento justo. O policial Henrique Velozo se apresentou à Corregedoria da Polícia Militar após o crime e está à disposição das autoridades policiais."

Em outro trecho do comunicado divulgado neste domingo, Dalledone diz que já pediu à Polícia Civil que realize exames complementares no corpo do lutador Leandro Lo.

Entre os pedidos da defesa estão exame complementar de alcoolemia, além de que seja especificada a pesquisa laboratorial para o uso de anfetaminas e drogas.

O tenente Henrique Otavio Oliveira Velozo está detido no Presídio Militar Romão Gomes, na zona norte da capital, desde o dia 7. Ele se entregou à Corregedoria da PM no início daquela noite, após ter o pedido de prisão temporária de 30 dias aceito pela Justiça.

Velozo foi indiciado por homicídio qualificado por motivo fútil. Durante depoimento à Polícia Civil, ele se reservou ao direito de permanecer em silêncio.

PM foi a casa noturna e a motel após briga, aponta investigação

O tenente Henrique Velozo esteve na casa noturna Bahamas, em Moema, zona sul de São Paulo, logo após atirar em Leandro Lo, 33, aponta investigação da Polícia Civil.

Imagens de câmeras de segurança da boate, que constam do inquérito policial, mostram a chegada do PM ao estabelecimento às 3h04 do domingo (7), ou seja, cerca de uma hora após ter baleado Lo no show do grupo Pixote no Esporte Clube Sírio —que fica a dois quilômetros de distância do Bahamas.

A comanda utilizada pelo tenente Velozo, que também consta do inquérito, revela que ele ficou 1h58 na boate e gastou R$ 1.589, incluindo entrada, bebidas consumidas e taxa paga por sair com uma garota de programa.

Pelo relógio da câmera de segurança, o PM deixou o local pouco depois das 5h. No caixa, é possível vê-lo conversando com uma mulher.

Da boate, ainda conforme a investigação, Velozo seguiu para um motel na avenida Nações Unidas, em Pinheiros, zona oeste da capital, onde um quarto simples custa R$ 370 e a suíte presidencial, R$ 630.

Não foi informado o horário em que o policial deixou o local, mas ele teria se apresentado à Corregedoria no início da noite de domingo (7).

Procurado neste domingo (14), o advogado do tenente Velozo, Claudio Dalledone Junior, informou não ter tido acesso às imagens e se disse surpreso com a divulgação das cenas pela Polícia Civl.

"Se é que elas [as imagens] são efetivamente do tenente Henrique Velozo, elas tratam da intimidade dele. Isso, com toda segurança, será informado ao Ministério Público e ao juiz que fiscaliza esse inquérito policial."

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Engenheiro, fez carreira e amigos na Prefeitura de SP

HAMILTON CABRAL DE MENEZES (1926-2022)

Fábio Pescarini

SÃO PAULO O engenheiro Hamilton Cabral de Menezes dizia que era goiano de nascimento, mineiro por opção e paulista por necessidade. Mas costumava deixar a marca de seu carisma por todos os lugares.

De Goiás foram apenas alguns meses desde que nasceu em Caiapônia e se mudou com a família para Uberaba, no Triângulo Mineiro. E lá cresceu para depois ganhar o mundo. Primeiro morou no Rio de Janeiro, onde estudou, e depois, em São Paulo.

Foi a oportunidade de trabalho que o levou à capital paulista. Passou em concurso público e trabalhou até a sua aposentadoria, em 1996, aos 70 anos de idade, como engenheiro da Prefeitura de São Paulo, sempre trabalhando na hoje Subprefeitura Ipiranga, na zona sul.

E foi no Ipiranga que morou desde que se casou, em 1964, com Ida Terezinha, que conheceu em um baile da Poli, a Escola Politécnica da USP. "Casaram-se apenas dez meses depois de se conhecerem", conta o genro, o também engenheiro Paulo Júlio Achoa Mello.

Mas as paixões de Menezes iam muito além de régua de cálculo e prancheta. Adorava esportes em geral —costumava passar muitas horas assistindo a jogos de vôlei e tênis na TV.

Torcedor do São Paulo, era fanático por Copa do Mundo. "Vestia a camisa da seleção e convidava amigos e parentes para assistir aos jogos em sua casa. Fazia uma tremenda festa", relembra o genro.

Outra paixão era viajar. Passeou, por exemplo, por Croácia, Holanda, Bélgica e Itália.

Aos 86 anos, lembra Mello, em uma excursão a Jerusalém, alguém chamou a atenção de Ida Terezinha, enquanto ela estava em uma loja olhando lembrancinhas. "Essa pessoa perguntou a ela: aquele ali em cima de um camelo não é o seu marido?", brinca o genro. "Para ele não tinha tempo feio."

Mas o câncer de próstata que havia curado em 1998 voltou há dois anos e, desta vez, o encontrou mais debilitado.

Hamilton Cabral de Menezes morreu no último dia 4 de agosto, aos 95 anos. Além da mulher, dos filhos Hamilton Filho, Augusto e Carla, e as duas netas, deixou uma legião de amigos. Mais de cem pessoas foram até o velório na despedida do engenheiro carismático.

7º DIA

CARLOS AUGUSTO DE GODOY CURRO Nesta terça (16/8) às 18h, Paróquia Imaculado Coração de Maria, r. Jaguaribe, 735, Vila Buarque, São Paulo

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156, prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

De volta, Festa do Peão aposta em público fiel

Evento em Barretos (SP), que retorna na quinta-feira (18) após dois anos, já tem camarotes com ingressos esgotados

Marcelo Toledo

Público acompanha show da cantora Shania Twin na edição da Festa do Peão de Barretos de 2018 Joel Silva - 18 ago 18/Folhapress

RIBEIRÃO PRETO A tradicional Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos será retomada após um hiato de dois anos provocado pela pandemia com crescimento nas vendas antecipadas de ingressos e camarotes e apostando na fidelidade do público com o evento.

A expectativa da organização é receber 900 mil visitantes na cidade do interior paulista nos 11 dias de festa, que começa na próxima quinta-feira (18) e vai até o dia 28.

Pesquisa feita pela Secretaria de Turismo do estado no último evento presencial, em 2019, mostrou que a maior parte dos frequentadores (50,2%) já foi ao menos cinco vezes a Barretos (a 423 km de São Paulo) para o evento.

"Áreas VIP, prime, tiveram procura muito acima dos anos anteriores. Alguns setores já estão esgotados, bem diferente dos anos anteriores. O que demonstra para a gente é que, devido aos dois anos sem fazer, todo mundo quer Barretos", disse Jeronimo Luiz Muzetti, presidente de Os Independentes, associação que organiza a festa.

A pesquisa do governo paulista mostrou também que, na ocasião, 23,9% visitavam a tradicional festa sertaneja pela primeira vez, e que, em média, os visitantes ficam cinco dias na cidade e gastam R$ 2.345. A movimentação econômica total chegou a R$ 1,1 bilhão (corrigido pela inflação), excluindo moradores de Barretos.

"Ao longo dos anos temos o público cativo que vem. Procuramos modernizar, para quem vem pela primeira vez se encantar com o que encontra. Como um parque bonito, com boa estrutura, monumentos, shows e rodeios, para poder fidelizar. Veio pela primeira vez, se apaixonou e volta", disse Muzetti.

A festa deste ano recebeu R$ 10 milhões em infraestrutura no Parque do Peão, recinto projetado por Oscar Niemeyer (1907-2012), incluindo novos camarotes, com área total de 2.500 metros quadrados.

"Há uma demanda reprimida. As pessoas ficaram muito tempo sem se divertir, sem sair de casa. Tem quem queria participar em 2020 e não conseguiu. Tentou 2021 e não deu também, então acumulou para agora e vai ser um sucesso", disse o consultor em turismo Adriano Santos, ex-secretário do Turismo de Barretos.

Atualmente gerente-geral do Barretos Park Hotel, que funciona dentro do Parque do Peão, Santos disse que a ocupação da rede hoteleira está alta na região.

"A festa já tem vários dias lotados, há camarotes sem ingressos para vender e o otimismo é muito grande, não só na cidade mas nos municípios ao redor também. Hotéis em Olímpia [distante 51 km] estão com ocupação boa e há procura em São José do Rio Preto [95 km] e Ribeirão Preto [120 km]", disse.

A Festa do Peão de Barretos contará com mais de cem shows espalhados por cinco palcos e três competições de montarias. Se reunir a previsão de público, irá manter a frequência dos últimos anos.

Entre as atrações confirmadas estão Pedro Sampaio, Gusttavo Lima, Ícaro & Gilmar e Alok. Os ingressos antecipados custam de R$ 30 a R$ 260. Em camarotes open bar, o preço antecipado chega a R$ 2.990.

Na arena de rodeios, a PBR (Professional Bull Riders) Brasil terá a final de sua competição de montarias em touros entre os dias 18 e 21.

Já as finais da LNR (Liga Nacional de Rodeio) serão disputadas de 22 a 24 e dia 27, enquanto a 28ª edição do Barretos International Rodeo acontecerá entre os dias 25 e 28.

Questionadas por entidades de proteção animal, que alegam maus tratos nas provas de montaria em todos os rodeios do país, a Festa do Peão de Barretos iniciou nos últimos anos, e disponibiliza em seu site, a divulgação de informações que qualifica como "verdades e mentiras" sobre o rodeio.

As entidades de proteção afirmam que o sedém (cinta presa ao animal) e a espora machucam os animais e que há muitas lesões nos touros.

Barretos alega que o sedém é de algodão e não é apertado o suficiente para causar lesão ou dor, servindo como estímulo para que o animal pule. Ainda segundo a festa, a taxa de lesões é baixíssima e as esporas não são pontiagudas.

Há, ainda, outras provas em disputa, como três tambores (em que a competidora tem de percorrer um circuito passando por três tambores no menor tempo) e team penning (em que um trio de competidores precisa levar um grupo de bezerros para um curral, sem encostar neles).

O Pai Hiper Presente

A crise da paternidade sangra em todos os poros da terra

Maria Homem

Psicanalista e ensaísta, com pós-graduação pela Universidade de Paris 8 e FFLCH/USP. Autora de "Lupa da alma" e "Coisa de menina?"

Esses dias, em um outro canal, quis prestar uma homenagem àquilo que podemos chamar, mesmo que aos trancos e barrancos, o grande matriarcado Brasil. Falei sobre o Pai Ausente, talvez o mais comum de nossos tipos de pai. Milhões de famílias são sustentadas, material e simbolicamente, sobretudo por mulheres. Porque foram largadas pelos homens, antes, durante ou depois do nascimento dos filhos, porque os pais estão mas não estão (não sustentam sua função), porque estão mas operam na violência, porque foram mortos. Ou porque o batidão da vida só consegue fluir com a frágil rede de apoio que se trama num misto de assistência do Estado e de relações familiares e de vizinhança, sobretudo femininas e infantis. Mulheres revezam-se no cuidado dos filhos umas das outras e no sair para trabalhar para ganhar o sustento com que se remuneram. Os mais velhos cuidam dos que vão chegando.

Se você tem dúvida sobre isso, pode assistir ao grande artista revelador da alma chamado Eduardo Coutinho, em seu filme "póstumo" Últimas Conversas. Ou também reparar num meme que circula hoje: Feliz dia do 'pergunte para sua mãe'. Meme, essas cápsulas que, pelo chiste, revelam o inconsciente da nossa cultura - e que sem dúvida Freud analisaria em sua Psicopatologia da vida cotidiana hoje. Se o filho dá errado, a culpa é da mãe, que não soube educar. Se dá certo, mérito do pai -e da mulher que soube escolher bem seu homem e fazer tudo certo para não desagradá-lo e manter seu interesse no núcleo familiar, com engenho e arte.

Enfim, falei dessa grande figura de pai, o Pai Ausente. Aí reclamaram que não falei do exercício digno e criativo da função paterna. Prometi, inclusive ao meu irmão, que faria na próxima oportunidade.

Eis que no mesmo dia Salman Rushdie é esfaqueado. E assim chegamos ao tema de hoje: o Pai Hiper Presente.

Como você ousou colocar meu deus e meu profeta nessa posição irônica? Como você tem a coragem de destituir o que de mais sagrado alimenta o sentido da minha parca vida? O Profeta deve para sempre permanecer como intocável e, pelamor, vivo. Deus Pai Todo Poderoso não pode estar morto, nem sequer em dúvida. Isso me destrói, isso nos destrói como comunidade e como aspirante a nação.

Como sabemos, toda religião é um sistema simbólico humano que erige um deus transcendente que tem a função de nos unir como irmãos a fim de construir uma comunidade vencedora diante da dureza da vida. Portanto, o pai soberano não pode falhar assim. Não pode ser dessacralizado. Rushdies, Lennons, mulheres, não ousem.

E nesse momento reencontramos o matriarcado Brasil. Quando fica muito, muito difícil, a gente apela para a violência. Contra si ou contra o outro. Para dentro (normalmente a melancolia, ou a esquize), para fora (a destruição, quiçá a perversão). Se estamos loucos e doentes, podemos cometer crimes. Que fique bem claro que uma coisa não justifica a outra. Louco e doente você pode cometer crimes. E eles não são menos crimes por isso. Aliás, a gente comete crimes normalmente por isso mesmo. A racionalidade é uma pequena ilha de lucidez que a espécie humana com linguagem consegue, em alguns momentos, depois de muito esforço, arrebanhar.

Pai, por que me abandonaste? Esse o grito lancinante daquele que precisa de qualquer maneira recriar um pai. Tão mais sólido e presente, Hiper Presente, quanto mais lhe falta na realidade um ser humano comum que consiga ocupar esse lugar a contento. Um homem, um pai, falível mas honesto: sem fantasia, sem violência, sem mentira, sem arcabouço manipulativo para continuar a estar num lugar mítico-divino.

Esse pai anda em falta. Esse homem anda em falta. É o que escutamos todos os dias nos divãs e nos jornais. A crise da paternidade sangra em todos os poros da terra.

E sobre nós e nossas buscas infindas e mortíferas, paira, sólida, indiferente, soberana, a Lua de Esturjão.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | **TER. Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Gari usa tampinhas e galões para fazer arte no RJ

Coletor da Comlurb, Oseias da Matta Santos produziu 17 quadros e esculturas expostos no Galpão das Artes Urbanas

VIDA PÚBLICA DIAS MELHORES

Andreza de Oliveira

SÃO PAULO Resíduos urbanos encontrados no lixo, como tampinhas de garrafa, plásticos diversos e areia se transformaram em peças artísticas que compõem uma exposição de quadros e esculturas elaboradas pelo gari Oseias da Matta Santos, 50.

Há 17 anos trabalhando como coletor na Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana), no Rio de Janeiro, Oseias se descobriu artista ainda criança. As maiores inspirações eram os desenhos animados da televisão e o desenhista Daniel Azulay.

Desde o começo de agosto ele expõe no Galpão das Artes Urbanas, na Gávea, na zona sul do Rio, quadros e pequenas esculturas confeccionados a partir de materiais encontrados nas ruas. "Como tem muita tampa de garrafa, estou tentando aproveitar para fazer algo que dê para usar bastante. Também fiz uma arara-azul toda de garrafa e um elefante com galão de amaciante", diz.

Autodidata, Oseias estudou até o ensino fundamental e nunca fez cursos de desenho ou pintura. Na família, ninguém trabalhava com arte. Suas referências eram a televisão e os desenhos animados, dos quais gostava muito.

Quando mais novo, gostava de construir coisas com barro, mas ao crescer os gostos mudaram. "Preferi dedicar mais à área da pintura", diz.

Para ele, a arte faz bem para todos, por meios materiais e espirituais, e deve ser praticada da melhor maneira possível.

Oseias da Matta Santos, 50, produzindo suas obras com recicláveis Eduardo Anizelli/Folhapress

O primeiro trabalho de Oseias como gari foi no Hospital Municipal Souza Aguiar, no centro do Rio. Em poucos meses, migrou para a sede da prefeitura, onde permaneceu por mais tempo. Com limpeza de rua, trabalhou por três meses.

Em 2013, sofreu uma fratura no ombro devido ao peso excessivo do lixo coletado e foi afastado por três anos para cirurgia e fisioterapia. Longe do trabalho, usou o tempo para aperfeiçoar o lado artístico. "Logo no início não pude trabalhar [na Comlurb] por conta do tratamento, mas assim que consegui voltei a fazer pinturas e peguei mais encomendas. Esse tempo serviu para aprimorar algumas técnicas."

Desde 2018 ele trabalha na limpeza do próprio Galpão das Artes. "O convite veio de uma integrante do gabinete de Meio Ambiente aqui do Rio que conhecia meu trabalho e achou que aqui seria o lugar ideal para mim, onde estou até hoje."

Dentre as referências atuais ele gosta de artistas como Edinho Maga, que faz esculturas de celebridades, e filmes sobre Leonardo da Vinci e Salvador Dalí. "Tem alguns documentários sobre as obras deles que gosto bastante, mas toda a área de cultura eu gosto, no geral."

Oseias já vendeu algumas das obras expostas no galpão e recebeu o valor integral. "A intenção é vender todos, assim vou fazendo novos para estar sempre exposto", diz.

Um quadro de tucanos foi vendido para a professora de uma escola que fazia excursão no galpão e outro, feito com linhas, foi comprado por uma artista carioca. Os preços das obras em exposição variam de R$ 200 a R$ 1.000.

E essa não é a primeira vez em que Oseias recebe pelo produto artístico que produz. Antes mesmo de se acidentar, já vendia quadros sob encomenda, garantindo também uma renda extra.

Os colegas de profissão sempre foram receptivos com seu lado artístico, segundo Oseias. "O pessoal costuma torcer muito pelos meus trabalhos, costumam elogiar", diz.

A exposição de Oseias faz parte da comemoração por duas décadas do Galpão de Artes Urbanas da Comlurb. Responsável pelo local, Ana Cristina Damasceno afirma que a galeria preza por artistas e artesãos da companhia.

"Damos importância para os artistas da empresa, então o Oseias inaugurou a exposição em comemoração aos 20 anos do Galpão, onde outros garis também já se apresentaram."

A média de visitação do galpão é de 150 pessoas por mês e o local recebe exposições feitas exclusivamente com materiais reaproveitados.

É a segunda vez que Oseias expõe no Galpão das Artes — a primeira foi no início do ano. Ele também já apresentou obras no parque Dois Irmãos, no Leblon.

Em relação ao futuro, Oseias diz que pretende continuar divulgando e vendendo suas obras quando a exposição chegar ao fim. "Inclusive, não estou trabalhando só aqui, em casa tenho feito alguns trabalhos de pintura em vitral, de que gosto muito".

Pai de Jean, 20, e Letícia, 15, Oseias passou o interesse pela arte aos filhos. "Eles gostam bastante de música, estão até estudando a área e aprendendo a tocar instrumentos".

ciência

Prática ensina a diferenciar choros de bebês

Pais de crianças pequenas são mais capazes de reconhecer sinais de dor e de desconforto que profissionais, diz pesquisa

Stefhanie Piovezan

SÃO PAULO Se você consegue reconhecer se o choro de um bebê indica que ele está com dor, muito provavelmente é pai ou mãe de uma criança pequena. Pelo menos é o que afirma um estudo divulgado na semana passada na revista científica Current Biology.

De acordo com a pesquisa, a capacidade de diferenciar momentos dolorosos de situações de desconforto não é inata, mas sim resultado da experiência. Pais e cuidadores aprendem com a prática a decodificar os sinais presentes no pranto.

O artigo mostra que adultos com vasta experiência com bebês, seja por serem pais ou profissionais de cuidado infantil, identificam o choro de crianças familiares em uma taxa maior do que o acaso.

Porém, apenas pais de crianças pequenas, aqueles envolvidos em um cuidado intensivo dia e noite, são capazes de diferenciar desconforto e dor em um bebê com o qual nunca tiveram contato, algo inesperado pelos cientistas.

Eles imaginavam que, assim como os pais, os profissionais de cuidado infantil também seriam bem-sucedidos na tarefa de reconhecer os sinais de bebês desconhecidos, uma vez que costumam ter contato com muitas crianças durante um dia de trabalho, mas isso não foi o que ocorreu.

"Isso nos surpreendeu, mas condiz com a ideia de que ouvintes experientes podem desenvolver uma resistência que reduz sua sensibilidade aos sinais acústicos de dor", conta Camille Fauchon, coautora do artigo e pesquisadora na Universidade de Saint-Étienne, na França.

Estudo mostra que contato intenso com bebê permite aos pais identificar o choro de dor Natasha Lebedinskaya - stock.adobe.com

A pesquisa integra um programa dedicado a compreender como a informação é codificada no choro dos bebês e como os adultos extraem essa informação. "Antes que uma criança possa falar, é essencial entender seus sinais para que suas necessidades sejam atendidas: ela está com fome, com sono ou com dor? Em particular, detectar e avaliar a dor dos bebês é necessário para gerenciar quaisquer problemas médicos", diz Fauchon.

A pesquisadora afirma que as escalas atuais de avaliação de dor baseadas nas expressões faciais e comportamento do bebê, e em relatos dos pais, são incompletas e imprecisas, daí a importância de compreender as informações codificadas na estrutura acústica do pranto infantil.

O choro de dor é mais longo, mais alto e mais estridente e o estudo buscou compreender se a experiência afetava a capacidade de decodificar essas propriedades acústicas universais. Para tanto, os pesquisadores recrutaram participantes com diferentes níveis de contato com bebês, incluindo pessoas sem familiaridade alguma, cuidadores eventuais, pais de crianças acima de cinco anos e pais de crianças menores de dois anos.

O experimento foi conduzido pela internet, a partir da plataforma Prolific, e os participantes receberam pagamento pelo tempo gasto. "Esse formato garante um certo nível de motivação, o que é sempre difícil em iniciativas online. Também é uma solução interessante para fazer experimentos quando as pessoas não podem entrar no laboratório, como foi o caso durante o lockdown", diz Fauchon.

Em dois dias, os 234 participantes ouviram oito áudios de desconforto captados durante o banho de um mesmo bebê, para se familiarizarem com a criança. Depois, foram apresentados a uma sequência de quatro áudios — dois referentes a desconforto e dois choros de dor captados em momentos de vacinação. Por fim, ouviram mais quatro áudios, também de dor e desconforto, de outro bebê.

Participantes que não eram pais tiveram taxa de acerto de cerca de 50% ao ouvirem o bebê com o qual tinham se familiarizado, enquanto pais de crianças maiores de cinco anos alcançaram 65,5%. Profissionais de cuidado infantil chegaram a 71,1% e pais de bebês, 71,2%. Estes também tiveram taxa de acerto de 64,2% ao ouvirem o choro de um bebê desconhecido, mostrando que a experiência influencia a percepção.

"Estamos interessados agora em estudar as bases neurobiológicas desses processos perceptivos. Temos estudos de neuroimagem em andamento que ajudarão a entender como a experiência e a paternidade moldam a atividade cerebral e fazem com que os adultos se tornem especialistas no reconhecimento do choro dos bebês. Também estamos investigando como fatores demográficos, incluindo idade, podem afetar o processo de identificação do choro", finaliza a pesquisadora.

Nuvens celestiais no entorno de Herbig-Haro HH 505 ESA/Hubble & NASA, J. Bally, CC BY 4.0 Reconhecimento: M. H. Özsaraç

Telescópio Hubble registra nuvens celestiais a 1.000 anos-luz da Terra

SÃO PAULO A Nasa (Agência Espacial Norte-Americana) e a ESA (Agência Especial Europeia) divulgaram nesta sexta (12) novas imagens que o telescópio Hubble capturou de nuvens celestiais que estão localizadas a cerca de 1.000 anos-luz da Terra.

As fotos são de locais ao redor do objeto Herbig-Haro HH 505. Segundo as agências, esses tipos de objetos são regiões luminosas que estão ao redor de estrelas recém-nascidas.

Eles são formados quando ventos estelares ou jatos de gás expelidos por essas estrelas formam ondas de choque ao colidir com gás e poeira em altas velocidades.

As agências explicam que essa localidade conta com uma intensa radiação ultravioleta originada de estrelas jovens e brilhantes. Nessa região, milhares de estrelas se formam e é considerada como o local de formação estelar massiva mais próxima da Terra.

As novas imagens foram capturadas por um sistema de câmaras avançadas. Com essa tecnologia, é possível que os astrônomos observem os jatos e fluxos que ocorrem na região das estrelas recém-nascidas.

O Hubble já vasculha o Universo e faz imagens dele há 32 anos. No final de março, o telescópio bateu um novo recorde: capturou a imagem da estrela mais distante já vista. Ela pertence a uma galáxia cuja luz partiu de lá apenas 900 milhões de anos depois do Big Bang, o evento que deu origem ao Universo como o conhecemos hoje.

No final de 2021, o James Webb foi outro telescópio lançado para capturar imagens do Universo. Segundo astrônomos, a qualidade das imagens capturadas por ele são um indicativo de que estamos perto de um novo momento da exploração espacial.

681.550 mortes
70 óbitos por Covid em 24 horas

34.171.644 casos
7.195 entre sábado e domingo

Apesar dos muitos desafios, Brasil já mudou paradigma na saúde mental

Com rede capilarizada, iniciativas independentes e centros de excelência, país pode expandir soluções

Júlia Barbon e Adriano Vizoni

CAMPINAS E SÃO PAULO "Saúde mental sem rede não é saúde mental", diz a enfermeira Roberta dos Reis apontando para um emaranhado de fios coloridos sobre o mapa pendurado na parede. É tanto barbante que mal dá para ver as ruas de Campinas, a 93 km de São Paulo.

As linhas interligam etiquetas com os nomes das unidades de saúde da região, alfinetadas no quadro bem no meio do corredor: "Todo mundo tem que olhar para isso o tempo todo", afirma a coordenadora do Caps (Centro de Atenção Psicossocial) AD Sudoeste.

O município leva a sério a necessidade de integração entre os serviços, um dos pilares do SUS (Sistema Único de Saúde). Por isso, é citado como "exemplo de como um país pode implementar serviços em larga escala" pelo guia de boas práticas da OMS (Organização Mundial da Saúde) de 2021.

Mapa mostra a rede de atendimento à saúde mental de Campinas, em SP Adriano Vizoni/Folhapress

ONDE PROCURAR AJUDA?

Rede de Atenção Psicossocial
Mapa mostra as unidades da rede habilitadas pelo Ministério da Saúde até set.2020: bit.ly/mapaRAPs

Mapa Saúde Mental
Site reúne diversos tipos de atendimento: mapasaudemental.com.br

CVV (Centro de Valorização da Vida)
Voluntários atendem ligações gratuitas 24 horas por dia no número 188: www.cvv.org.br

A cidade mostra como, apesar dos desafios que ainda enfrenta na área, o Brasil conseguiu mudar em duas décadas, em nível nacional, o paradigma do tratamento em saúde mental, tirando o paciente do manicômio e o colocando no centro das políticas públicas.

Ao mesmo tempo, o país foi se enchendo de iniciativas independentes para resolver o problema nos bairros, empresas e escolas, além de erguer polos de excelência em pesquisa e ensino da psiquiatria que são referência mundial.

Agora, precisa avançar no debate de como avaliar, melhorar e expandir as soluções para a escalada de transtornos psíquicos, ainda longe de um consenso. Pôr mais peso e dinheiro na rede básica, nos Caps, nos ambulatórios ou nos leitos para crises estão entre as mudanças discutidas.

Campinas, no caso, é reconhecida por seu modelo territorial. Fechou seu único hospital psiquiátrico em 2017, reduziu o tempo médio de internação em hospital geral de 60 para 15 dias, ampliou o cardápio de serviços e investiu 9% do seu orçamento de saúde na rede de atenção psicossocial, ante uma marca federal de 1%.

Hoje com equipes espalhadas por todas as regiões, o município de 1,2 milhão de habitantes conhece pelo nome quase todos os usuários do sistema. "Quando o seu João chegar aqui, todo mundo já vai saber quem ele é, qual o seu caso e o contexto do lugar onde ele mora", exemplifica Roberta.

A primeira estratégia é ir até o "seu João". Por isso priorizam políticas como o Consultório na Rua, que atua onde grande parte das pessoas com transtornos mentais ou dependência química vive. Foi assim que convenceram Thiago Martins, 27, a se tratar num Caps numa manhã de junho.

"Não quero mais usar droga, olha como tô, não sou assim", diz ele depois de ser medicado pela veia na tenda do programa, mostrando as roupas sujas, os dentes quebrados e a mão direita inchada por uma picada de aranha.

Qualquer motivo é uma oportunidade para que o usuário dê entrada e depois continue nos serviços, explica a equipe. O Caps da região onde Thiago vive é então avisado por telefone e, mais tarde, comunica aos envolvidos que ele de fato chegou lá.

"Não adianta eu te dar um papelzinho e falar 'vai'. Na semana que vem eu tenho que ir até a sua UBS [Unidade Básica de Saúde] ou até o hospital em que você foi internado para discutir o que deu certo, o que não deu", afirma Marcelo Bruniera, coordenador municipal de saúde mental.

É assim que o psicólogo descreve o chamado "matriciamento", conceito de saúde caro à cidade, também posto em prática por meio de reuniões periódicas em vários níveis de gestão e inclusive com outras áreas, como instituições de ensino e do Judiciário.

Na base do tratamento está ainda o protagonismo e a autonomia dos pacientes. Nos 14 Caps, mantidos abertos na pandemia, eles se reúnem em assembleias e escolhem um conselho para atuar com os gestores.

No Núcleo de Oficinas de Trabalho, também aprendem ofícios como culinária, marcenaria ou agricultura recebendo uma bolsa pelo que vendem. O edifício é do antigo hospício, onde Benedito Dias, 66, chegou a ser internado com depressão grave. "Se eu estivesse num hospital, até hoje não estava bom assim", diz, exibindo os vitrais que fez.

Quando o paciente surta, vai para as emergências, os 72 leitos em Caps 24 horas ou outros 20 no hospital geral. "Por enquanto não precisamos abrir mais", diz Bruniera. "Mas, com o aumento dos casos na pandemia, temos discutido como fortalecer a retaguarda. A rede é muito bem estruturada, o que não significa que não é debatida o tempo todo."

Saúde mental em Campinas (SP)

Cidade faz investimentos significativos na área

Tem mais Caps (Centros de Atenção Psicossocial)

Unidades por mil habitantes

1,53
Campinas
1,29
Brasil
1,12
Sudeste

Conseguiu reduzir tempo médio de internação

Registrou queda nos suicídios, na contramão do país

Taxa por 100 mil hab.

7,3
6,4
6,6
Brasil
5,5
Campinas
2019
2021

Tem taxa de tentativas de suicídio muito inferior

Por 100 mil hab. (2019)

22,9
Campinas
59,3
Brasil

Fontes: Prefeitura de Campinas, Ministério da Saúde e Datasus

Para além dessa assistência psicossocial formal —e muitas vezes no vácuo dela—, proliferaram no Brasil iniciativas criadas em paralelo, seja por empresas, organizações sem fins lucrativos, escolas, profissionais ou pelos próprios pacientes e familiares.

Um movimento que tem se expandido na saúde mental é o "recovery", que consiste em ajudar a pessoa com transtorno mental a retomar o controle de sua própria vida, especialmente com o suporte daqueles que já passaram por experiências parecidas.

José Alberto Orsi, 55, é uma das referências no assunto no Brasil à frente da Abre (Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Esquizofrenia). Contornou todas as profecias de um médico de Miami que, em seu segundo surto, afirmou que ele teria que ser tutelado até morrer.

"Nessa crise eu achava que era o Adão bíblico, saí nu na piscina, fui preso pela polícia", conta ele, terceira geração da família com a doença. Largou o emprego, rompeu o noivado e não concluiu o mestrado. O quarto surto, em meados de 2000, "não destruiu nada porque já estava tudo destruído".

Teve então o diagnóstico fechado, acertou os remédios e terapias e passou a reconstruir a vida com a ajuda de cursos e pessoas que conheceu na Abre, surgida na Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). Agora, faz doutorado sobre o assunto ali.

Orsi quer expandir a reabilitação pela educação com o projeto Recovery College, o primeiro na América Latina a ofertar bolsas de estudo adaptadas em parceria com fundações e faculdades. "O Caps é um modelo importante, mas basilar. O ideal é que uma hora a pessoa tenha alta e os rituais da vida sejam vividos, coisa que hoje é privilégio dos ricos."

Parte das comunidades ribeirinhas da Amazônia na região de Belterra (PA), por exemplo, só viu psicólogos e psiquiatras pela primeira vez alguns meses atrás, quando a ONG Zoé levou profissionais de barco para atender e treinar equipes locais, numa parceria com a prefeitura.

O psiquiatra Giovanni Salum, professor da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), vê a disseminação de iniciativas tão diversas como resultado de uma oposição entre cuidado humanizado e cuidado técnico que se criou na saúde mental no país.

"Por um lado, isso valorizou inventar técnicas muitos legais: rádios, hortas, cooperativas. Por outro, fez com que não avaliássemos quais medidas funcionam de fato. Essa dicotomia não deveria existir, a técnica é o instrumento para poder ser humano e dar o melhor tratamento a uma pessoa."

E técnica é uma vantagem no Brasil, que tem uma produção científica de excelência na área. "Temos quatro programas de pós-graduação de nível internacional: USP, USP Ribeirão Preto, Unifesp e UFRGS", cita Jair Mari, coordenador da pós em psiquiatria da Unifesp e do Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental (Caism).

Nos laboratórios do Instituto de Psiquiatria da USP, por exemplo, pesquisadores trabalham para encontrar meios de diagnosticar doenças mentais precocemente, por meio de "biomarcadores" no sangue, na urina ou na saliva.

Em 2018, a revista científica Brazilian Journal of Psychiatry alcançou a maior pontuação de publicações da medicina no Brasil e da especialidade na América Latina, segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP).

Resta ao país usar essas vantagens para amplificar o que já funciona e mudar o que tem nos impedido de evitar 14 mil suicídios por ano e o adoecimento de mais de 28 milhões de pessoas com depressão. "A saúde mental é o santo Graal do século 21", relembra Orsi.

BRASIL NO DIVÃ
A explosão dos transtornos mentais foi debatida durante mais de dois anos de pandemia, mas pouco se aprofundou sobre o nosso sistema público de saúde mental. A série Brasil no Divã discute o tamanho do problema, a capacidade do SUS, o fim dos manicômios, mitos e preconceitos que rodeiam o assunto e as saídas possíveis.

Depressão exige intervenção urgente, acolhimento e tratamento adequado

Só no Brasil, cerca de 12 milhões de pessoas têm a doença e quase 12 mil morrem por suicídio todos os anos; para especialista, transtorno deve ser tratado como uma emergência médica

PRECISAMOS FALAR SOBRE SUICÍDIO

Preconceito aumenta a desinformação sobre a doença, que atinge cerca de 300 milhões de pessoas no mundo

35% das 800 mil pessoas que morrem por suicídio todos os anos no mundo tinham depressão[1]

35% é o aumento nas taxas de suicídio no Brasil e nos Estados Unidos, entre 2000 e 2016

30% foi a queda no número médio de suicídios no mundo, no mesmo período[2]

A DEPRESSÃO RESISTENTE AO TRATAMENTO

O paciente com depressão resistente é aquele que não responde adequadamente ao tratamento com pelo menos 2 antidepressivos diferentes, mesmo com doses e tempo adequados[3]

MITOS E VERDADES SOBRE O SUICÍDIO[5]

Para cada pessoa que se mata, outras 20, no mínimo, tentam tirar a própria vida. Ou seja, o contingente de pacientes em sofrimento é enorme. Veja a seguir os principais mitos e como derrubá-los

Falar sobre suicídio é um incentivo ao ato

Falar sobre suicídio é tão importante quanto o diagnóstico e o tratamento adequados da doença mental. Ao abordar o assunto, é preciso evitar o sensacionalismo, não especular sobre as causas e tampouco descrever os métodos. O tema deve ser tratado pelo que de fato é: um problema de saúde pública, passível de prevenção

Quem quer se matar de verdade não fala em suicídio

Em geral, a tentativa de suicídio é um pedido de ajuda. Quem pensa em se matar costuma falar sobre morte e suicídio mais do que o comum. O paciente em depressão tem uma visão deturpada da própria realidade. Para ele, tudo é mais difícil, os problemas não têm solução. As pessoas precisam ser sensíveis ao sofrimento do outro. E os profissionais de saúde devem ser treinados para reconhecer o paciente em risco

Quem tentou se matar uma vez, vai tentar outras vezes até conseguir tirar a própria vida

Quando o paciente é bem acompanhado, o perigo pode ser completamente eliminado. Sem tratamento, porém, a tentativa prévia é o principal fator de risco para o suicídio na população em geral

Referências arte:
1. "Depression and other common mental disorders – Global health estimates" - (https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WH?sequence=1); 2. "Suicide and suicide risk" - (https://www.nature.com/articles/s41572-019-0121-0); 3. "Acute and longer-term outcomes in depressed outpatients requiring one or several treatment steps: a STAR*D report" - (https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17074942/); 4. "Epidemiologia e ônus da depressão resistente ao tratamento no Brasil: análise do subgrupo brasileiro do estudo de observação multicêntrico TRAL" - (https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/10/1353205/doi_10_2175_jbes_v13_n3_p330-2.pdf); 5. Humberto Corrêa, professor titular de psiquiatria, da Universidade Federal de Minas Gerais; "Depressão: Quando falar e ouvir inspira a vida" - (https://www.falarinspiravida.com.br/assets/files/guia-falar-inspira-vida.pdf); "Preventing suicide" (http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/131056/9789241564779_eng.pdf?sequence=1, e "Suicídio – Informando para prevenir" (http://www.flip3d.com.br/web/pub/cfm/index9/?numero=14#page/1)

Doutor, sei que, se eu me matar, vou para o inferno. Mas minha vida aqui é muito pior do que o inferno.

Foi assim que dois pacientes descreveram a depressão para o médico Humberto Corrêa, professor titular de psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Homens religiosos preferiam, segundo suas crenças, enfrentar a condenação divina a viver com o transtorno.

A frase é reveladora da premência em conceituar a depressão como uma emergência médica. Uma questão de saúde pública agravada pela pandemia do coronavírus. Em primeiro lugar, é imprescindível livrar o transtorno dos preconceitos religiosos, morais e culturais. A depressão é uma doença como qualquer outra e o suicídio, seu desfecho mais trágico –resultado, na imensa maioria das vezes, da precariedade no manejo do distúrbio.

O diagnóstico no tempo certo e o tratamento adequado garantem aos pacientes uma vida absolutamente normal. Há de se bater nessa tecla muitas e muitas vezes. Pois somente metade dos doentes está em tratamento e deles, apenas 20% estão, de fato, bem assistidos[1].

Das cerca de 800 mil pessoas que todos os anos tiram a própria vida, a quase totalidade é portadora de doença mental[2]. "Delas, entre 50% e 60% sofrem de depressão", diz o professor da UFMG. Sem controle, o transtorno aumenta em sete vezes a probabilidade de suicídio[3].

Globalmente, os suicídios estão em queda. Menos no Brasil e nos Estados Unidos. Por aqui, entre 2000 e 2016, a mortalidade cresceu 35%[4]. Todos os anos, em torno de 12 mil brasileiros morrem por suicídio –60% deles têm menos de 44 anos, segundo Corrêa. Por causa das subnotificações, esse número é, no mínimo, 20% mais alto[5]. Mas é possível mudar esse cenário. Com o controle correto da depressão e com programas nacionais de prevenção, 90% dos suicídios poderiam ser evitados[2].

O transtorno também exige intervenção urgente dada sua alta prevalência global. Entre os países com as maiores taxas de depressão, o Brasil aparece em quinto lugar, - são cerca de 12 milhões de doentes[6]. Essas estatísticas não consideram o aumento de casos decorrente da crise sanitária. Sem controle, o paciente, mesmo sem ideação suicida, vive muito mal. A doença compromete suas relações sociais, funcionalidade e produtividade.

"Nossa responsabilidade é falar sobre a depressão como um assunto de saúde, um assunto científico, e, com isso, esclarecer as pessoas", defende o professor da UFMG. Só assim será possível construir uma sociedade mais empática, livre de preconceitos. Uma sociedade na qual os pacientes, bem informados, estão engajados na busca pelo melhor tratamento.

O acolhimento da família, dos amigos e dos colegas de trabalho foi fundamental para a recuperação da enfermeira Eliana Zaparolli, de 58 anos. "Todos compreenderam minha situação", conta. "Meu marido e minha filha não me cobravam o que eu não podia fazer", diz Eliana. "Eles diziam: 'Vai passar.'"

A depressão se manifestou em 2003. "O sofrimento psíquico, a dor, era enorme", lembra ela. "Eu tinha pouca energia, não conseguia me concentrar, perdi a capacidade de sentir prazer, sentia um mal estar generalizado, com dores no corpo."

O quadro foi agravado pela conduta de um médico que, mais tarde a enfermeira descobriria, não era psiquiatra. Um ano depois, ela encontrou o especialista que a acompanha até hoje. A partir de então, Eliana enfrentou um calvário vivido por muitos pacientes de depressão –a busca pelo melhor tratamento. "Tive de trocar de remédio várias vezes", conta. Eliana tinha certeza de que, em algum momento, controlaria a depressão.

Nesse período, ela contou com o apoio do marido, da filha, hoje com 28 anos, dos pais e dos colegas de profissão. No trabalho, depois de passar por perícia médica, conseguiu reduzir a carga horária como professora na Escola de Enfermagem, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Quatro anos depois, em 2008, Eliana finalmente conseguiu controlar a depressão. Mudou sua rotina e aprendeu a respeitar os sinais que o corpo dá. "Se eu tenho um dia muito agitado, eu preciso dormir de sete a oito horas", relata. Hoje ela faz exercícios físicos, participa de atividades religiosas e é voluntária na Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Transtornos Afetivos (Abrata). Em novembro, se forma em arteterapia, uma técnica que, segundo ela, lhe ensinou a expressar seus sentimentos e emoções. "Sinto que tenho a missão de ajudar as pessoas que passam pelo que eu passei", completa. A rede de solidariedade em torno de Eliana ainda é rara para a maioria dos pacientes com depressão. O acolhimento, segundo ela, deveu-se, em grande parte, pelo fato de ela ser uma profissional de saúde.

A busca de Cauê pela estabilidade psíquica foi extremamente solitária. Tanto que o executivo de 48 anos pede para não ser identificado pelo nome verdadeiro. "Sabe como é, né? O ambiente corporativo é muito competitivo", explica. "E ainda tem aquela ideia de que depressão é coisa de vagabundo. Quando eu tinha de me ausentar no trabalho, inventava que estava em tratamento para o joelho."

Em janeiro 2016, desempregado, ele se separou da esposa e o filho, então com 11 anos, foi viver com a mãe em uma cidade a 400 quilômetros de distância. "Fui suportando, suportando.... Eu só pensava em dormir, como forma de anestesiar os problemas", lembra. "Eu não pensava em tomar veneno, nada disso, mas dormir é uma forma de morte, né?" O executivo tem certeza de que, com o apoio dos parentes e amigos, teria buscado ajuda mais cedo.

Certo de que, sem ajuda especializada, não sairia daquele estado de torpor, Cauê foi ao médico. Ao contrário de Eliana, ele acertou rapidamente a medicação. "A minha vida mudou", diz ele. Hoje, o executivo está namorando, passa férias deliciosas com o filho, tem seu lugar no mercado de trabalho, emagreceu 25 quilos, é assíduo na academia e já fez duas viagens para o exterior pela empresa. E ele não se incomoda de realizar o tratamento de forma contínua? De jeito nenhum "Quero estar na minha melhor forma", afirma. "E eu estou voando."

Referências texto:
1. "Depressão" (Depressão - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde) - (paho.org); 2. "Preventing suicide – A global imperative" - (http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/131056/9789241564779_eng.pdf?sequence=1); 3. "Suicidality and quality of life in treatment-resistant depression patients in Latin America: secondary interim analysis of the TRAL Study" - (https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8924815/#B8); 4. "Suicide and suicide risk" - (https://www.nature.com/articles/s41572-019-0121-0); 5. "Mortalidade por suicídio: várias razões para prevenir" - (https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/mortalidade-por-suicidio-varias-razoes-para-prevenir); 6. "Depression and other common mental disorders – Global health estimates" - (https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WH?sequence=1)

equilíbrio

Novas visões sobre gênero e identidade afastam sexo do marketing de perfumes

Mais jovens buscam produtos que não vendam sexualização e heteronormatividade, mas empoderamento e experiências

Miki Kim/The New York Times

Rachel Strugatz

THE NEW YORK TIMES Em 2001, no lançamento de um novo perfume da Yves Saint Laurent, o diretor criativo da maison, Tom Ford, deu uma festa sensacional na sede da Bolsa de Valores de Paris, exibindo um bando de modelos praticamente nuas num recipiente gigante de acrílico. O nome do perfume era Nu (cujo significado em francês é o mesmo que em português).

Linda Wells, editora-chefe fundadora da revista Allure, compareceu à festa e comparou a produção de Ford a um aquário humano, repleto de modelos se contorcendo de lingerie. Foi como uma piscina de bolinhas do tipo que se vê em festas infantis, só que maior, movida a álcool e cheia de adultos quase nus.

"Eram todos aqueles corpos", disse Wells, "tanta pele à vista. Foi como uma orgia."

Um evento como esse parece inimaginável hoje, e não apenas porque o hedonismo irrestrito virou tabu depois do #MeToo. O ideal todo de marketing mudou: hoje a maioria dos criadores e grifes não usam o sexo para vender perfume, e as pessoas não compram perfume para fazer sexo.

Durante décadas o marketing do perfume priorizou a sedução. As fragrâncias eram uma maneira engarrafada de ajudar as pessoas a encontrar parceiros. É uma ideia que parece tremendamente irrelevante hoje, já que temos aplicativos de namoro.

"Parece realmente superado e até ofensivo", disse Wells. "Hoje em dia pensamos: 'Quer dizer que esse anunciante vai me dizer como devo me sentir ou se eu quero ou não transar por causa do perfume dele, ou se quero virar um objeto por causa de seu perfume?'"

Hoje em dia as marcas falam dos perfumes em termos de lugares e de como eles farão a pessoa se sentir. Marcas menores, de nicho, como Byredo e Le Lago, são promovidas como "de gênero neutro".

Essas marcas não incentivam conceitos de gênero superados, nem mensagens singulares sobre sexo e orientação sexual. Não é uma competição para ver qual perfume é o mais sexy — é para ver qual consegue suscitar a conexão emocional mais forte.

> **"Hoje em dia pensamos: 'Quer dizer que esse anunciante vai me dizer como devo me sentir ou se eu quero ou não transar por causa do perfume dele, ou se quero virar um objeto por causa de seu perfume?**
>
> **Linda Wells**
> editora-chefe da revista Allure

Para a neurocientista Rachel Herz, autora de "The Scent of Desire: Discovering Our Enigmatic Sense of Smell" (O odor do desejo: descobrindo nosso enigmático olfato, em português), o perfume passou do marketing de "temas diretos" como poder e sexo para o incentivo de uma "jornada pessoal".

Pode ser uma jornada de autoempoderamento ou para você se converter em seu "eu melhor", ideia que a Glossier promove com sua fragrância Glossier You. Segundo o site da empresa, o perfume "vai crescer com você, não importa onde você se encontre em sua evolução pessoal", porque "não é um produto acabado. Ele precisa de você".

Então quando foi que perfume deixou de remeter ao sexo?

Tradicionalmente, os perfumes eram criados para homens ou para mulheres — raramente para ambos — e promovidos por campanhas de milhões de dólares com destaque para normas de gênero tradicionais ou imagens hipersexualizadas.

Quem se lembra dos anúncios do perfume Eternity, da Calvin Klein, nos anos 1980, com Christy Turlington e Ed Burns? E a campanha sensual do Gucci Guilty com Evan Rachel Wood e Chris Evans, de 2010? No clima cultural de hoje, ambos parecem heteronormativos.

A discussão hoje é liderada por uma geração mais jovem, com interpretações mais fluidas do que constitui gênero, orientação sexual e relacionamentos românticos. "Gênero neutro" e "genderless" (sem gênero definido) viraram conceitos do mainstream, fundamentais para a moda, a maquiagem e os perfumes. Não estão mais às margens da discussão.

Isso foi seguido por um aumento nas fragrâncias unissex e genderless. Na verdade, muitas das grifes de nicho e artesanais que alcançaram popularidade ampla nunca atribuíram um gênero a seus perfumes.

A Byredo promove seus perfumes como unissex desde que foi fundada, em 2006, por Ben Gorham. O mesmo se aplica à Le Labo, Escentric Molecules, D.S. & Durga, Malin + Goetz e Aesop.

"Seu gênero, sua nacionalidade, sua orientação sexual, nada disso tem importância", disse Chris Collins, fundador e executivo-chefe da World of Chris Collins. Todos os 12 perfumes da grife são genderless. "Não deve haver uma distinção", ele destacou.

Para os grandes nomes globais da área dos perfumes, o gênero e o romantismo ainda são fundamentais para atrair o público mainstream. As campanhas da Dior não são declaradamente sexualizadas, mas a marca apresenta ideais nitidamente femininos nas campanhas da Miss Dior, estreladas desde 2011 por Natalie Portman, além dos anúncios dourados da J'Adore Dior em que Charlize Theron há 18 anos encarna uma deusa grega.

"O romantismo não está necessariamente ultrapassado", diz Herz. São as representações do romantismo que ficaram mais abstratas, ela explicou, porque "as coisas estão menos heterossexualmente definidas" do que eram.

Na pandemia, com as lojas fechadas e poucas maneiras de testar um perfume antes de comprá-lo, Suzanne Sabo, 45, de Levittown, Pensilvânia, passou a comprar perfumes "às cegas" para se dar um prazer. A primeira fragrância que encomendou foi a Jasmin Rouge, da Tom Ford Beauty, que descobriu em um anúncio online.

"Não havia nada de sensual ou sexual nele", disse Sabo, redatora num colégio técnico. "Era uma descrição do perfume. Usando o perfume em casa, vestindo calça de moletom, me senti uma mulher nova. Me senti maravilhosa."

Rachel ten Brink, sócia da Red Bike Capital e fundadora da linha de perfumes Scentbird, viu clientes começando a adotar essa mentalidade alguns anos atrás.

Numa sondagem de 2015 em que clientes da Scentbird tiveram que responder por que usavam perfume, a resposta mais dada foi "como me sinto quando estou usando". Atrair pessoas do sexo oposto foi a sexta ou sétima resposta mais comum.

As marcas menores e independentes muitas vezes são mais criativas em sua abordagem à criação de perfumes, destacando ingredientes e cheiros individuais ou usando uma história para atrair consumidores. Suas fragrâncias frequentemente são mais fortes, ousadas e caras que as das lojas de departamento.

Tradução de Clara Allain

esporte

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho
pranchetadopvc@gmail.com

Frase de Pereira escancara Corinthians individual

Vítor Pereira lembrou Evaristo de Macedo. Ao ser demitido da seleção, em 1985, o técnico que seria campeão brasileiro pelo Bahia, três anos depois, declarou: "Estou preocupado com meus US$ 6 milhões no banco." O maior pecado desta frase é o individualismo.

O técnico português evidenciou como as coisas no Corinthians foram discutidas do ponto de vista individual, e não coletivo: "Você só pode estar a brincar comigo. Tu sabes quanto dinheiro eu tenho no banco?"

Pereira poderia argumentar que o trabalho está em evolução, que o time precisa de seu comando, falar sobre as questões coletivas do Corinthians, sobre a importância de seguir desenvolvendo seus miúdos. Mas, não. Preferiu falar sobre sua própria conta bancária.

A grande diferença do Palmeiras vencedor do Dérbi de sábado, em Itaquera, para grande parte dos demais times do país, é o comprometimento coletivo. Na expulsão de Danilo contra o Atlético-MG, Rony passou a ser o marcador de Arana e Scarpa, de Mariano. Dudu jogou fora de posição e ninguém lamentou as mazelas particulares.

No Corinthians, não é apenas Pereira quem, em uma frase, diz não lamentar o fim do trabalho por ter muito dinheiro no banco. Willian deixou o Parque São Jorge após eliminação da Libertadores, contra o Flamengo, e explicou que sua família recebeu ameaças.

Se houvesse cheiro de sucesso nos próximos dois meses, Willian iria já ou esperaria mais um pouco? E Róger Guedes apenas esperou a saída do colega para colocar sobre seus próprios ombros a camisa 10.

Dentro do elenco, nenhum dos líderes julgou individualista a mudança. Tanto Fábio Santos, quanto Renato Augusto, julgaram absolutamente natural. Mas Guedes nem esperou o corpo esfriar.

É óbvio que os três casos relatados acima não formam a razão principal da falta de jogo coletivo de quem veste o manto corintiano. Mas são exemplos.

O Corinthians segue sendo o time que menos finaliza no Brasileiro, o terceiro pior em desarmes e cruzamentos, e o melhor do campeonato em dribles. Nada mais individualista.

O técnico critica publicamente Róger Guedes ao dizer que não sabe fechar o corredor defensivamente e entrega-lhe a camisa 10 assim que perde seu jogador mais bem dotado tecnicamente.

Apesar disto, o Corinthians ficou vivo em três competições por quatro meses, como propunha o treinador. Agora, em oito dias, pode perder a chance de ganhar os três troféus mais cobiçados da temporada, se não marcar dois gols contra o Atlético-GO.

Vítor Pereira tem 39 jogos, apenas 15 vitórias e oito delas por dois gols de distância — três por três ou mais de diferença. Improvável golear o semifinalista da Sul-Americana.

É possível esperar o final do ano e reestruturar o Corinthians com o próprio treinador português. Mas ele tem contrato só até dezembro e, como ele mesmo disse, não está preocupado se vai continuar ou não. Ele vai para onde quiser, quando e se tiver vontade.

É impossível formar uma equipe em que a ambição seja coletiva tendo um líder que reage expondo tão claramente seus desejos individuais.

Do outro lado, o Palmeiras ganhou os três Dérbis do ano, comandado por Abel Ferreira, o homem que apregoa, todos os dias, que o "nós" deve vir antes do "eu".

Róger Guedes é acusado de não recompor e recebe camisa 10 como prêmio

Wesley e Piquerez em cima de Fagner, na jogada de origem do gol

ERRO DE FAGNER

Apesar do debate sobre recomposição de Róger Guedes, foi Fagner quem errou no gol contra de Roni. Wesley e Piquerez fizeram dois contra um e o lateral uruguaio conseguiu o cruzamento. O Palmeiras tem enorme chance de ganhar seu 11º título brasileiro.

NOVE PONTOS

O Palmeiras joga com muita força e é o grande favorito ao título. A sombra no caminho é a lembrança de 2009. Na 29ª rodada, quando o Flamengo visitou o Parque Antarctica, era sexto colocado, nove pontos atrás do líder. Foi a maior virada da história do Brasileiro.

Como queríamos demonstrar

O Palmeiras toureou, toureou e, num golpe só, saiu vencedor contra o Corinthians como era de se prever

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

A coluna, que ameaçou não voltar nesta segunda-feira, aqui está, resignada, e disposta a conversar.

O Dérbi nada mais fez do que confirmar a expectativa mesmo sem grande apresentação do líder do Campeonato Brasileiro.

Jogou para o gasto, se defendeu com firmeza em nova excelente atuação do capitão Gustavo Gómez, sentiu falta da magia de Gustavo Scarpa, e ganhou o jogo como tem feito ultimamente quando enfrenta o Corinthians, pela terceira vez só nesta temporada. Com gol de Roni, o com i, porque o com y já tinha saído para dar lugar a Wesley.

Sim, o Roni alvinegro marcou contra, embora se ele não tocasse para o fundo da rede certamente López o faria no passe de Piquerez para estabelecer o 1 a 0 definitivo.

Vitória da paciência, da força mental, da confiança, sobre o rival onde tudo isso em falta, mesmo que abnegação não tenha faltado.

Cássio não fez defesa alguma e Weverton teve de fazê-las, mas bastou uma estocada para derrubar os donos de Itaquera, derrotados pela primeira vez em casa no campeonato.

Já o Palmeiras, como se sabe, segue sem perder como visitante, além de ter aumentado para quatro jogos a vantagem na história do confronto —133 vitórias a 129, com 112 empates.

E a coluna, que evidentemente brincou ao ameaçar faltar nesta segunda-feira, parece ter sido infeliz ao brincar também com a chatice do torcedor vencedor, qualquer torcedor, pois o país anda tão mal-humorado que até elogio vira ofensa —por mais que os corintianos, obviamente, tenham sido citados como igualmente chatos quando estão por cima.

Tomara que capitães como o paraguaio Gómez sigam prevalecendo e os de maus bofes desapareçam da cena nacional, para que possamos voltar a tratar o futebol como paixão, em vez de válvula de escape para ódios e ressentimentos. Ou para leituras enviesadas.

Aliás, outro paraguaio, o zagueiro Balbuena, apelidado General, fez belíssimo jogo pelo lado alvinegro e nada contra o apelido de militar, desde que capitães e generais não se intrometam onde não lhes cabe, como um dia fez, e por quase 35 anos, o general Alfredo Stroessner, compatriota deles.

Enfim, como na coluna dominical quisemos demonstrar, a equação do Dérbi teve a solução prevista, porque se o futebol permite frequentemente ao pior vencer o melhor, na maior parte das vezes quem é superior prevalece.

Principalmente se de um lado há um português que prega humildade e do outro um que se jacta de ter milhões de euros no banco.

Arrogância

Infeliz ao extremo, Vitor Pereira lembrou Ricardo Teixeira que ao responder à CPI da CBF disse não precisar do futebol, "porque sou rico". E tirou mestre Armando Nogueira do sério: "Sou rico, uma ova! Fiquei rico, à custa do futebol, deveria ter dito", indignou-se o saudoso jornalista.

Pereira, é verdade, fez fortuna honestamente, mas poderia ter dito que a profissão lhe permitiu não ter medo de demissão em vez de perguntar ao repórter se ele sabia quanto dinheiro tinha na conta.

Que trate virar o resultado na Copa do Brasil para não engordar seu saldo ao receber três meses antecipadamente, sem precisar mais dar expediente no Corinthians.

Enquanto isso Abel Ferreira terá uma semana para preparar o Palmeiras com vistas ao jogo contra o Flamengo, na casa verde. E talvez começar a comemorar o título brasileiro também antecipadamente.

DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | **TER. Renata Mendonça, Walter Casagrande Jr.** | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro, Walter Casagrande Jr.

Bia Haddad na final do WTA 1.000 de Toronto contra a romena Simona Halep, ex-número 1 do mundo Vaughn Ridley/Getty Images/AFP

Bia Haddad perde para Halep, mas vai ao top 20 do mundo

Campanha espetacular no aberto do Canadá teve vitória sobre líder do ranking

SÃO PAULO A tenista Beatriz Haddad Maia, 26, não resistiu à ex-número 1 do mundo Simona Halep e foi derrotada na final do WTA 1.000 de Toronto, no Canadá.

A brasileira foi superada pela romena (atual 15ª do ranking) por 2 sets a 1, com parciais 6/3, 2/6 e 6/3, em decisão de 2 horas e 16 minutos com boa presença de torcida brasileira neste domingo (14).

Bia chegou a abrir 3 a 0 no primeiro set, mas sofreu a virada. No segundo, impôs seu jogo para empatar a partida. No fim, viu Halep quebrar seu serviço duas vezes e ser campeã na terceira etapa.

Depois do jogo, a brasileira agradeceu a seu time e treinador, Rafael Paciaroni. "Estou me tornando mais competitiva a cada semana, e acho que estamos trabalhando na direção certa. Os resultados estão aparecendo porque estamos focados nesse processo".

Foi um triste ponto final para a espetacular campanha construída por Bia em que desbancou a atual número 1 do mundo, a campeã olímpica e outra ex-líder do ranking.

Mesmo com a derrota, porém, a paulista se torna a primeira brasileira no top 20 do tênis na era WTA. Atual 24ª colocada, ela deverá ocupar o 16º lugar na próxima divulgação oficial da lista.

Esta foi a primeira vez que uma brasileira chegou à decisão de um torneio 1.000, categoria mais importante do circuito abaixo dos Grand Slams.

No caminho à final, Bia passou pela polonesa Iga Swiatek, número 1 do mundo e campeã de Roland Garros, com vitória por 2 sets a 1. Foi a primeira vez que uma brasileira derrotou uma líder do ranking.

Nas quartas de final, outro teste de ferro: a adversária foi a suíça Belinda Bencic (12ª do mundo), atual campeã olímpica. Mais uma vitória por 2 a 1.

Na fase seguinte, a paulista na desbancou a tcheca Karolina Pliskova, ex-número 1 do ranking (atual 14ª).

Na final, pesou a experiência de Halep. Aos 30 anos, a romena disputava sua 18ª decisão de WTA 1.000 na carreira, recorde que passa a ostentar ao lado da americana Serena Williams.

Se hoje Bia celebra a entrada no top 20, essa trajetória não foi sem obstáculos e decepções.

Em 2017 e 2018, ela esteve na 58ª posição do ranking, até então sua melhor marca. No ano seguinte, no entanto, a tenista foi pega em exame antidoping e punida por dez meses.

A pena seria maior, mas foi reduzida porque sua defesa conseguiu provar que as substâncias anabólicas encontradas no exame foram ingeridas de suplementos alimentares contaminados.

Com isso e a pausa devido à pandemia, Bia caiu para a 1.342ª posição do ranking, o que a obrigou a disputar vários pequenos torneios para voltar a crescer na classificação.

Em 2021, começou na 359ª posição. E, em outubro, celebrou o que era a maior vitória da sua carreira até ali. No WTA 1.000 de Indian Wells (Estados Unidos), venceu a então número 3 do mundo, a mesma Pliskova que derrotou em Toronto.

Neste ano, a paulistana foi vice nas duplas do Aberto da Austrália e campeã do WTA 500 de Sidney, ao lado da cazaque Anna Danilina, em janeiro. Em maio, conquistou seu primeiro WTA 125, em Saint-Malo (França), foi à final em Paris na mesma classe e entrou pela primeira vez no top 40 de simples.

No mês seguinte, foi campeã do WTA 250 de Nottingham, na Inglaterra, em campanha que incluiu vitória sobre a grega Maria Sakkari, então número 5 do mundo, e também ficou com o título de duplas, ao lado da chinesa Shuai Zhang.

Na semana seguinte, Bia conquistou o WTA 250 de Birmingham, de novo na grama, em caminhada que passou por vitória sobre Halep, na semi.

O próximo Grand Slam, no qual Bia pode tentar conquistar seu primeiro troféu no nível mais alto do tênis, será o Aberto dos Estados Unidos, em Nova York, a partir de 29 de agosto. Agora entre as 20 melhores tenistas do planeta.

Bia Haddad é a primeira brasileira no top 20

Paulista disputou final de um WTA 1.000, categoria mais importante abaixo dos Grand Slams, pela primeira vez

*Melhor colocação no ano

Maria Esther Bueno foi considerada a melhor jogadora do planeta e venceu sete Grand Slams entre 1959 e 1966, mas ocupou no máximo o 29º lugar após a criação do ranking, em 1974 | Fonte: WTA

MENSAGEIRO SIDERAL | **Salvador Nogueira**
folha.com/mensageirosideral

Satélite Gaia traça caminho para mapear passado e futuro do Sol

Sempre que se fala dos resultados do satélite Gaia, da ESA (Agência Espacial Europeia), é difícil não se encantar. Em meio a sua enorme base de dados, um grupo de astrônomos acaba de estabelecer um caminho para determinar com grande precisão o destino completo do Sol, do nascimento à morte.

Sim, estrelas nascem e morrem, e o mesmo se dá com o Sol, estrela que mora no coração do nosso sistema planetário. Sabemos que ele tem 4,57 bilhões de anos (informação que podemos obter a partir da análise de meteoritos, em boa parte originários da mesma nebulosa que deu origem ao resto do Sistema Solar). Mas como é possível projetar seu passado e seu futuro? Ele muda com o tempo?

Imagem da galáxia Via Láctea feita a partir de dados obtidos pelo satélite Gaia 13.jun.2022/AFP/ESA

Essa história já está razoavelmente mapeada, e o segredo para desvendá-la é buscar estrelas que são em tudo similares ao Sol, mas têm idades diferentes. É o mais perto que os astrônomos podem chegar de obter um álbum de fotografias com a história completa do nosso astro-rei.

Onde o Gaia entra nisso? Fornecendo toneladas de "fotos", numa escala sem precedentes. Garimpando os dados do satélite (que já contêm as propriedades básicas de centenas de milhões de estrelas na nossa galáxia, a Via Láctea), o grupo liderado por Orlah Creevey, do Observatório de Côte d'Azur, na França, fez um recorte para selecionar apenas as que têm massa e composição química similar à do Sol, mas as mais variadas idades. Nessa peneirada, terminaram com 5.863 estrelas.

É isto: o Gaia produziu uma lista de quase 6.000 estrelas que são "análogos solares", astros que, ao menos em alguns parâmetros básicos, são tão parecidos com o Sol quanto possível (não chegam a ser todas elas "gêmeas solares", virtualmente indistinguíveis da nossa estrela, mas decerto há várias delas no grupo).

E aí passado e futuro se desenham sozinhos. Começando com uma temperatura superficial mais baixa que a atual, o Sol vem gradualmente aumentando de temperatura com o passar dos bilhões de anos. Em algum ponto ao redor dos seus 8 bilhões, essa tendência vai se inverter: ela passará a esfriar, enquanto incha e continua a aumentar de brilho, até, aos 11 bilhões de anos, se tornar uma gigante vermelha, com mais de cem vezes o diâmetro atual (nesse processo, engolirá Mercúrio, Vênus e a Terra).

Por fim, quando a capacidade de gerar energia interna se esgotar, o Sol ejetará suas camadas exteriores e restará apenas um núcleo ultradenso em resfriamento, cadáver que os astrônomos chamam de anã branca.

A principal contribuição do Gaia, para além dessa história, está nos detalhes que a identificação de milhares de estrelas análogas podem revelar. Todas têm sistemas planetários? Sua rotação é igual? De posse da lista de alvos, os astrônomos poderão olhar cada uma delas com especial atenção e desvendar o que há em comum e diverso entre todas as estrelas de tipo solar.

FOTO DE MARIPOSA COBERTA DE PÓLEN É UMA DAS SELECIONADAS EM PRÊMIO INTERNACIONAL DE IMAGENS DA NATUREZA
'Pretty in pollen' (linda em pólen, em português) levou o segundo lugar na categoria 'mundo pequeno' do concurso Nature TTL Photographer of the Year 2022. Ela é uma compilação de imagens sobrepostas em foco, de autoria de Tim Crabb. O registro foi feito em Devon, no Reino Unido. Tim Crabb/ Nature TTL

Roupa que imita corpo nu é a 'mais quente' do momento

SÃO PAULO Com o corpo ocupando cada vez mais o protagonismo na escolha dos looks, o 'naked dress' (vestido nu, em tradução literal) se tornou a roupa "mais quente" do momento, segundo a Lyst Index, plataforma de pesquisa do mercado da moda.

As peças, que, como o nome entrega, simulam um corpo nu, são as mais procuradas entre as mulheres e ficaram atrás apenas de alguns acessórios como a bolsa da Diesel e o tênis da colaboração entre Adidas e Gucci.

O vestido sensação do momento é uma criação da marca de luxo Jean-Paul Gaultier com a artista Lotta Volkova. A peça está fora de estoque no site oficial da grife italiana. Quem conseguiu comprar uma teve de desembolsar € 590, o que equivale a cerca de R$ 3.074 na cotação atual. Apesar do sucesso de hoje, o vestido nu e o conceito da peça não são inéditos.

No ano de 2014, o look foi apresentado pela Gaultier na coleção de outono/inverno. Na época, a modelo apareceu na passarela com a peça coberta por um sobretudo e uma máscara de látex, tendência vista em desfiles da Balenciaga.

No Brasil, a cantora Anitta, 29, já utilizou uma peça com o conceito do vestido nu. Em março, ela compartilhou uma foto em que vestia uma regata com desenho de um busto e uma saia transparente. "Tu só está fazendo porque eu fiz primeiro", escreveu ela.

Modelo usa peça do estilo 'naked dress' @jeanpaulgaultier no Instagram

ACERVO FOLHA | **Há 100 anos** **15.ago.1922**

Melhora o estado de saúde de Ruy Barbosa, que recupera a consciência

O estado de saúde do senador Ruy Barbosa — que passou mal no sábado (12) com uremia (concentração de substâncias tóxicas no sangue que normalmente seriam eliminadas pelos rins na urina) — continua a apresentar sensíveis melhoras.

Com a evolução, o médico Miguel Souto julga que o eminente brasileiro está quase fora de perigo de perder a vida.

O político, que recebeu a extrema-unção, recuperou a consciência, passando a reconhecer as pessoas que o assistiam no tratamento. Ele conversou com a sua mulher e seus filhos em torno do leito e disse: "Trabalhem pela pátria e cultivem a virtude".

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Folha da Noite

É o fim do jejum

Cantora Priscilla Alcantara deixa o gospel, volta a fazer shows depois de dois anos e afirma que ódio bolsonarista não é cristão

A cantora Priscilla Alcantara

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Em geral, Priscilla Alcantara resiste bem à dor, mas desta vez não deu. Pediu uma pomada anestésica para tatuar uma palavra na parte interna dos lábios — "amar".

Já perdeu a conta de quantas tatuagens tem. A nova ela fez às vésperas de quando lançou o single "Você Aprendeu a Amar?", dueto com Emicida, composto pela dupla junto a Lucas Silveira, da banda Fresno. Aqui foi o contrário —foi preciso uma pandemia para que a paulista de 26 anos se sentisse menos anestesiada com o que rolava ao seu redor.

Vinha em ritmo frenético com uma carreira de sucesso na música gospel, até levar uma paulada da crise da Covid-19. "Aí o mundo de todo mundo parou. Olhei para os lados e vi muita coisa horrível. Onde eu estava pelo meu próximo quando tudo isso estava acontecendo com ele?"

Ela, que é evangélica, conta que começou a se interessar por causas sociais. Confrontou "a própria hipocrisia" porque se dizia temente a Deus, "mas estava sempre com pressa, cega pela religião, talvez".

Naquele maio de 2020, as polícias americana e brasileira assassinaram George Floyd e João Pedro. Foi quando escreveu a letra que lembra as duas vítimas de violência policial e fustiga o cristão que nada faz diante de injustiças afins.

São versos como "a incoerência da fé/ que diz 'Deus é amor'/ e esconde esse Deus/ em nome do temor", e "eu já vi tanta gente/ que dizia saber curar/ passando reto/ por quem só sentia dor". Ela diz que a maior crítica, na canção é a ela mesma. Muita gente, contudo, viu ali indiretas a pares cristãos, sobretudo àqueles sentados na cabeceira do poder evangélico.

> **Meus pais falaram para mim 'você tem esse sonho, está conseguindo realizar, e igreja tem várias'. Escolhi meu sonho. Sabia que Deus estava comigo naquilo**
>
> **Priscilla Alcantara**
> cantora

Coqueluche da juventude bolsonarista, o vereador Nikolas Ferreira, do PL de Belo Horizonte, é da mesma idade e religião que Alcantara, e isso é tudo o que eles têm em comum. Ele reproduziu numa rede social a foto do "amar" que ela escreveu dentro da boca e resgatou o desenho que o grande nome do pop tatuou próximo ao ânus. E insuflou que "pelo visto não é só a Anitta que faz tatuagem onde sai merda".

Alcantara diz que prefere "nem gastar energia" com Ferreira e os que subscrevem essas "palavras anticristãs". "São coisas que não fazem sentido na minha cabeça. É impossível entender como existe lógica num Deus que é amor, mas com palavras de ódio."

Não foi só a transição da cena gospel para um pop cheio de roupa justa que irritou um quinhão do segmento evangélico que passou a ver a artista como ovelha desgarrada.

Também incomodou o fato de Alcantara ter tachado de "podre" a opinião de Bruna Karla, uma cantora gospel que se gabou de ter declinado convite para o casamento de um amigo LGBTQIA+.

Continua na pág. C2

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

ALERTA MÁXIMO

Um relatório inédito feito pelo Observatório Judaico dos Direitos Humanos no Brasil mostra que as ocorrências de episódios neonazistas no país praticamente têm dobrado a cada ano sob o governo do presidente Jair Bolsonaro (PL).

CRESCENTE Desde 2019, a entidade contabilizou 114 eventos desse tipo. Se naquele ano houve ao menos 12 ocorrências neonazistas, no ano seguinte foram identificadas 21 delas, em 2021, 49, e, no primeiro semestre deste ano, 32. Segundo os autores do documento, não é esperada uma tendência de queda até o fim de 2022.

LISTA Foram considerados episódios neonazistas aqueles que fizeram referências explícitas a Adolf Hitler, ao nazismo ou ao holocausto, incluindo fatos e símbolos do regime. Declarações que negaram a ocorrência do extermínio em massa ou que afirmaram que o nazismo foi um movimento de esquerda também foram contabilizadas.

PERMANÊNCIA Já os eventos antissemitas—dirigidos especificamente a judeus— apresentaram um crescimento menos expressivo. Foram 12 ocorrências em 2019 e em 2020, 18 no ano passado e 11 no primeiro semestre de 2022.

LUPA Os casos foram contabilizados a partir de notícias divulgadas pela imprensa e de ocorrências em redes sociais.

SINAIS "Esse crescimento sinaliza a gravidade de um processo que, em nosso país, atinge sobretudo os grupos que historicamente sofrem racismo estrutural. Na Alemanha nazista, o foco principal foram os judeus. No Brasil, as vítimas são os povos indígenas e afrodescendentes", diz o estudo.

TRAGÉDIAS Entre os eventos mais graves apontados pelo grupo estão ataques a escolas como o ocorrido na cidade de Suzano (SP), em 2019, e em Saudades (SC), em 2021. Além de resultar em mortes, os episódios deram origem a investigações que desvendaram ligações de seus autores com grupos neonazistas na internet.

TENSÃO Os dados, segundo o Observatório Judaico dos Direitos Humanos no Brasil, "alertam para a normalização da desumanização e a licença para a violência característica do nazismo". O grupo foi criado em 2018, após as eleições, por judeus preocupados com o que entenderam como a "ascensão política no país de um projeto de extrema direita".

NÃO VOU O presidente Jair Bolsonaro (PL) recusou um convite da seccional de São Paulo da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) para apresentar suas propostas e falar sobre o pleito deste ano. A entidade tem definido o evento como uma oportunidade para que pré-candidatos ao Planalto possam colaborar com o combate à desinformação.

ESTAREI LÁ A negativa do chefe do Executivo não foi acompanhada por uma justificativa, segundo a OAB-SP. Na próxima quinta (18), a série de debates será aberta com a pré-candidata do MDB à Presidência, Simone Tebet. Os pré-candidatos Lula (PT) e Ciro Gomes (PDT) já confirmaram presença.

CASA NOVA

Fotos Ronny Santos/Folhapress

O secretário estadual da Saúde de São Paulo, Jean Gorinchteyn **1**, participou do coquetel de inauguração da Maternidade São Luiz Star, no Itaim Bibi, em São Paulo, na quarta (10). O presidente do conselho de administração da Rede D'Or São Luiz, Jorge Moll **2**, e o presidente da Oncologia D'Or, Paulo Hoff **3**, estiveram lá

SOM Uma das últimas entrevistas concedidas pelo funkeiro Mr. Catra antes de sua morte, em setembro de 2018, poderá ser vista na série documental "Funk.Doc: Popular & Proibido". A produção em seis episódios contará também com depoimentos de nomes conhecidos do gênero, como Ludmilla e Kondzilla.

SOM 2 Com direção de Luiz Bolognesi, a série estreia no dia 30 deste mês na HBO Max e no canal HBO.

CORDA BAMBA O diretor da Open Society Foundations para a América Latina e o Caribe, Pedro Abramovay, e a pesquisadora e professora da FGV (Fundação Getulio Vargas) Gabriela Lotta lançarão o livro "A Democracia Equilibrista — Político e Burocratas no Brasil". A obra traz depoimentos dos ex-presidentes Lula (PT) e Fernando Henrique Cardoso (PSDB), que serão publicados na quarta capa da obra.

ASSINO EMBAIXO Para o petista, o livro "traz uma reflexão indispensável para quem luta por um Brasil justo". Já FHC diz que os autores "oferecem uma contribuição original e relevante para entendermos como buscar o equilíbrio instável em nossa construção democrática". A obra sai em setembro deste ano, pela editora Companhia das Letras.

TROFÉU As artistas Célia Tupinambá e Igi Ayedun são as vencedoras da 10ª edição da Bolsa de Fotografia ZUM/IMS, incentivo artístico promovido pela ZUM, revista de fotografia do IMS (Instituto Moreira Salles). Elas receberão uma ajuda de custo no valor de R$ 65 mil, destinada ao desenvolvimento dos projetos.

ÁLBUM As obras finais das artistas serão incorporadas à coleção de fotografia do instituto.

com Bianka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith

A cantora Priscilla Alcantara Reprodução/Instagram/@priscillaalcantara

É o fim do jejum

Continuação da pág. C1

Bruna Karla havia recusado o convite do amigo por considerar que os gays estão "no caminho da morte eterna".

Alcantara tem um posicionamento político claro e acha bom que seja assim. "As pessoas sabem que eu odeio esse governo, que não vou votar no Bolsonaro." Tem simpatia por Marina Silva, ex-presidenciável que neste ano deve concorrer a deputada federal, mas acredita que, numa eleição tão polarizada como a atual, há algo maior em pauta. Uma piscadela para Lula.

Ela inclusive anunciou, meses atrás, que nunca mais cantaria "Liberdade", hit de sua fase gospel. O motivo é que Bolsonaro havia usado a música de trilha num post. "Gente, o que eu fiz de tão errado para merecer isso?", a compositora comentou abaixo de um print da curadoria presidencial.

Segundo ela, é "inerente ao artista ser uma voz", e aqui se lembra de Leonardo Gonçalves, cantor evangélico de esquerda que continua no gospel. Mas se lembra também de Anitta.

Um dos livros prediletos de Alcantara é "A Arte e a Bíblia", em que o teólogo Francis Schaeffer encoraja cristãos a adorar a Deus por intermédio da arte. "Ele falava que, dentro de uma sociedade, o artista é a pessoa que mais tem chance de mudar uma cosmovisão. E é verdade, olha a força cultural de Anitta. Estamos falando de formar cabeças."

Ela não gosta de rótulos prontos, todavia. "Jesus é meu pilar, minha família é meu pilar. No final do dia, não paro e penso —fui cristã progressista hoje? Só quero saber se fui coerente com a minha fé."

Alcantara tem quilometragem no meio artístico, religioso ou não. Frequentava uma igreja adventista de Itapecerica da Serra, na Grande São Paulo, com a família quando participou de um concurso musical do SBT sob a batuta de Celso Portiolli. Cantou Rouge e Wanessa Camargo.

Silvio Santos aprovou e pôs a menina para comandar o matinal Bom Dia e Cia ao lado de Maísa e Yudi Tamashiro. Alcantara às vezes ganhava broncas do patrão, que podia encrencar com roupas que deixavam sua barriga de fora.

Ainda criança, quando despontou no gospel, bateu de frente com a inflexibilidade de alguns irmãos evangélicos. "Com oito anos de idade, tive minha primeira treta com a igreja", diz, rindo. "Chegou ao ponto de ter que decidir entre cantar na TV ou continuar na igreja. Eu e minha família fomos meio que colocados contra a parede pelos pastores."

Não foi uma escolha difícil. "Meus pais falaram para mim 'você tem esse sonho, está conseguindo realizar, e igreja tem várias'. Escolhi meu sonho. Sabia que Deus estava comigo naquilo. E que eu ia encontrar uma outra igreja."

Alcantara já transitou por denominações como Bola de Neve e Renascer em Cristo. Hoje está numa igreja menor. Também gosta da ideia de células cristãs, como as que a amiga Bruna Marquezine promove em casa. Nesses encontros caseiros, discutem fé de forma "free style" ou com a ajuda de um pastor convidado. "É muito difícil encontrar uma igreja onde a gente, pessoa pública, se sinta à vontade", diz. "Às vezes ficam observando muito, rola um desconforto."

Ela está pisando em território novo. Estava há mais de dois anos sem fazer show, por causa da pandemia, mas também da metamorfose pela qual passou, do gospel para o pop secular —o que fez com incentivo de Iza e Gloria Groove.

O jejum acabou no início do mês, quando estreou em Salvador seu novo espetáculo, que chegou na última sexta-feira a São Paulo. Passaria ainda por Porto Alegre, na casa Opinião; Belo Horizonte, no espaço Distrital; e em 1º de outubro no Vivo Rio. Em 11 de setembro, a veterana de apresentações na Marcha para Jesus estreia no Rock in Rio.

Ela sabe que deve muito dessa fase ao The Masked Singer Brasil, reality musical da Globo que pôs famosos para cantar com fantasias, de modo que ninguém sabia quem eram. O unicórnio, identidade secreta de Priscilla Alcantara, venceu no ano passado.

Ela achou uma "ótima metáfora" para o que sempre sonhou, "ser reconhecida apenas pela voz", sem letreiros prévios, como "veja aqui a crente", ou "olha só a crente desviada". Tem como meta ser a maior solista que o Brasil já viu. "Quando pensarem em voz, quero que pensem em mim."

E que sua crença não dite os rumos artísticos que deva tomar. "Quero que percebam que está tudo bem, você não precisa abrir mão da sua fé e que cantar outra música não é sinônimo de falta de fé. Não tem outra palavra mais doce, mas isso é um pensamento burro."

Com seu violão, João Camarero se destaca entre solistas do país

Músico já compôs com alguns dos grandes nomes da MPB, como Paulo César Pinheiro e Cristovão Bastos

Carlos Bozzo Junior

SÃO PAULO Apontado como sucessor do violonista Raphael Rabello, João Camarero Duarte, de 32 anos, rebate a afirmação. "Raphael é um ídolo, um gênio absoluto. Não toco nem vou tocar metade do que ele tocou. Claro que me sinto lisonjeado, mas ele é um farol", diz.

Como Rabello, Camarero compôs com grandes nomes da MPB, como Paulo César Pinheiro e Cristovão Bastos, além de se apresentar em salas de concerto pelo mundo.

Em termos de sonoridade, em que ele difere de Rabello? "Raphael tinha uma sonoridade um pouco mais 'áspera', mais ligada ao violão popular brasileiro e ao flamenco. Eu busco um som um pouco mais redondo, que está mais atrelado ao violão clássico."

Diferentemente de Rabello, que era fluminense de Petrópolis, Camarero é paulista de Ribeirão Preto. Ele se mudou com a família aos cinco anos de idade para Avaré, também no interior do estado, e com 20 anos foi para o Rio de Janeiro, onde morou até 2020. Atualmente, reside em São Paulo, para onde veio por causa da pandemia e do trabalho.

As primeiras lembranças de Camarero relacionadas à música estão ligadas a sensações. "São mais lembranças de um ambiente do que propriamente de um fato específico. Lembro-me de sentar com meu pai para ouvir, de ficar atônito em meio a uma roda de violão e do cheiro do piano da casa da minha tia-avó Lenita, a primeira pessoa que percebeu minha inclinação."

Seu primeiro instrumento foi um pianinho elétrico. Com oito anos, Camarero ouvia o que os pais escutavam. "Era Milton Nascimento, Gilberto Gil e Tom Jobim, entre outros. Meu pai também gostava de música clássica, especialmente Mozart", diz o músico, que teve como professora a pianista e cantora Lucila Novaes, do Trovadores Urbanos.

Dos 12 aos 14 anos, o músico tocava bateria numa banda de rock. "Depois disso, fui para o violão, já com um repertório voltado para a música brasileira. Foi quando mergulhei no universo do choro", conta o músico, que teve como professores os violonistas Daniel Pereira e Teixeira de Abreu, responsáveis por chamar a sua atenção para a importância do estudo e da dedicação.

Retrato do músico João Camarero Gil Inoue/Divulgação

O violão de sete cordas entrou em sua vida, em 2006, depois que ele ouviu o mestre Dino Sete Cordas, no mesmo ano em que o violonista, nascido em 1918, morreu. Entrou no Conservatório de Tatuí, no interior de São Paulo, com 17 anos, mas saiu depois de um ano. "As maiores lições que tive vieram da convivência com pessoas de diferentes universos, o que me encaminhou para onde eu queria ir."

Instalado no Rio de Janeiro, Camarero ingressou na Escola Portátil de Música, instituição com cursos livres. "O tempo que fiquei lá se confunde com o tempo que também trabalhei lá, de 2012 até 2018", diz o músico, que passou de aluno a professor da escola.

Lá recebeu a orientação do consagrado violonista alagoano João Lyra, para desenvolver trabalho como solista. "Foi uma pessoa que abriu muito minha cabeça musicalmente."

A discografia de Camarero, que já tocou com Maria Bethânia e Dori Caymmi, conta com três álbuns —"João Camarero", de 2016, "Vento Brando", de 2019, e "Gentil Assombro", de 2022. Do último, destaca a faixa "Dança Brasileira", de Radamés Gnattali. "É uma peça desafiadora tecnicamente. Mais que isso, o desafio é manter o sabor do balanço que ela oferece sem torná-la burocrática."

Quando perguntam sobre o que as pessoas devem ter em mente ao escutarem "Gentil Assombro", responde "talvez ouvir sem nada em mente e deixar que a música leve para onde a sua mente quiser".

Hanson vem ao Brasil se esquivando de política

Isaac, irmão mais velho do trio, diz que não gritaria 'fora, Bolsonaro' e não gostaria que um brasileiro pedisse 'fora, Biden'

Bruno Cavalcanti

SÃO PAULO Ao perceber que faria 30 anos de carreira, o cantor e multi-instrumentista Isaac Hanson diz que viu na data a oportunidade perfeita para pôr em prática o antigo desejo de gravar um disco solo.

Integrante do trio Hanson, um dos fenômenos da música pop no final da década de 1990 com o hit "MMMBop", o músico pensou que a maturidade dava a chance de pôr seus próprios anseios e dúvidas no mundo por meio da música.

A verdade, contudo, é que Isaac não gostaria de se separar dos irmãos no processo de conceber um disco. Assim nasceu "Red Green Blue", álbum em que cada membro do trio assina um terço das faixas, resultando num trabalho solo de cada integrante.

"A ideia está relacionada ao nosso processo de amadurecimento. Eu notava que as canções que um compunha, mas outro cantava, ganhavam nuances muito diferentes e isso enriqueci. Cada um empurrou o outro para um caminho musical diferente", conta Isaac.

O álbum veio acompanhado de uma turnê mundial iniciada em junho na Finlândia. O grupo chega ao Brasil em outubro, para uma série de apresentações em sete cidades.

O retorno acontece cinco anos depois da última passagem da banda pelo país. Apesar da temperatura política, o músico afirma que a banda prefere se afastar de qualquer assunto que não envolva essencialmente a música.

"Política não é um assunto edificante, está cheia de corrupção e ego. Acho que há bons líderes no Brasil, mas há aqueles que só fazem o que acham melhor para eles mesmos, então temos que tomar cuidado com o que misturamos com nossa vida", diz Isaac Hanson.

"Tenho minhas opiniões, mas prefiro encorajar as pessoas a pensar por si próprias. Música e política não deveriam ter envolvimento", completa.

O músico se diz surpreso ao saber que, num show no país, o ex-Pink Floyd Roger Waters chamou Bolsonaro de fascista.

"Não poderia dizer um 'fora, Bolsonaro' de forma apropriada porque não entendo da política do Brasil. E talvez algumas pessoas estejam do lado oposto, então acredito na comunhão pela música", diz.

"Eu não gostaria de ver um artista brasileiro por quem tenha uma admiração, no palco dizendo 'fora, Joe Biden', ou 'fora, Trump', não seria apropriado, seria rude até. Precisamos lidar com os problemas da forma que sabemos, e, no meu caso, é tocando a alma e o coração das pessoas."

Aos 41 anos de idade, o irmão mais velho dos Hanson diz estar num momento de contemplação e análise, principalmente sobre seu papel no mercado do pop. Embora a banda tenha passado pelo estrondoso sucesso mundial, Isaac acredita que o melhor momento de sua carreira é agora, quando se sente mais disposto a criar. Entretanto, diz, envelhecer no mercado não é simples.

Os irmãos Zach, Taylor e Isaac, do Hanson Jonathan Weiner/Divulgação

"É claro que é difícil se perguntar: E aí? Para onde foi tudo isso? Ao mesmo tempo você enxerga o dia de hoje e vê que existe um novo público, pessoas muito interessadas em ouvir o que você tem a dizer, e é isso que realmente vale, sabe? É claro que não tocamos mais nas rádios como antes, mas acho isso normal."

Quando questionado se a falta de espaço nas rádios seria um caso de etarismo, o cantor é categórico ao negar a ideia. "É claro que existe e é claro que é muito difícil, principalmente para as mulheres, mas acho que se trata do tipo de música que você faz."

Em 2018, Madonna afirmou que rádios não tocavam suas músicas por considerar que ela estava velha aos 60 anos. Isaac suaviza. "Não acredito que ela, Cyndi Lauper, Britney ou qualquer uma dessas cantoras tenha do que reclamar. Elas fizeram carreiras brilhantes. Mas não é mais possível fazer música para pessoas de 20 anos sendo que se tem 40, 50, 60. É preciso saber envelhecer, e é essa paz que eu busco."

A turnê chega ao Brasil no dia 11 de outubro para uma apresentação em Porto Alegre. Depois, passa por Curitiba, Ribeirão Preto, , São Paulo, Uberlândia, em Minas Gerais, Brasília e Rio de Janeiro.

Red Green Blue

Artista: Hanson. Gravadora: 3CG Records. Nas plataformas digitais. Turnê com shows em outubro no Brasil e ingressos a partir de R$ 680 no link bit.ly/3Qq9uSy 16 anos

Britney Spears prepara seu retorno à música com um disco feito como revanche

SÃO PAULO Depois de passar 13 anos sob a tutela de seu pai, Jamie Spears, e de conseguir se libertar do que considerou um processo abusivo, Britney Spears voltou a trabalhar em um disco, o primeiro desde o elogiado "Glory", de 2016.

De acordo com a revista Globe, a artista já começou a compor e a pedir canções para parceiros. O álbum seria uma forma de a popstar se vingar pelos anos que passou sob a tutela, da qual se liberou em novembro do ano passado.

De acordo com fontes da publicação, o novo álbum significará uma ruptura de estilo na trajetória da cantora pop.

"Britney nem sempre se opôs a fazer música. Ela foi emocionalmente prejudicada pela forma como foi usada para ganhar dinheiro e só foi autorizada a se apresentar com um estilo específico, e com músicas bregas de que seu pai gostava", diz a revista.

O primeiro passo para o novo caminho musical de Britney Spears deve ser a gravação e o lançamento de "Tiny Dancer", sucesso de Elton John, de 1971, que deve sair em novo dueto dela com o cantor.

Em paralelo aos movimentos na música, a artista também pretende lançar um livro de memórias, em que relata o período em que permaneceu sob a tutela de seu pai, a relação conflituosa com a família e os motivos que a levaram a ter um ataque de nervos no ano de 2007, gerando uma superexposição pública, com ataques a paparazzi e um acesso de raiva que a levou a raspar os cabelos.

À época, os problemas a levaram a gravar "Blackout", álbum considerado ainda hoje pelos fãs um dos melhores de sua trajetória como princesa da música pop americana.

Em recuperação, Salman Rushdie já consegue falar, diz o seu agente

SÃO PAULO Depois de ser extubado no sábado, o escritor Salman Rushdie já está falando e brincando, disse seu agente, Andrew Wylie. Um dos filhos do autor, Zafar comemorou nas redes sociais. "Apesar da gravidade de seus ferimentos, de vida ou morte, seu senso de humor briguento e insolente permanece intacto", escreveu em seu perfil no Twitter.

Rushdie foi esfaqueado na última sexta-feira, quando se preparava para dar uma palestra numa instituição no interior do estado de Nova York. O agressor foi identificado pela polícia como Hadi Matar, americano de 24 anos que foi acusado de tentativa de homicídio pela promotoria local.

Em 1989, um ano após publicar o livro "Os Versos Satânicos", o autor anglo-indiano passou a ser vítima de perseguições. Isso porque o aiatolá Khomeini, então em poder no Irã, respondendo a uma consulta de um fiel, afirmou que Rushdie deveria ser morto por blasfemar contra a fé islâmica.

O romance "Os Versos Satânicos" traz passagens consideradas ofensivas aos muçulmanos e à figura de Maomé.

Rushdie já sofreu outras atentados desde que o edito de Khomeini foi proferido. Ainda não está claro se Matar foi influenciado pelo decreto.

Apesar da melhora no quadro de saúde, o autor ainda pode perder um olho e foi muito ferido no queixo e na barriga, tendo o seu fígado atingido. Segundo a promotoria, ele levou ao menos dez facadas.

Mundo Bita Invertido

Ser fã de terror é encarar coisas mais estranhas na política e na fazendinha

Bia Braune
Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

Juro pela menininha que foi sugada pelo Poltergeist para dentro da TV. Pelos pesadelos terríveis com Freddy Krueger ocupando a outra metade do travesseiro. Pela perna dos adolescentes que Jason puxou para o fundo do lago numa sexta-feira 13. Pelo...

"Que é isso, mãe? Todo mundo sabe que você tem medo é de pato."

Não, perai. Terror é coisa séria. Principalmente quando se vive no Brasil, por entre tantas ameaças tenebrosas. O fim do Estado do Direito, uma possível reeleição presidencial em outubro e outras invocações do mal.

No entanto, desde que meu filho voltou das férias escolares enlouquecido pelo gênero e viciado em "Stranger Things", passei a ser humilhada por um guri que até pouco tempo atrás cantava a música da fazendinha. Fazer o quê? É verdade, não posso negar. Tenho mais nervoso de bichos como patos e marrecos, incluindo aí os de Maringá, do que de Demogorgons, Vecnas e Devoradores de Mentes.

O que me salva é não estar sozinha nesse ridículo. Outro dia, desviando tensa de dois cisnes que vinham em minha direção enquanto tomava sol no parque, uma senhora soturna se aproximou para segurar minha mão. "Eles estão aqui", disse. "Vambora, minha filha." E imediatamente iniciou-se uma debandada: a gente e mais uns sete adultos, escapando agora de um ganso.

Ao decidir expor minha patologia, descobri temores da mesma natureza, inclusive entre os amigos mais safos e trogloditas. "Não posso ver galinha, ô bicho do olho separado." "O maior pavor da minha vida é levar corrida de vaca." "Me chama para rever 'O Exorcista', mas me afasta do porquinho Babe." Ou seja: somos habitantes de uma dimensão paralela, uma espécie denMundo Bita Invertido.

Peixes também não me falam ao coração. Desarmada e indefesa, fui atacada por eles em duas ocasiões. No jardim da firma, quando uma carpa resolveu dar seu duplo twist em cima de mim, que estava sentada quieta na beira do espelho d'água. E fazendo compras de madrugada num supermercado deserto, quando um atum enorme e totalmente falecido escorregou de sua montanha de gelo direto no meu pé.

Urbanos demais? Medrosos demais? Que eu saiba, Alfred Hitchcock não fez "Os Pássaros" à toa. "Já pensou? Aquilo ali numa versão brasileira com pombo???" Bichos de qualquer espécie podem ser horripilantes, sim. Tanto que uma das cenas mais apavorantes que já arrombaram nossas retinas foi a de um homem no poder, mostrando uma caixa de cloroquina a uma ema. "Pânico" perde — e de longe.

Marcelo Martinez

|DOM. Ricardo Araújo Pereira |SEG. Bia Braune |**TER. Manuela Cantuária** |QUA. Gregorio Duvivier |QUI. Flávia Boggio |SEX. Renato Terra |SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Julia Duailibi e Tiago Eltz estão no comando de jornal vespertino

GloboNews Mais
GloboNews, 16h, livre
Dia de estreias no canal. Das 16h às 18h, entra no ar GloboNews Mais, apresentado a partir dos estúdios em São Paulo por Julia Duailibi e Tiago Eltz. O novo telejornal promete mais bastidores da notícia e mais análises políticas. Às 18h, é a vez de Central das Eleições - Pesquisas e Análises, sob o comando de Natuza Nery. O programa será semanal em agosto e diário a partir de 5/9. Nesta segunda (15), a GloboNews também lança sua nova identidade visual.

Dupla Jornada
Netflix, 16 anos
Jamie Foxx faz um caçador de vampiros que precisa ganhar muito dinheiro em apenas uma semana. Dave Franco e Snoop Dogg também estão no elenco desta comédia com toques de terror.

Power Book 3: Raising Kanan
Starzplay, 16 anos
A série que conta o início de Kanan Stark na vida de criminoso chega à segunda temporada. Um novo episódio é lançado todo domingo.

Páginas da Vida
Globoplay, 14 anos
Mais novela antiga chega na íntegra à plataforma. Exibida entre 2006 e 2007, a trama de Manoel Carlos aborda o tema da síndrome de Down. Com Regina Duarte e Lília Cabral.

Snoopy apresenta: A Escola de Lucy
Apple TV+, livre
Neste especial em animação com a turma do Charlie Brown, Lucy resolve bancar a professora, mas descobre que dar aulas não é fácil.

Roda Viva
Cultura, 22h, livre
Dando prosseguimento a uma série de entrevistas com os quatro primeiros colocados na corrida presidencial das eleições deste ano, o convidado da semana é o ex-ministro e ex-governador do Ceará Ciro Gomes, do PDT. Lula e Bolsonaro ainda não confirmaram se irão ao programa.

Criança Esperança
Globo, 22h35, livre
Marcos Mion, Paulo Vieira, Tadeu Schmidt e Taís Araujo comandam a 37ª edição do programa beneficente. Entre as atrações musicais estão Gloria Groove, Ludmilla, Maria Bethânia e Zeca Pagodinho.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto art.br/fsp

FÁCIL

	7				2		6	
2		5	6	7				
				8		9		
			7					8
6	5						4	3
7					8			
		4		1				
				9	7	1		4
	8		4				3	

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Ave de grande porte, se alimenta de animais mortos / As iniciais do compositor Barbosa (1910-1982), de "Trem das Onze" **2.** Um paraíso turístico / Erva cuja raiz, branca ou roxa, é usada na alimentação **3.** Uma tecla dos PCs / Urutu ou jararaca **4.** Diz-se de certo arame usado em cercas **5.** Um nome intermediário do ídolo argentino Maradona **6.** Ficar maluco **7.** Panqueca com variados recheios doces ou salgados / Praticar um movimento corporal **8.** Matéria-prima para a produção do fio para tecidos raiom e também para celofane **9.** Livre de taxas, impostos etc. / As letras que cercam o U **10.** (Quím.) O lítio / Riozinho **11.** Um exame do MEC / Bacilo Calmette-Guérin, a vacina contra a tuberculose **12.** Sigla em inglês da Organização do Tratado do Atlântico Norte / Pão de milho feito com massa fermentada **13.** Reação exagerada de um organismo para alimentos ou remédios.

VERTICAIS
1. Sufocação / Nascida em Antofagasta ou Concepción **2.** Uma guloseima como a Chita ou a 7 Belo / Agildo Ribeiro (1932-2018), ator e humorista carioca / (Por) A propósito **3.** Pequeno avião de concepção simplificada / Advérbio que significa no máximo **4.** Uma variação de tu / Um que paga para que alguém pratique atos ilícitos **5.** Pequena cidade do sul de Minas Gerais **6.** Tornar nodoso / A da neve é branca / Campeonato vencido por um indivíduo por duas vezes **7.** Rico, endinheirado / O resultado de um trabalho **8.** Abreviatura do mês 4 / Que age ou funciona com energia **9.** Mexerico / Cancelar, anular os efeitos (de uma lei).

HORIZONTAIS: 1. Abutre, AB, **2.** Bali, Nabo, **3.** Alt, Cobra, **4.** Farpado, **5.** Armando, **6.** Aloprar, **7.** Crepe, Dar, **8.** Viscose, **9.** Isento, TV, **10.** Li, Arroio, **11.** Enade, BCG, **12.** Nato, Broa, **13.** Alergia. **VERTICAIS: 1.** Abafo, Chilena, **2.** Bala, Ar, Sinal, **3.** Ultraleve, Até, **4.** Ti, Propinador, **5.** Campestre, **6.** Enodar, Cor, Bi, **7.** Abonado, Obra, **8.** Abr, Drástico, **9.** Boato, Revogar.

Ricardo Cammarota

Os idiotas digitais e os clássicos

O enxame dos bons é constituído pelos idiotas do bem

Luiz Felipe Pondé
Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

Na semana passada, nesta coluna, fiz referência a uma categoria típica da fauna dos tais imbecis aos quais Umberto Eco (1932-2016) fez referência quando falou da catástrofe da inteligência nas redes sociais.

"As redes sociais deram voz aos imbecis." A afirmação pode ser vista como um canto do cisne melancólico ou um enunciado de profunda percepção do contemporâneo. Ou as duas coisas ao mesmo tempo.

Lembro quando, nos anos 1990, o historiador francês Jacques Le Goff (1924-2014) me falou, numa entrevista para o jornal O Estado de S. Paulo, do seu temor de que a cultura ocidental estivesse à beira de uma crise profunda por causa do lixo americano crescente que começava a soprar.

Tanto um quanto o outro, no meu entendimento, estavam corretos em seus sentimentos melancólicos e em suas análises do contemporâneo.

Perguntaram-me: o que é o idiota digital do qual falei na coluna passada nesta Folha *e qual é a sua relação com os clássicos? Vejamos algumas frases típicas que podem ajudar a identificar um idiota digital falando de um grande clássico. Em seguida, proporei algumas poucas ideias de por que um grande clássico é um grande clássico.*

Como reconhecer um idiota digital falando de clássicos?

"Estava lendo 'X' — 'X' aqui sempre igual a um título de algum clássico — e vi uma frase racista! Oh! Imediatamente pus o livro de volta na estante e nunca mais vou abrir esse livro horroroso." "Estava lendo 'X' para meu filho e vi uma frase sexista! Oh! Fechei o livro na hora e disse para ele reclamar na escola por ter adotado esse livro horroroso." "Estava lendo 'X' e tinha um trecho em que pessoas foram mortas numa batalha! Oh! Botei de volta na estante e nunca mais vou olhar para esse livro horroroso!" Mas deixemos de lado essas bobagens. Passemos ao que interessa.

Friedrich Nietzsche (1844-1900) disse que a intimidade com os clássicos nos deixa céticos. E que essa intimidade seria a única salvação para a miserável educação moderna. O que isso quer dizer?

A leitura de um clássico pressupõe a suspensão de qualquer juízo moral da moda para consumo, que é o único tipo de ética disponível para os idiotas digitais em busca do sucesso. Eis o ceticismo.

Um clássico, quando lido sem o filtro de qualquer autoestima ou narcisismo, faz sentir ódio, desprezo, encanto, vontade de matar, vergonha de ver em si mesmo sentimentos baixos. Inveja de quem é melhor do que você, paixão por quem lhe revela uma beleza que você desconhece em si mesmo.

A insegurança mortal do amor, a dúvida constante em relação à fidelidade da amada ou do amado. A dura descoberta da indiferença dos elementos do mundo que nos acossam de todos os lados. O choque diante do fato que um texto datado de 2.000 anos pode ser mais "avançado" do que você.

Como diz Electra na segunda peça da trilogia "Oresteia", de Ésquilo: "Onde está a alegria? Que há isento de dor? Não é invencível a desgraça?".

No espírito cunhado na filosofia nietzschiana, vemos que o ressentimento, típico dos idiotas digitais, não alcança a beleza de tal desespero essencial porque crê nos seus tuítes a favor da causa da moda, a fim de engajar patrocinadores oportunistas e seguidores anônimos.

Nada disso está ao alcance dos idiotas digitais porque eles se consideram membros do enxame dos bons. E o enxame dos bons é constituído pelos idiotas do bem. Como uma praga de gafanhotos que não se sabem gafanhotos, devoram as letras ao sabor do seu puritanismo capenga.

A leitura dos clássicos nos faz céticos, segundo Nietzsche, porque nos oferece gotas da condição extramoral a qual ele buscava. A única que nos faz ver a alma do mundo sem véus.

O escritor italiano Italo Calvino (1923-1985) dizia que um clássico nunca acaba de dizer o que tem para nos dizer. Pode ser lido e relido em momentos diferentes da vida porque o leitor, você, é outra pessoa depois que o mundo o tocou impiedosamente. E a piedade, como toda virtude, só brota num terreno que lhe é hostil.

|SEG. Luiz Felipe Pondé |**TER. João Pereira Coutinho** |QUA. Marcelo Coelho |QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres |SEX. Djamila Ribeiro |SÁB. Mario Sergio Conti

Universidade francesa quer se redimir de passado nazista

Instituição em Estrasburgo enfrenta legado de experimentos com judeus

MUNDO

Aurelien Breeden

ESTRASBURGO (FRANÇA) | THE NEW YORK TIMES Durante décadas, os alunos da prestigiada Universidade de Estrasburgo trocaram boatos de que havia restos mortais de vítimas dos nazistas, mantidos para fins anatômicos ou patológicos, espalhados pelo campus.

Havia motivo para a suspeita: quando a Alemanha anexou a região francesa da Alsácia, em 1940, investiu verba e recursos para transformá-la em um modelo de instituição nazista: a Reichsuniversität Strassburg.

Entre 1941 e 1944, os professores de medicina que ali trabalhavam forçaram pelo menos 250 pessoas retiradas de campos de concentração a passar por experimentos, alguns inclusive envolvendo armas químicas, como o gás mostarda, ou doenças fatais como o tifo. Oitenta e seis judeus foram tirados de Auschwitz e assassinados em um campo próximo para satisfazer uma coleta de esqueletos pré-planejada.

Entretanto, é muito difícil obter o relato completo do que foi cometido nesse período. "A faculdade de medicina diz que não tem nada a ver com essa história. De maneira geral, a ideia é de que 'as paredes são inocentes', independentemente do que os nazistas tenham feito dentro delas", explica Christian Bonah, historiador médico da universidade.

Só que agora essa recusa em encarar o passado está sendo contestada: em maio, a universidade divulgou um relatório de 500 páginas em que reformula completamente a visão de si mesma e afirma explicitamente o que até então só se dizia aos sussurros: o povo da Alsácia também trabalhou na Reichsuniversität; os crimes médicos cometidos pelos professores foram muitos; e a faculdade trabalhava em parceria com um campo de concentração.

O documento foi encomendado pela própria entidade, em 2016, motivada pela celeuma causada pela descoberta de restos mortais de uma vítima dos nazistas em um armário da seção de anatomia.

"Foi um esforço genuíno no sentido de conscientização da nossa história. Foi o divisor de águas. Vários ex-funcionários me procuraram depois da divulgação, chocados, alegando que a Reichsuniversität não era nossa universidade, mas mudaram de atitude assim que leram tudo. Não era um registro preto no branco como muitos pensavam", afirma Michel Deneken, reitor da universidade.

Uma equipe de estudiosos, a maioria especializada em história da medicina ou nazismo, trabalhou exaustivamente ao longo de mais de cinco anos. Desenterrou caixas de documentos e restos mortais das coleções de anatomia e patologia que, propositalmente ou não, foram deixados em porões, sótãos e depósitos do campus —e até em um teto rebaixado.

Encontraram cerca de dez mil prontuários médicos, analisaram quase 300 dissertações, mais de 150 mil páginas de arquivos e criaram uma base de dados colaborativa. "Tentamos reconstruir com todos os detalhes o funcionamento da faculdade de medicina de uma universidade altamente 'nazificada', com grande número de alunos, uma injeção robusta de verba para pesquisas e acesso a cadáveres", diz Paul Weindling, membro da comissão e professor de pesquisas da Universidade de Oxford Brookes.

O comitê descobriu que a universidade tinha laços mais estreitos do que se imaginava anteriormente com o campo de concentração de Natzweiler-Struthof, 40 quilômetros a sudoeste de Estrasburgo, onde os detentos e os transferidos de locais, como Auschwitz, eram objeto de experimentos.

Ao longo da guerra, 52 mil pessoas foram detidas ali; 20 mil morreram. Foi o único campo alemão em solo francês. "É preciso que se esclareça o que aconteceu e onde aconteceu, dentro do contexto nazista. Hoje a universidade aceita isso de boa vontade", comenta Weindling.

Mas nem sempre foi assim. Em 2015, quando um livro denunciou a existência de restos mortais de judeus na seção de anatomia, as autoridades da cadeira médica, furiosas, negaram veementemente. No mesmo ano, porém, Raphael Toledano, médico judeu de Estrasburgo que pesquisava o período nazista, encontrou uma carta escrita por Camille Simonin, professor de medicina e legista.

Este foi responsável pela autópsia em 86 judeus assassinados na câmara de gás de Natzweiler-Struthof, em 1943, a pedido de August Hirt, anatomista da universidade, para criar uma coleção de esqueletos que exemplificasse a ideologia nazista em relação à hierarquia de raças.

Os corpos foram encontrados em tanques instalados no porão do departamento de anatomia quando Estrasburgo foi libertada, em 1944. Na carta, Simonin explicou que preservara parte dos cadáveres como prova para ajudar a promotoria nos julgamentos pós-guerra. Em julho de 2015, Toledano os encontrou em uma sala, usada como depósito do instituto de medicina legal da universidade, que vivia trancada.

Devido à polêmica que a descoberta causou, foi instaurada a comissão, da qual Toledano se afastou em 2018, depois de desentendimentos internos, pois achava que a pesquisa poderia ser mais aprofundada. Mesmo assim, elogia o relatório. "Houve muita resistência; foi, literalmente, algo que permaneceu muito tempo escondido no fundo do armário, mas agora conseguiram despoluir o ar."

> “
> Houve muita resistência; foi, literalmente, algo que permaneceu muito tempo escondido no fundo do armário, mas agora conseguiram despoluir o ar
>
> **Raphael Toledano**
> médico judeu de Estrasburgo

Em 1939, conscientes da ameaça do outro lado da fronteira, na Alemanha, os estudantes e funcionários da universidade foram para Clermont-Ferrand, 480 quilômetros a sudoeste.

A administração admite que foi mais fácil focar o heroísmo dos anos passados ali, quando os franceses criaram uma rede de resistência desbaratada pela Gestapo.

A medalha conquistada por causa dela continua em destaque no escritório de Deneken. "A universidade se escondeu atrás dessa glória para evitar a curiosidade em relação ao que ocorrera em Estrasburgo, fazendo um paralelo entre a crença antiga de que a resistência tinha sido ampla e que o verdadeiro coração francês estava em Londres, com Charles de Gaulle, nunca em Vichy, com Philippe Pétain. Só que isso não era verdade", enfatiza.

A comissão recebeu uma verba de € 750 mil —8% de seu orçamento anual para pesquisas—, quantia que saiu praticamente inteira da própria universidade. Aos seus membros foi pedido que expandissem a história da Reichsuniversität e determinassem se ainda havia no campus restos mortais usados em experimentos.

Eles acharam mais de mil lâminas de microscópio de Hirt, além de uma coleção de patologia que incluía 134 preparações macroscópicas mantidas em jarros —como amostras de tecidos ou órgãos—, mas não encontraram provas de que esses objetos estivessem ligados aos experimentos criminosos. Também confirmaram a identificação feita por Toledano, de mais de 230 russos que morreram nos campos e cujo corpo foi usado para pesquisas anatômicas.

O relatório ainda revela os crimes cometidos por três professores da faculdade de medicina da Reichsuniversität que usavam o campo como fonte de seus experimentos: Hirt, Eugen Haagen e Otto Bickenbach.

Já se sabia que quatro detentos do grupo sinti (cigano) morreram depois que Bickenbach os usou como cobaias para o fosgênio, gás de combate usado na Primeira Guerra Mundial, mas o comitê identificou outras 36 vítimas. E mais sete dos testes com o gás mostrada de Hirt, além de 196 mortos em decorrência do estudo de Haagen sobre a vacina contra o tifo.

Os especialistas fizeram questão de frisar que esses pesquisadores nazistas seguiram os métodos científicos ao extremo, sem nenhuma diretriz de ética, mas não eram pseudocientistas —tanto que a Agência de Proteção Ambiental americana usou os testes de Bickenbach como referência até 1988.

"O potencial da medicina de fazer o bem é infinito, mas geralmente ignoramos que o mesmo vale para o mal. É verdade principalmente para os médicos que atuam em um sistema político que permite, apoia e até recompensa as transgressões éticas. É por isso que precisamos manter os olhos na história o tempo inteiro", reflete Sabine Hildebrandt, médica de Boston e professora de anatomia da Universidade Harvard que fez parte da comissão e se dedicou extensivamente à questão da anatomia no Terceiro Reich.

Uma pequena placa de metal afixada perto de uma entrada pouco usada do prédio de anatomia é a única lembrança e celebração dos 86 judeus mortos sob a supervisão de Hirt em 1943, só que inclui apenas o nome daqueles que descobriram os corpos, em 2005, não o das vítimas.

A comissão recomendou que a universidade crie espaços públicos de reconhecimento dos crimes e identifique claramente os mortos, exiba e explique os restos humanos que continuam fazendo parte das coleções, garanta que os alunos aprendam o que houve durante o período e patrocine mais pesquisas históricas e de arquivo.

A instituição concordou. "Estamos encarando nossa história e agora temos uma responsabilidade com as gerações futuras", conclui Mathieu Schneider, vice-reitor responsável pela implantação das mudanças.

Espécimes de patologia humana feitos no Reichsuniversität Strassburg, atual Universidade de Estrasburgo, de 1941 a 1944 Dmitry Kostyukov - 12.mai.22/The New York Times

LEIA TAMBÉM

opinião
➲ Conformidade ideológica pode desviar foco de obras p. 2

opinião
➲ Favela no interior de SP dá show de reinvenção p. 3

f5
➲ Jennette McCurdy lança livro em que celebra morte da mãe p. 4

Conformidade ideológica pode desviar objetivo principal de obra

Isaac Bashevis Singer defende, em ensaios de nova coletânea, que todo escritor é uma espécie de dissidente

O escritor Isaac Bashevis Singer retratado em 1969 Israel Press and Photo Agency (I.P.P.A.)/Dan Hadani collection, National Library of Israel/Wikimedia Commons

OPINIÃO

Juliana de Albuquerque
Escritora, doutora em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv

"Old Truths and New Clichés" bem que poderia ser o título de um ensaio sobre a nossa época, a ressaltar como nos deixamos levar por falsas polêmicas e lugares-comuns, em detrimento do que realmente importa. No entanto, trata-se de uma recém-lançada coletânea de textos de Isaac Bashevis Singer (1903-1991), escritor de língua iídiche e vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1978.

Singer se tornou conhecido por contar histórias que remontam à vida dos judeus poloneses antes da catástrofe do século 20, muitas das quais revelam o seu profundo conhecimento do folclore, dos costumes e das crenças de segmentos ortodoxos daquela população.

Ele é autor de romances, entre os quais destaco "Satã em Goraï", livros para crianças, como "O Golem", memórias, ao exemplo de "No Tribunal do Meu Pai", no qual oferece um precioso registro da sua infância em Varsóvia, e uma infinidade de contos, muitos dos quais foram publicados em coleções como "Breve Sexta-Feira" e "Uma Coroa de Penas".

Biógrafos de Singer costumam dizer que ele trabalhava incessantemente, sempre a carregar consigo um bloco de notas no qual pudesse rabiscar alguma coisa, além de supervisionar a tradução ou de realizar a edição dos seus próprios textos, inicialmente publicados em veículos da imprensa iídiche norte-americana, como o jornal Jewish Daily Forward —o Forverts—, no qual ele passou a trabalhar a partir do início dos anos 1940, algum tempo após a sua chegada aos Estados Unidos.

Fora isso, a partir da década de 1950, quando a fama finalmente bateu à sua porta, graças à publicação de um dos seus contos, "Gimpel, o Bobo", pela revista Partisan Review e, mais tarde, ao receber o Nobel de Literatura, Singer passou a ser convidado para ministrar cursos, proferir palestras e conceder entrevistas sobre os mais variados temas relacionados aos universos da literatura e do judaísmo.

A ideia de se publicar uma coletânea de ensaios de Isaac Bashevis Singer é antiga, havendo, em determinado momento, partido do próprio autor. No entanto, ela foi postergada por tempo indeterminado e jamais teria saído do papel não fosse a dedicação de David Stromberg em convencer o filho de Singer, Israel Zamir, da importância do projeto.

Em entrevista para o Times of Israel, Stromberg explica que o seu desejo de editar tal coletânea havia surgido de uma viagem de pesquisa aos arquivos de Singer em Austin, na Universidade do Texas. Ele comenta que ao examinar as 176 caixas do acervo, ficou surpreso em notar que alguns desses ensaios já haviam sido editados e traduzidos pelo próprio autor.

Por fim, sugere que, talvez, esse material ainda não tivesse recebido a devida atenção tanto em razão da imagem que Singer construíra de si enquanto contador de histórias, como em virtude do período em que esses documentos estiveram fora do alcance de pesquisadores, já que organização dos seus arquivos levou quase uma década para ser concluída.

Resultado de um trabalho que teve início em 2014, a coletânea organizada por Stromberg é composta de 19 ensaios agrupados em três seções que refletem alguns dos principais interesses de Bashevis Singer, entre eles literatura e escrita, iídiche e judaísmo, memória e filosofia.

Boa parte do que é tratado nesses textos já é conhecido por estudiosos da obra do autor, sobretudo através das suas entrevistas, como a célebre conversa com o jornalista Richard Burgin, publicada em 1985 pela editora Doubleday. No entanto, vale a pena conferir o modo como a escrita de Singer se adapta ao gênero ensaístico, a comprovar sua versatilidade enquanto escritor.

Ainda nesse sentido, chamo atenção para a primeira parte do livro, na qual estão reunidos sete textos de crítica literária, nos quais Singer escreve com destreza sobre grandes nomes da literatura europeia, como Balzac, Flaubert, Tolstói e Dostoiévski, além de se mostrar atento ao que estava sendo produzido na época, nos Estados Unidos e no mundo, tanto em termos de literatura quanto de crítica.

Aqui, muito mais que nas entrevistas, fica claro o que Singer entende por literatura e pela relação que esta deve guardar com outras áreas do conhecimento, ao exemplo da psicologia, da sociologia, da filosofia e do jornalismo. Assim, no ensaio que empresta título à coletânea, Singer chama a atenção do leitor para o fato de que a literatura deve ser informativa, mas que os escritores não podem se enganar, achando que alguém vai ler um romance na tentativa de acumular conhecimento sobre um assunto:

"As grandes obras literárias contêm elementos de psicologia e de sociologia, mas ninguém lê Tólstoi para conhecer a questão agrária na Rússia, ou 'Crime e Castigo' para aprender sobre psicologia criminal. Os capítulos de 'Anna Karenina' e 'Guerra e Paz' nos quais Levin ou Pierre discutem os problemas dos camponeses russos são as partes mais chatas desses romances", escreve.

"[Por sua vez] 'Crime e Castigo' nos confere acesso a psicologia de um criminoso específico, de um caso único na história da criminologia. Raskólnikov não é um arquétipo, mas um personagem, e por meio do seu comportamento aprende-se muito pouco sobre a criminologia em geral."

Tanto aqui quanto em outros ensaios, Singer enfatiza que a literatura deve se preocupar em expressar o que é particular a cada indivíduo e que a arte literária corre o risco de se perder a partir do momento em que críticos e leitores passam a exigir do autor qualquer espécie de conformidade intelectual ou ideológica.

Singer ainda reclama que o autor deve ser livre para experimentar, sendo, por isso mesmo, uma figura que se coloca em permanente conflito com o seu próprio meio, pois todo bom escritor seria uma espécie de dissidente.

Essa lição faz-se presente em todos os textos da coletânea e talvez surpreenda aqueles que até agora tenham se aproximado da sua obra de modo ingênuo, como se o autor não passasse de uma espécie de porta-voz da tradição judaica do Leste Europeu, principalmente do ambiente hassídico ou ortodoxo, sem levar em consideração como a sua escrita —com ênfase radical no respeito pelo que existe de genuinamente único em cada indivíduo— também entra em choque com as limitações daquele universo.

Filho e neto de rabinos, Singer demonstra exímio conhecimento de fontes religiosas nos ensaios em que escreve exclusivamente sobre judaísmo e misticismo judaico.

Em um desses ensaios, ele apresenta os principais conceitos que norteiam o estudo da cabala de maneira simples e direta. Em outro, ele oferece uma reflexão sobre o estilo de vida da comunidade ortodoxa de Williamsburg, no Brooklyn, Nova York, no qual pondera sobre a importância da vestimenta como uma forma de linguagem.

Já para quem se interessa pela literatura e o teatro em língua iídiche, a coletânea apresenta dois excelentes ensaios que tanto servem de introdução a esses assuntos quanto de crítica, principalmente quando Singer enfatiza que, para permanecer viva, a literatura iídiche deve se esforçar para refletir as experiências e as atitudes contemporâneas dos falantes dessa língua, sempre a tomar cuidado em evitar qualquer espécie de sentimentalismo e para não transformar o passado em uma caricatura.

Sendo assim, recomendo a leitura de "Old Truths and New Clichés" a todos os que se interessam pela obra de Singer e aos que desejam desenvolver um conhecimento mais aprofundado desse autor, que, há algum tempo, pouco antes de estourar a pandemia de Covid-19, tornou-se uma das minhas principais companhias.

[...]

Tanto aqui [em 'Old Truths and New Clichés'] quanto em outros ensaios, Singer enfatiza que a literatura deve se preocupar em expressar o que é particular a cada indivíduo e que a arte literária corre o risco de se perder a partir do momento em que críticos e leitores passam a exigir do autor qualquer espécie de conformidade intelectual ou ideológica

Essa lição faz-se presente em todos os textos da coletânea e talvez surpreenda aqueles que até agora tenham se aproximado da sua obra de modo ingênuo, como se o autor não passasse de uma espécie de porta-voz da tradição judaica do Leste Europeu

Favela no interior de SP dá show de reinvenção

União de esforço público e privado e trabalho da comunidade tornará Vila Itália, em São José do Rio Preto, Marte 3D

OPINIÃO

Mauro Calliari
É administrador de empresas e doutor em urbanismo. É professor, palestrante e autor do blog Caminhadas Urbanas e do livro Espaço Público e Urbanidade em São Paulo

Vista da Vila Itália, única favela de São José do Rio Preto, que será reconstruída Fotos Divulgação

O avião fretado pousa em São José do Rio Preto. Mais de cem empresários descem e vão até a favela Marte. Ali, tiram fotos, entram nos barracos e conversam com moradores. A cena inusitada, transmitida no Jornal Nacional de 19 de março deste ano, é o resultado de uma das mais midiáticas mobilizações em torno de um projeto de reconstrução de uma favela no Brasil.

Na semana passada, estive na favela, num dia em que os últimos moradores estavam mandando seus pertences embora e os barracos já começavam a ser destruídos. O cenário permite entrever a precariedade da vida no local até então. Casas feitas de sobras de plástico e ripas de madeira. Lixo. A imagem de um vaso sanitário solitário num resto de cômodo expõe a falta de ligação com o esgoto, a precariedade dos aposentos.

A favela vai ser totalmente reconstruída. Essa mobilização aconteceu num tempo tão rápido que chega a ser surpreendente. Como, em um estado com milhões de pessoas morando em favelas, uma área relativamente pequena conseguiu mobilizar tanta gente e obter tanta visibilidade?

Uma série de fatores pode explicar essa mobilização.

O primeiro fator é que essa é a única favela oficial de São José do Rio Preto, um constrangimento numa cidade de quase meio milhão de pessoas com alto IDH. A possibilidade de zerar o déficit habitacional é sedutora para qualquer gestor municipal, mas ali há uma real condição para isso.

A situação da favela também ajuda a pensar em uma intervenção. Está numa área relativamente plana, entre uma ferrovia e uma reserva. Também não é grande, 240 barracos para 673 pessoas. Em São Paulo, isso equivale a apenas um pedacinho de uma grande favela. Também é um local em que a presença do tráfico ainda não chegou com a intensidade que chegou a outras.

Tudo isso explica um pouco das condições objetivas para a escolha desse lugar; mas faltava entender qual é a força capaz de juntar a comunidade local, o poder público e uma parcela importante do empresariado brasileiro em torno de um grande projeto.

Tudo parece ter começado com a mobilização da comunidade em torno de demandas para melhorar acesso e condições de habitação, como me explicou o líder comunitário Benvindo Nery Pereira. Nesse momento, o Instituto Valkírias World, da empreendedora social Amanda Oliveira, ali de Rio Preto, deu visibilidade à causa e levou o problema mais longe.

E aqui aparece um personagem incontornável. Edu Lyra, CEO da ONG Gerando Falcões. O empreendedor, que cresceu numa favela, foi o propulsor do projeto, conversando com moradores, envolvendo empresas e doadores, engajando a prefeitura e o governo do Estado. O dinheiro veio.

Serão R$ 24 milhões da CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo), R$ 15 milhões da Prefeitura de Rio Preto, R$ 4 milhões do Fundo Social de São Paulo e R$ 15 milhões (por enquanto) de doações angariadas pela ONG. Além disso, há dezenas de ideias de capacitação e melhorias que começam a surgir antes mesmo da construção, como o acordo para WiFi grátis, anunciado na última quinta-feira (11).

Projeto de Marcos Boldarini para o local, que a população escolheu rebatizar de Marte 3D

O projeto arquitetônico e urbanístico ficou a cargo de Marcos Boldarini, arquiteto que, junto à Secretaria de Habitação de São Paulo, tem criado projetos funcionais e bonitos em áreas precárias.

Os moradores discutiram as ideias e optaram pelo formato de residências horizontais, em vez de prédios. Assim, o plano prevê casinhas, lojas, praças, ruas compartilhadas, um centro comunitário e até um inesperado Museu da Pobreza, que vai fazer as pessoas se lembrarem de como eram os tempos mais difíceis. Basta comparar com qualquer projeto do Minha Casa, Minha Vida ou Casa Verde e Amarela para constatar a qualidade do que está sendo proposto.

Até o nome da favela mudou, de Vila Itália para Marte 3D. A ideia é que a pobreza acabe antes "que Elon Musk colonize Marte". Pode parecer estranho, mas o fato é que os moradores votaram, aprovaram e é com o novo nome que o projeto deverá ser inaugurado em dois anos.

Essa preocupação de olhar para um futuro que ainda não existe parece ser parte do espírito da Gerando Falcões. A maior de suas bandeiras, o empreendedorismo, pode soar estranha às condições de uma favela, mas evoca uma visão sedutora para quem tem pouco ou quase nada: a de que as coisas vão melhorar.

Se der certo, essa história pode gerar três reflexões.

A primeira é que dá para ser muito mais eficiente no combate à precariedade da habitação, uma prioridade nacional, coordenando as várias esferas públicas e atraindo apoiadores privados.

A segunda é que parece haver mais gente e empresas dispostas a apoiar boas iniciativas, desde que elas confiem que as coisas vão acontecer.

A terceira é que moradores são capazes de se organizar para pleitear, decidir e legitimar bons projetos.

Uma questão, porém, permanece. Qual é o grau de replicabilidade desse projeto? Será que essa trabalheira consegue ser refeita em outros lugares?

Lyra acredita que sim; tanto é que não há apenas um, mas quatro projetos-piloto. Além de São José do Rio Preto, há uma favela em Maceió, outra em Ferraz de Vasconcelos (que também está mudando de nome, de Boca do Sapo para Favela dos Sonhos) e a mais emblemática, no Morro da Providência, no Rio.

O maior desafio é a escala. Apenas a cidade de São Paulo tem quase 3 milhões de pessoas em favelas. Vale a pena conhecer as intervenções do Programa de Reurbanização de Favelas da Prefeitura, que têm que se adequar às diferentes condições de cada lugar. Em Paraisópolis, lugar de altíssima densidade, a solução são os prédios baixinhos. No Jardim Edith, ao contrário, foi construído um prédio alto, um exemplo de dignidade e inserção urbana. No Cantinho do Céu, uma área precária na periferia, foi feita a ligação de esgotos para evitar que 10 mil pessoas continuassem a jogar esgoto na Billings.

Não há fórmula mágica para resolver o problema da habitação, mas a mobilização em torno de bons projetos e junto às comunidades é certamente um bom caminho para que as coisas aconteçam. Qualquer projeto que ajude as pessoas a viverem num ambiente digno merece aplauso e torcida.

Descentralização é aposta para saneamento além do básico

PAPO DE RESPONSA

Felipe Gregório
Arquiteto, urbanista e ambientalista. Fundador da Florescer Brasil, destaque no Prêmio Empreendedor Social 2020 e Empreendedor de Impacto 2021 pela StartSe

O saneamento no Brasil é básico. O jogo de palavras comumente ouvido nas rodas de conversa sobre o setor reflete a realidade de um país que esqueceu de se preocupar com o, permita-me a redundância, básico.

Números oficiais apontam 35 milhões de habitantes sem acesso a água encanada em casa e mais de 100 milhões de pessoas sem esgoto coletado no país.

A temática e suas dores, que ficaram em pauta no início de 2020, data que coincide com a chegada da Covid-19 ao Brasil, evidenciaram ainda mais a preocupação com questões ligadas diretamente à saúde da população.

Com aprovação da lei nº 14.026/2020, atualizou-se o chamado Marco Legal do Saneamento Básico, que tem como metas garantir que 99% da população tenha acesso à água potável e 90% à coleta e tratamento de esgoto até 2033.

Em um país de dimensões continentais e com histórico de desvio de recursos no mínimo duvidoso, levar redes de coleta e tratamento para quase toda a população tem sido mais um desafio no que tange a transparência das superfaturadas obras enterradas e, consequentemente que ninguém vê, de infraestrutura básica.

Somam-se a isso números que quase não chegam ao conhecimento público, como os mais de 60 mil boletins de ocorrência registrados nos últimos cinco anos relacionados a disputas pela água —uma média de pelo menos 30 ocorrências diárias.

Água esta que, apesar de abundante em nosso território, uma vez que o Brasil detém a maior reserva de água doce do mundo, com 12% do volume total, vem sofrendo cada vez mais com ações irresponsáveis do próprio ser humano, sobretudo na descarga de contaminantes em corpos hídricos.

A recarga de lençóis freáticos, fonte de água doce para muitas famílias, vem sendo a cada dia mais comprometida. Estima-se que aproximadamente 70% da água do país se destine a atividades agrícolas, sejam elas de subsistência ou para engordar, no caso hidratar, o "pop" agro.

Parte importante dessa recarga é proveniente de efluentes de esgotamento sanitário e, para ajudar a sanar este problema, o uso de tecnologias sociais para o tratamento de esgoto descentralizado vem sendo pluralizado no país.

Entende-se aqui por descentralizado: tecnologias que não absorvem volumes provenientes de várias casas ou bairros ou, ainda, não conectadas às redes coletoras.

> [...]
> Números oficiais apontam 35 milhões de habitantes sem acesso a água encanada em casa e mais de 100 milhões de pessoas sem esgoto coletado no país

É neste cenário que empresas também sociais, como a Florescer Brasil, vêm contribuindo. Há mais de três anos no setor e presente em 12 estados, a Florescer já doou e instalou mais de 200 unidades sanitárias individuais.

As USI's, como são conhecidas, contribuem efetivamente para que o volume do efluente tratado seja retornado à natureza livre de contaminantes.

O equipamento, único que possui função 3 em 1 do mercado nacional (tanque séptico, filtro anaeróbico e sumidouro), permite ainda que os beneficiários não sejam onerados com os serviços de limpa-fossa com recorrência, manutenção que chega a ocorrer a cada 45 dias.

Foi o que se viu por exemplo em Coité, distrito de Mauriti, cidade a cerca de 90 km de Juazeiro do Norte (CE). Lá, com apoio do Magazine Luiza e da Caloi, a Florescer doou 15 unidades de tratamento para famílias dos vilarejos que são assistidos pela ONG Amigos do Bem.

Já no pico do Jaraguá, na capital paulista, seis núcleos de aldeias indígenas de etnia guarani recebem regularmente as USI's para tratamento de seu esgoto. Ao todo, o projeto de reestruturação sanitária que a empresa social desempenha na região visa implantar 45 unidades, das quais 7 já se encontram in loco.

E não são apenas áreas remotas que recebem a tecnologia. No recém-inaugurado Parque Linear Bruno Covas, 11 unidades dos equipamentos foram encomendadas para o tratamento descentralizado —3 já foram instaladas.

No local, inacessível para a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), a tecnologia provou ser funcional não em áreas remotas. A descentralização do saneamento trouxe versatilidade e esperança para nossa população.

Jennette McCurdy relembra relação abusiva com a mãe em novo livro

Conhecida como a Sam de iCarly, a atriz revista bastidores de seu sucesso precoce e distúrbios

F5

Dave Itzkoff

A atriz Jennette McCurdy, autora de 'I'm Glad My Mom Died', em Nova York Ahmed Gaber - 20 jun.22/The New York Times

THE NEW YORK TIMES Quando Jennette McCurdy tinha 16 anos, ela estava gravando a terceira temporada da série "iCarly", uma sitcom adolescente que fez muito sucesso na rede Nickelodeon. Milhões de jovens espectadores a admiravam por sua interpretação engraçadíssima de Sam Puckett, a amiga desbocada da personagem título da série, e McCurdy se sentia orgulhosa de ter um emprego lucrativo que permitia que ela ajudasse a sustentar sua família.

A atriz vivia sob o rigoroso controle da sua mãe, Debra, que supervisionava sua carreira, decidia sobre suas refeições —os jantares dela consistiam de pedacinhos picados de mortadela de baixo teor calórico e alface, com um molho de salada— e controlava até o tempo que ela passava no banho.

A mãe de McCurdy a submetia a exames vaginais e de seios, afirmando que eram inspeções de prevenção de câncer e depilava as pernas da filha, que recebia quase nenhuma informação sobre as mudanças que seu corpo estava vivendo. Ela enfrentou distúrbios obsessivo-compulsivos, distúrbios alimentares e ansiedade, causados pela atenção constante que recebia como celebridade, mas sentia-se uma prisioneira em seu trabalho.

Também acreditava dever uma lealdade inabalável à sua mãe, que tinha se recuperado de um câncer de mama quando Jennette era muito nova —um câncer que retornou em 2010, no auge da fama da filha.

Debra McCurdy morreu em 2013, e Jennette, 30, continua a ter de lidar com a atração gravitacional exercida por sua mãe, que a conduziu à profissão que lhe valeu fama e estabilidade financeira mas ao mesmo tempo controlava praticamente todos os aspectos da existência da filha.

Quando Jennette McCurdy escreveu um livro de memórias, que a editora Simon & Schuster lançou nos Estados Unidos, ficou claro para ela que era o relacionamento com sua mãe que proporcionaria força narrativa à história. "É o batimento cardíaco da minha vida", disse a atriz.

O título do livro é "I'm Glad My Mom Died" [fico feliz por minha mãe ter morrido] e a capa traz a imagem de McCurdy, com um meio-sorriso no rosto e segurando uma urna funerária cor-de-rosa, da qual confetes escapam pela borda. É uma imagem que pode afastar alguns leitores e a autora está bem ciente disso. Mas ela também acredita que a imagem encapsula com exatidão uma história de amadurecimento que alterna momentos sombrios com relances de humor ferino.

"Acho que fiz o processamento necessário, que me esforcei o suficiente para justificar um título ou um conceito que possa parecer provocador", ela disse.

Embora o currículo de McCurdy seja o de uma experiente veterana de Hollywood, o comportamento dela em uma visita a Nova York no final de junho era o de uma turista deslumbrada.

Quando se trata de novas empreitadas, disse McCurdy, as coisas devem lhe parecer naturais. "Passei boa parte da minha vida forçando coisas, batalhando com relação a coisas. Agora, quando algo parece estar funcionando, deixo quieto e tudo mais eu largo pelo caminho."

> **Fui muito explorada durante toda a minha infância e adolescência. Meu sistema nervoso ainda reage quando falo a respeito. Havia casos em que as pessoas tinham as melhores intenções e talvez não soubessem bem o que estavam fazendo. E também casos em que sabiam. Sabiam exatamente o que estavam fazendo**
>
> **Jennette McCurdy**
> atriz e autora

Como McCurdy relata no livro, ela tinha seis anos quando começou a fazer audições para papéis de televisão, depois de ser induzida pela mãe a apostar nesse caminho. (Os pais de Debra McCurdy desencorajaram seu desejo infantil de se tornar atriz.)

Jennette cresceu no sul da Califórnia e fez participações em comerciais e séries de televisão como "Mad TV", "Malcolm in the Middle" e "CSI", antes de conseguir o papel em "iCarly", que estreou em 2007. Mas ela jamais teve ilusões sobre quem estava se beneficiando realmente dessas conquistas. Ao escrever sobre o momento em que foi informada de que tinha sido escolhida para "iCarly", ela afirma: "Tudo vai melhorar. Mamãe enfim ficar feliz. O sonho dela se tornou realidade".

McCurdy teve de suportar muitos embaraços e indignidades na Nickelodeon; no livro, ela conta que teve de posar de biquíni para uma sessão fotográfica de teste e que foi encorajada a beber álcool por uma figura intimidadora a quem chama simplesmente de "o Criador".

Em momentos como esses nos quais Debra estava presente, ela jamais interveio ou se pronunciou —pelo contrário: sua reação era dizer à filha que aquele era o preço do sucesso no show business.

Quando prometeram a McCurdy uma série derivada de "iCarly", ela presumiu que comandaria o elenco —mas terminou dividindo com a futura estrela pop Ariana Grande o comando da série "Sam & Cat".

Naquele momento, ela conta, seus superiores no programa a impediam de buscar outras oportunidades fora da série, enquanto Grande prosperava em seu trabalho extracurricular. McCurdy escreve que "o que finalmente me desiludiu foi quando Ariana chegou ao estúdio soltando gritinhos de entusiasmo porque tinha passado a noite anterior jogando charadas na casa de Tom Hanks. Aquele foi o momento em que quebrei".

À medida que McCurdy crescia e se tornava mais independente, sua relação com a mãe se tornou ainda mais tensa. O livro reproduz um email no qual a mãe a define como "vadia", "sirigaita" e "monstro horrível", e termina com um pedido de dinheiro para comprar um refrigerador. Quando o câncer voltou e Debra morreu, Jennette, 21, estava livre —e se viu forçada a navegar por um mundo complexo sem a orientação de Debra, lutando com relações românticas destrutivas, bulimia, anorexia e abuso de álcool.

A série original de "iCarly" terminou em 2012, e "Sam & Cat" durou apenas uma temporada, 2013/2014; depois disso, revela McCurdy no livro, ela recusou uma oferta de US$ 300 mil (mais de R$ 1,5 milhão) em bonificação da Nickelodeon se ela concordasse em jamais falar publicamente de suas experiências na rede. (Um representante de imprensa da Nickelodeon recusou-se a comentar.)

Ela estava livre para recuperar o controle de sua vida pessoal e buscar novos projetos, como a série de ficção científica "Between", na Netflix. Mas McCurdy enfrentou dificuldades para esquecer o ressentimento pelo tratamento que recebeu quando mais nova. Ela declarou que "a sensação era de que aquelas decisões todas estavam sendo tomadas em meu nome, e eu era a última a saber sobre elas. Isso é realmente irritante. Causou muita raiva".

Ainda hoje, McCurdy sente que recordar a época de seu estrelato infantil redesperta sentimentos cruéis sobre uma mãe e uma profissão, que não a protegeram como deveriam.

"Fui muito explorada durante toda a minha infância e adolescência", disse a atriz. "Meu sistema nervoso ainda reage quando falo a respeito. Havia casos em que as pessoas tinham as melhores intenções e talvez não soubessem bem o que estavam fazendo. E também casos em que sabiam. Sabiam exatamente o que estavam fazendo."

Marcus McCurdy, o mais velho dos três irmãos de Jennette, disse que sua mãe sempre foi instável, quando eles eram crianças. "Nós estávamos sempre pisando em ovos. Ela vai ser a mãe boazinha ou a mãe louca, hoje? Um dia ela estava bem, no dia seguinte saía gritando com todo mundo."

> **Foi significativo [trabalhar suas memórias em um 'one woman show' e no livro], para ajudar a reparar parte do relacionamento pesado e complicado que sempre tive com a atuação. Senti que finalmente estou dizendo minhas palavras, dizendo coisas que quero dizer. Sou eu mesma**
>
> **Jennette McCurdy**
> atriz e autora

Amigos que conhecem Jennette McCurdy desde que ela era uma atriz infantil disseram que a tensão na relação dela com a mãe era perceptível.

"Jennette tem momentos muito extrovertidos e pode ser desenvolta, atrevida, brilhante e elétrica", disse David Archuleta, um cantor pop que foi finalista do programa American Idol. "Mas também era perceptível que ela era muito cautelosa, muito protetora de sua mãe e as duas eram muito próximas."

Archuleta, cuja carreira foi controlada de perto pelo seu pai quando o cantor era menor, disse que arranjos como esses podem ser destrutivos e se tornar tóxicos para as crianças. "Chega um ponto em que você ouve que é incapaz de tomar decisões por si próprio. Não é capaz de fazer nada por si próprio. Porque você é burro demais."

Miranda Cosgrove, a estrela de "iCarly", disse que embora ela e McCurdy tenham se aproximado rapidamente no programa, ela inicialmente desconhecia muitas das dificuldades que a amiga enfrentava, e que McCurdy só as revelou com o passar do tempo.

"Quando você é jovem, vive muito dentro de sua própria cabeça", disse Cosgrove. "Não consegue imaginar que as pessoas à sua volta talvez estejam passando por lutas muito mais duras."

Para McCurdy, se abrir ao mundo sobre sobre sua vida vem sendo um processo demorado. No final da adolescência e no começo da casa dos 20 anos, ela escreveu uma série de artigos para o The Wall Street Journal na qual revelava alguns de seus insights sobre o estrelato infantil. Mas hoje ela sente que não foi suficientemente franca.

O que ela fez foi começar a se apresentar em um "one woman show", também chamado "I'm Glad My Mom Died", em Los Angeles. Embora a pandemia tenha impossibilitado a realização de uma turnê, McCurdy pôde usar parte do tempo de lockdown para elaborar suas memórias.

"Eu queria reforçar o texto, entrar mais no aspecto infantil da história e trabalhar todo o arco da narrativa, algo que só é possível fazer em um livro", ela explicou.

Marcus McCurdy disse que apoiava a decisão da irmã de escrever suas memórias, mesmo que o título que ela escolheu tenha causado alguma consternação na família.

"Nossa avó ficou muito incomodada com o título", disse Marcus McCurdy, acrescentando que ele e a sua irmã compartilham de um senso de humor semelhante.

McCurdy está escrevendo um novo conjunto de ensaios sobre a maneira pela qual ganhou controle sobre sua vida, depois dos 20 anos, assim como um romance.

Excetuadas algumas festas nas quais sua família se reuniu para assistir ao seu primeiro trabalho em uma série televisiva, McCurdy me disse que "nunca vi nenhum dos programas de que participei". Para ela, os programas são documentos inquietantes sobre seu sofrimento e lembretes indesejáveis do desamparo que sentia naquele período.

Alguns anos atrás, depois do cancelamento de sua série na Netflix, McCurdy decidiu fazer uma pausa no trabalho como atriz. Ela não participou da retomada recente de "iCarly" no serviço de streaming Paramount+. Mas McCurdy disse que a sua experiência fazendo seu "one woman show" lhe mostrou que talvez haja maneiras de o trabalho como atriz se provar construtivo para ela, no futuro.

"Foi significativo, para ajudar a reparar parte do relacionamento pesado e complicado que sempre tive com a atuação", ela disse. "Senti que finalmente estou dizendo minhas palavras, dizendo coisas que quero dizer. Sou eu mesma."

Tradução Paulo Migliacci